



Coleção
Documentos
71

CENTRO DE
LITERATURAS
E CULTURAS
LUSOFONAS
E EUROPEIAS
CLEPUL
Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE
ENCARNADO EM REVISTAS
ILUSTRADAS CARIOCAS DURANTE
OS DECÊNIOS INICIAIS DOS
NOVECENTOS





Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Beatriz Weigert (Universidade de Évora)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)

João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)

José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)

Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Tania Regina de Luca (UNESP)

Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Virgínia Camilotti (UNIMEP)

Francisco das Neves Alves

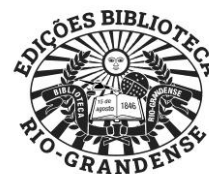
PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS



- 71 -



UIDB/00077/2020



Lisboa / Rio Grande
2023

Ficha Técnica

Título: Presenças da dama do barrete encarnado em revistas ilustradas cariocas durante os decênios iniciais dos Novecentos

Autor: Francisco das Neves Alves

Coleção Documentos, 71

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: O MALHO. Rio de Janeiro, 27 abr. 1918; FON-FON. Rio de Janeiro, 16 nov. 1918; CARETA. Rio de Janeiro, 12 nov. 1921.

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Janeiro de 2023

ISBN – 978-65-89557-80-7

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

APRESENTAÇÃO

Uma mulher vestida à romana, na maioria das vezes portando um barrete à cabeça, ou ainda com variações em sua indumentária, de acordo com o passar do tempo e/ou com os ditames da moda, constituiu uma das mais usuais representações imagéticas para simbolizar a república no Brasil. Esse foi um recurso artístico oriundo das experiências revolucionárias e republicanas da França. A partir daí surgia com muito mais frequência a imagem de uma mulher, envolta no estilo antigo e usando um barrete frígio. Ficava renovada a velha tradição greco-latina da alegoria, há muito codificada para uso dos artistas no sentido de colocar corpos humanos para representar coisas abstratas ou distantes. Desde a Revolução Francesa e a mudança na forma de governo que dela decorreu, tal figura feminina transpassava da definição de uma ideia universal de liberdade para a de república. Seguindo-se as diversas experiências de rebeldia e instauração republicana francesas, consolidava-se tal imagem alegórica associada a processos históricos como conquista da liberdade e revolução e mesmo instalação de regimes republicanos, de modo que tais princípios/ações foram designadas a partir de uma identidade feminil, correspondendo assim a uma sensibilidade coletiva, diante da qual as representações iconográficas passaram a ser acolhidas e difundidas¹.

A influência francesa foi marcante no processo de implantação da forma republicana no Brasil, tanto que, nos momentos iniciais, houve diversos exemplos de, nas solenidades, não havendo outra música a tocar, executava-se

¹ AGULHON, Maurice & BONTE, Pierre. *Marianne – les visages de la République*. Paris: Gallimand, 1992. p. 14, 17 e 19.

a Marselhesa. A dama do barrete encarnado tornou-se também a mais notória representação artística acerca da república, como foi o caso das criações caricaturais. Inicialmente apresentada como a deusa-república, ou seja, a reprodução de uma imagem feminina, com vestes típicas da antiguidade greco-romana, descalça ou de sandálias, barrete frígio, geralmente com a nova bandeira em uma das mãos, a República Brasileira, por meio da caricatura, à medida que se manifestava a insatisfação para com os modelos de implementação do regime, tinha a sua imagem transformada e menoscabada. Nesse sentido, rapidamente os caricaturistas passaram a usar a figura feminina para ridicularizar a república e/ou os seus governantes, como inclusive ocorrera na própria matriz original, a França, de maneira que a virgem ou a mulher heroica dos republicanos foi facilmente transformada em mulher da vida, em prostituta. Ainda que o glamour e a glorificação tenham permanecido ao longo do tempo, em seguida a representação de cunho pejorativo ganhou terreno, refletindo o desapontamento expresso na conhecida expressão de que a vigente não era “a república dos sonhos” e a “desejada”, a qual rapidamente invadiu o mundo dos caricaturistas².

A caricatura pode trazer consigo algumas representações idealizadas acerca daquilo que pretende apresentar, mas também carrega consigo o traço, o desenho, a gravura, representando pessoas, figuras ou fatos de forma grotesca,

² CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 79-80 e 87.

cômica ou satírica³. Desse modo, tal arte destaca o pitoresco de uma sociedade, as suas grandezas e misérias, constituindo um verdadeiro reflexo dos modos de ver, de ser e de parecer de uma época⁴. O desenho caricatural consiste em apreender um movimento, por vezes imperceptível, e torná-lo visível a todos os olhos, aumentando-o⁵ e, como uma arte autônoma, volta-se ao espírito crítico que passa a julgar a sociedade nos seus mais variados setores⁶. Assim, coube aos caricaturistas brincar com a mágica da criação, fazer esses bonecos divertidos e interrogá-los sobre o seu caráter e sobre a sua alma⁷. Como uma obra da inteligência e da cultura a caricatura olha a realidade com a sua lente específica, com o fim de caracterizar aquilo que objetiva no momento, seja um fato ou uma personalidade⁸. Como uma das formas de expressão da imprensa, a caricatura registra o momento histórico, o fato político significativo do dia, vindo também a identificar uma tendência e a firmar uma posição⁹. Nesse contexto, a caricatura permite uma contribuição fundamental ao debate político, desmistificando o poder e incentivando o envolvimento de pessoas comuns nos

³ BAHIA, Juarez. *Dicionário de jornalismo*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. p. 63.

⁴ MORAIS, Fernanda Borges Ferreira; MAGALHÃES, Maria Benedita Cabral de & MORAIS, Maria José da Silva. *A caricatura: um recurso educativo nas aulas de História*. Lisboa: Associação de Professores de História, 1996. p. 6.

⁵ BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre o significado do cômico*. 2.ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1993. p. 31.

⁶ MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Editora UNESP, 2003. p. 304.

⁷ GOMBRICH, E. H. *Arte e ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 364.

⁸ LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 1, p. 28.

⁹ LUSTOSA, Isabel. Humor e política na Primeira República. In: *Revista USP*, set., out. e nov. 1989, p. 64.

assuntos de Estado¹⁰. A sua eficiência humorística também depende da familiaridade que o observador tenha com o tema, de forma a estabelecer-se uma cumplicidade necessária entre ele e o caricaturista¹¹.

No Brasil, a representação cômica da vida nacional adquiriu novas dimensões, em um quadro pelo qual a tradição da feição humorística adquiriu maior força e se aprofundou com o desenvolvimento da imprensa¹², de modo que a comunicação pelo humor e pela caricatura ganhou relevo no país avesso à propagação da palavra escrita¹³. Desde as últimas décadas do século XIX até meados da centúria seguinte, a imprensa voltada à caricatura teve uma fase de amplo desenvolvimento na conjuntura brasileira, aparecendo o Rio de Janeiro como epicentro, além da arte caricatural expressa por meio do jornalismo espalhar-se por algumas das maiores localidades de então. Em tal conjuntura, nos três primeiros decênios dos Novecentos, a caricatura traria a público várias das contradições e das idiossincrasias do modelo primeiramente autoritário para depois consolidar-se como oligárquico, predominante à época da República

¹⁰ BURKE, Peter. *Testemunho ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora UNESP, 2017. p. 121.

¹¹ LUSTOSA, Isabel. Caricatura. In: AVRITZER, Leonardo; BIGNOTTO, Newton; GUIMARÃES, Juarez & STARLING, Heloisa Maria Murgel (orgs.). *Corrupção: ensaios e críticas*. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 232.

¹² SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 297-298.

¹³ MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *Imprensa e cidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2006. p. 26.

Velha, bem como as diversas formas de insatisfação para com esse sistema. Nessa linha, a república seria representada de variadas maneiras, passando, em geral, de um otimismo inicial – manifestado em certo entusiasmo para com a nova forma de governo – para um crescente descrédito em relação à situação vigente, o qual ficaria evidenciado nos estereótipos criados para com a figura feminina que simbolizava o regime. Inicialmente apresentada como a dama ou até mesmo a deusa do barrete frígio, magnânima vencedora sobre a forma de governo decaída, passado algum tempo, a representação da república passaria por drásticas transformações, tendo em vista a insatisfação para com o *status quo*¹⁴, aparecendo a imagem de uma mulher em decadência ou de uma figura feminina que sofria com as mazelas que afligiam o Brasil. Observar tais representações da república nas décadas iniciais do século XX a partir de três revistas ilustradas cariocas constitui o objetivo deste livro.

¹⁴ ALVES, Francisco das Neves. Alegórica república – a nova forma de governo sob o prisma da caricatura: um estudo de caso. In: *Comunicação & política*, v. 9, n. 3, set. – dez. 2002, p. 228.

ÍNDICE

O Malho / 15

Fon-Fon / 107

Careta / 125

O MALHO

Constituindo uma das mais longevas revistas ilustradas e humorísticas publicadas no Rio de Janeiro, *O Malho* circulou entre 1902 e 1953. A partir do título estampado em sua capa, a publicação pretendia “malhar” a sociedade, apontando suas mazelas e defeitos, vindo a criticá-la, censurá-la, escarnecê-la, zombá-la e fazer troça para com ela. Desde o início sua redação empreendeu um esforço no sentido de torná-la uma edição profundamente popular¹⁵ e, com base em tal escopo, chegou a ser uma das mais prestigiosas revistas de crítica¹⁶, com sua distribuição não se restringindo ao âmbito carioca, mas se espalhando por grande parte do país. A partir de seu norte editorial, pretendia levar ao homem da rua o espetáculo dos figurões, proclamando em alto e bom som o que o povo imaginava de fato que fosse o pensamento de cada um dos fantoches do imenso palco da politicagem nacional¹⁷. Seu olhar recaía sobre todo o Brasil, com o foco centrado na capital federal, uma vez que o Rio de Janeiro constituía o maior exemplo da modernidade nacional, síntese daquilo que seria o país em dia com o mundo¹⁸. Em seu frontispício se dizia um semanário humorístico, artístico e literário, destacando que igualmente se dedicaria à política e a assuntos diversos. Ao apresentar-se, figurativamente dizia que sustentaria a missão de utilizar a bigorna, batendo-lhe a ferro na sua oficina, enfatizando, com ironia,

¹⁵ MONTEIRO LOBATO, José Bento Renato. A caricatura no Brasil. In: *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo: Brasiliense, 1946. p. 20-21.

¹⁶ SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 301.

¹⁷ LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 1, p. 146.

¹⁸ SILVA, Marcos A. da. *Caricata República: Zé Povo e o Brasil*. São Paulo: Marco Zero, 1990. p. 12-13.

que manteria a “tranquila consciência”, visando a concorrer “eficazmente para o melhoramento” da “raça humana”. Almejava também contribuir para “todos os elementos” de “desenvolvimento do riso” e, novamente em referência ao seu título, demarcava que, em meio a tantas “tristezas e lamentações”, faria soar “cantante o bimbalar” de “sons alegres” nas bigornas¹⁹.

A mulher-república compareceu recorrentemente nas páginas de *O Malho*, variando as representações desde a exaltação até a plena decepção. No seu primeiro ano de existência, por ocasião do décimo-terceiro aniversário da forma de governo instaurada no 15 de Novembro, o periódico trazia o próprio malhador, com o seu instrumento de trabalho à mão e a pena e o crayon presos à cintura, em sinal da ação caricatural, ao passo que, na outra mão aparecia um busto da dama republicana, só que no lugar da feição impassível, a estátua tinha a boca aberta desmesuradamente, como se estivesse a gritar diante das adversidades vividas pelo país. Na mesma edição, a folha tecia uma comparação entre a *Mlle*. República em sua origem e a hodierna, segundo a qual a primeira mantinha o ar cândido, refletindo pureza e recato, ao passo que a outra trazia consigo um comportamento suspeito, desbragada e debochada, a fumar um cigarro no canto da boca. Igualmente nesse número como uma “fantasia” de um “moderno estilo político”, a revista demonstrava certa devassidão da personagem feminina, ao apresentar “o primeiro beijo” entre um homem público e a própria mulher-república²⁰.

¹⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 1, n. 1, 20 set. 1902.

²⁰ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 1, n. 9, 15 nov. 1902.



PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





O aniversário republicano de 1903 foi igualmente visto com descrédito por parte de *O Malho*, o qual sobre a data em pauta limitou-se a mostrar o Zé Povo – representação da população brasileira – bastante preocupado com a situação da mulher-república, que se encontrava debilitada e acamada, sem ao menos portar o seu barrete, havendo o comentário dele de que, apesar dos treze anos passados, ela ainda não conseguira levantar-se²¹. No ano seguinte, aparecia o casamento entre a dama republicana e o Presidente, permanecendo o destaque da ausência do povo na cerimônia, em clara alusão à pouca participação popular nas decisões políticas do país²². Diante do busto com a figura feminina, um político paraense reclamava que aquela não era a república do seus sonhos, ao que a escultura, cujo barrete atrapalhava o seu campo de visão, alegava que a culpa por aquilo advinha dos próprios homens públicos²³. Por outro lado, uma dama guerreira de barrete encarnado, ao lado do Presidente, impedia a ação de um dragão identificado com a anarquia²⁴. Diante de uma figura feminina fortemente armada, correspondendo à “ditadura militar”, uma jovem república desconfiava da aproximação da outra, sendo tranquilizada pelo político Rui Barbosa²⁵.

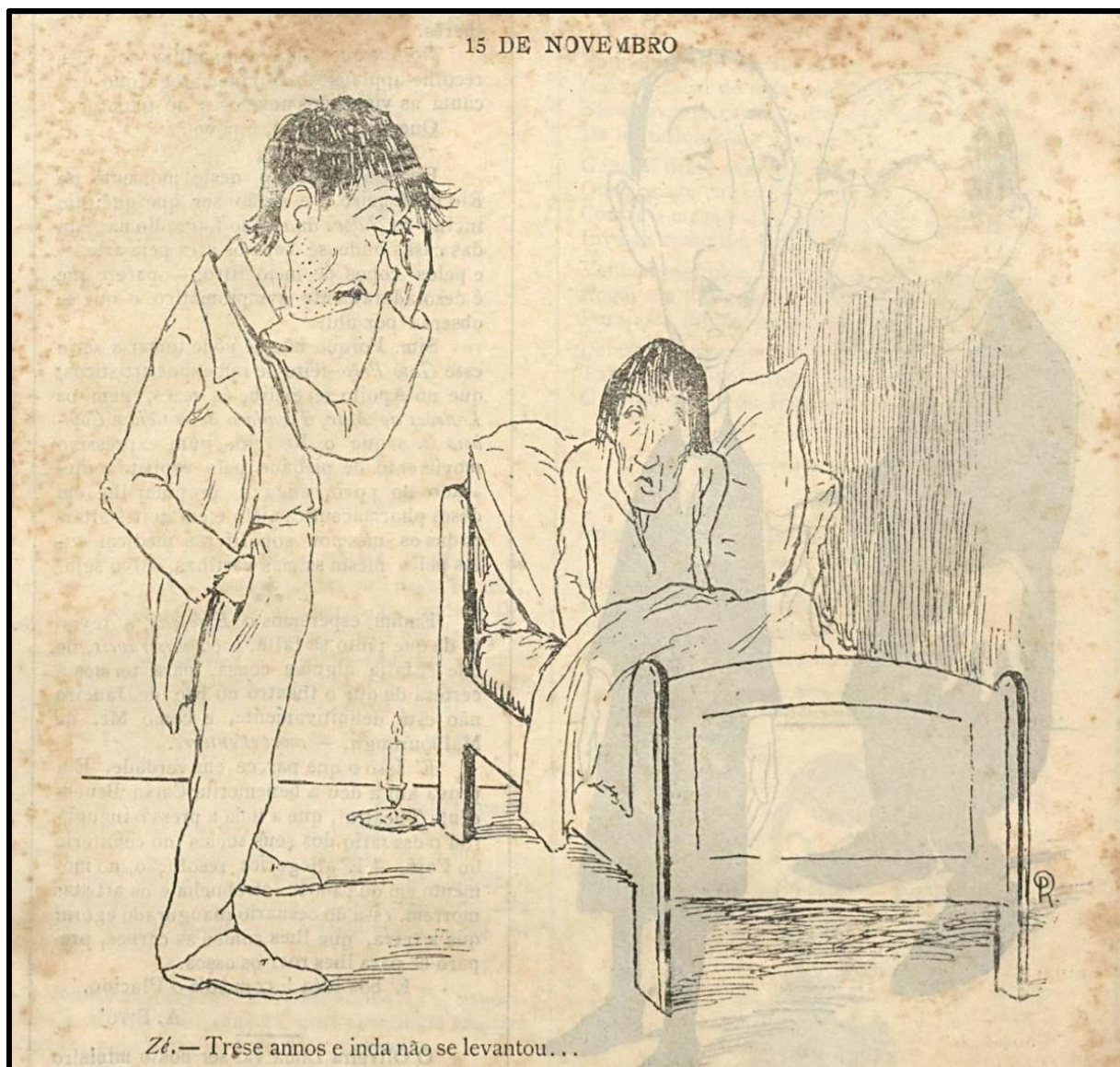
²¹ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 2, n. 61, 14 nov. 1903.

²² O MALHO. Rio de Janeiro, a. 3, n. 113, 12 nov. 1904.

²³ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 3, n. 114, 19 nov. 1904.

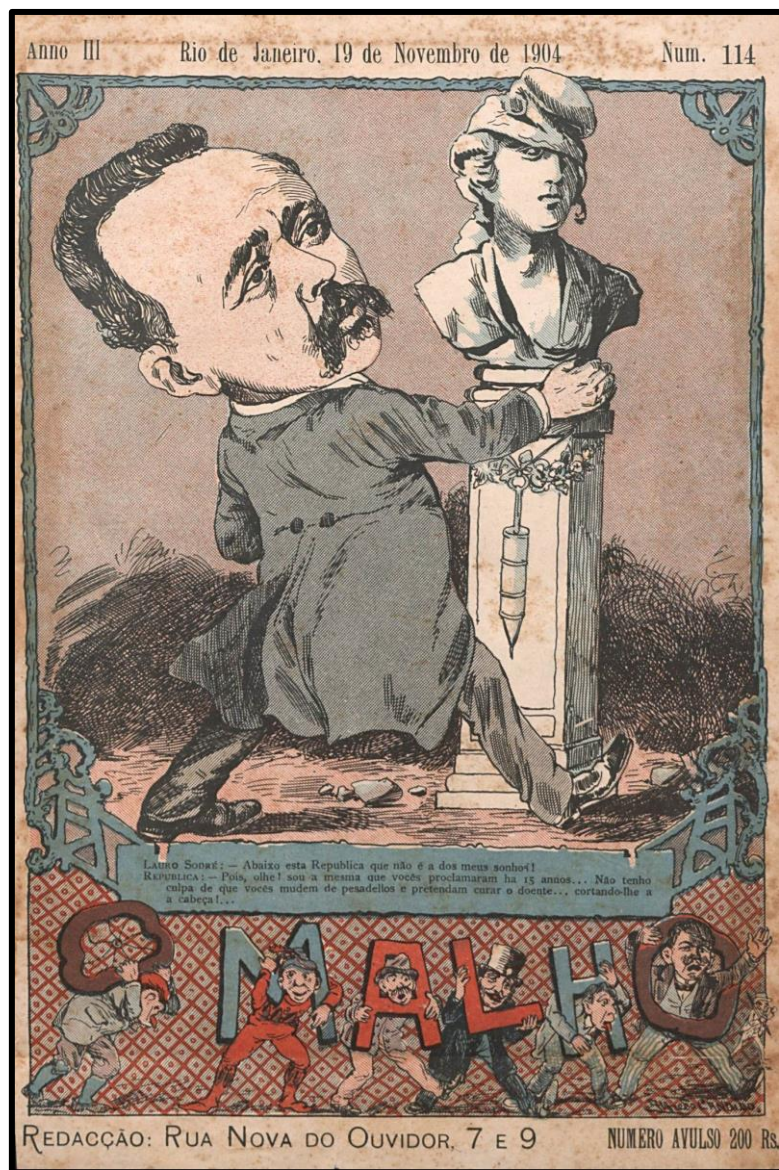
²⁴ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 3, n. 115, 26 nov. 1904.

²⁵ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 3, n. 116, 3 dez. 1904.

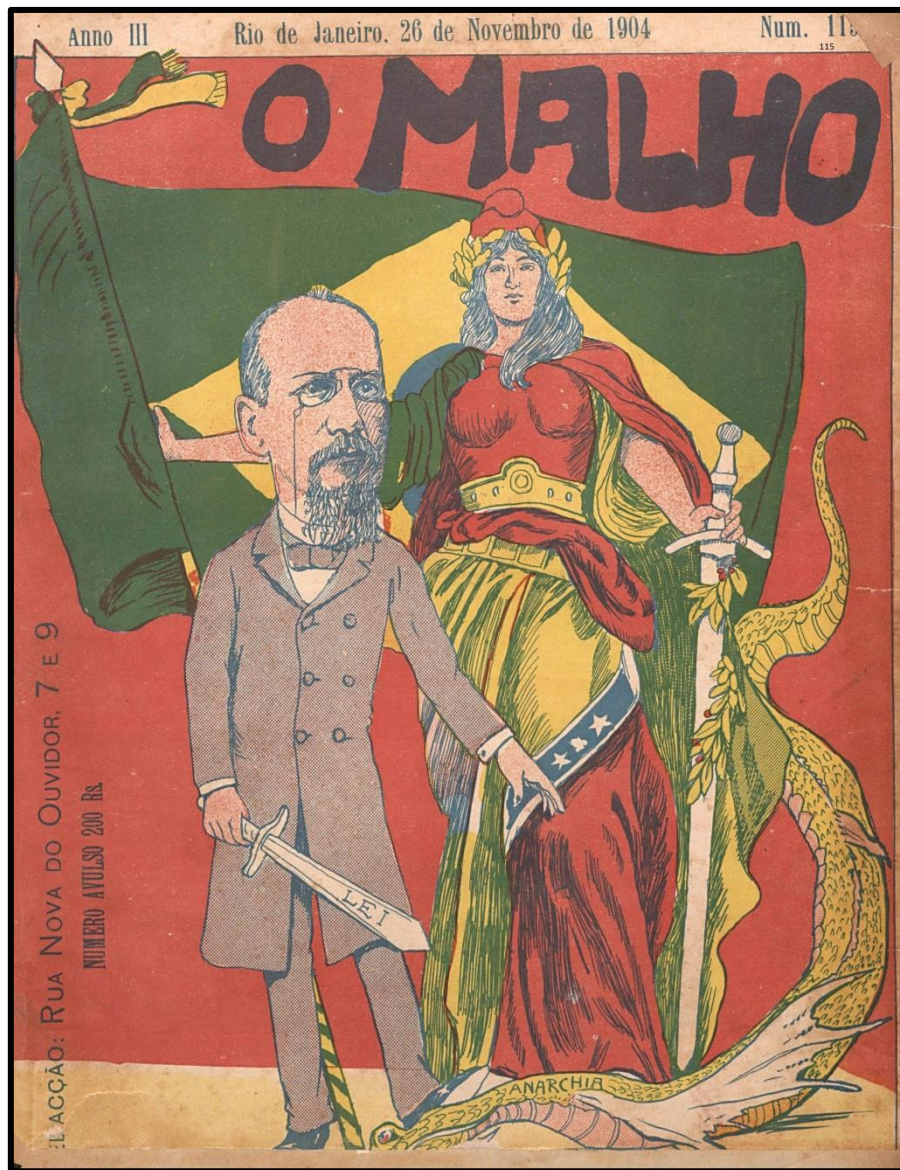


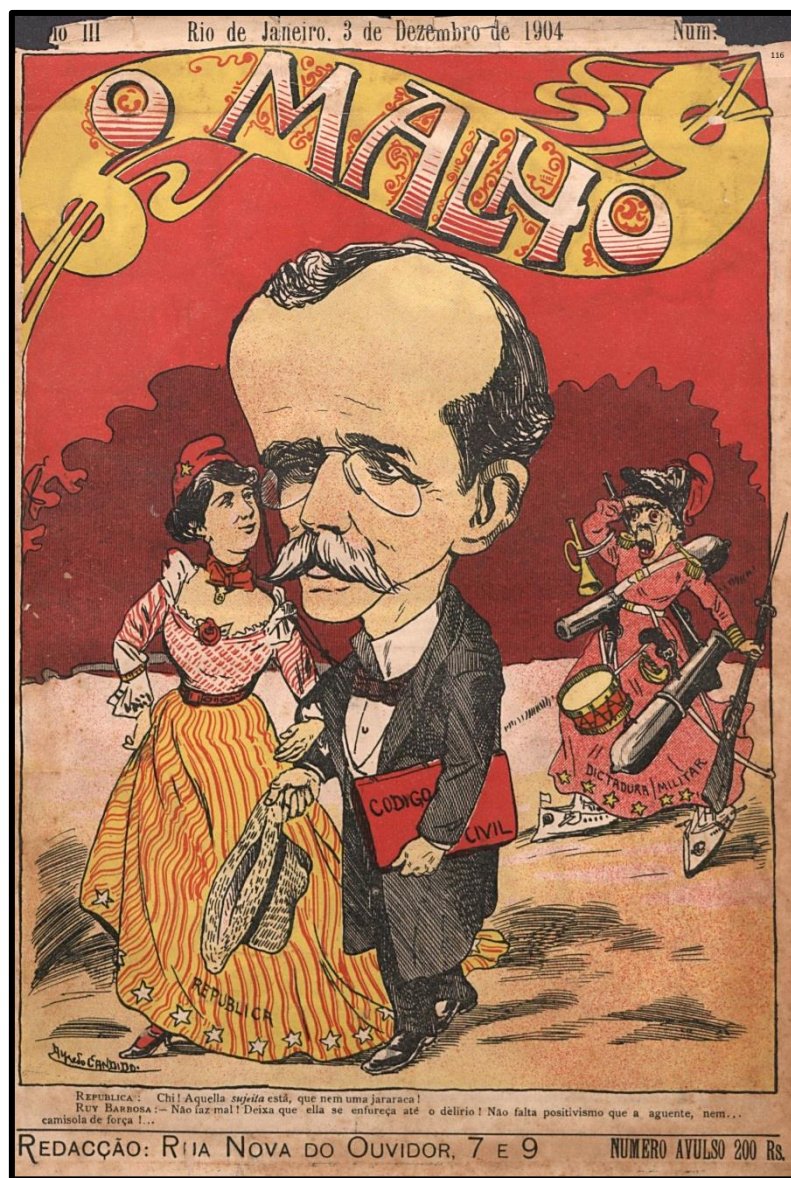
PRESENCAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





Um outro político, este paulista, Antônio da Silva Prado, recebeu elogios da mulher-república, sem que ela deixasse de manifestar o desejo de que o mesmo passasse das palavras à ação²⁶. Por outro lado, na “figueira do inferno político”, cujos frutos eram os homens públicos, o Zé Povo transformava uma alquebrada e remendada república no “Judas do Povo”, enforcando-a, por considerá-la “falsa” e responsável por fazê-lo “comer o pão que o diabo amassou”. A gravura era emoldurada de ratos, em referências aos desmandos e roubalheiras praticadas junto à coisa pública²⁷. Na sala em que se dava uma visita do Zé Povo ao Presidente da República, para felicitá-lo pelo seu aniversário, um busto da dama republicana preferia desviar o olhar para não presenciar um encontro tão improvável²⁸. Em mais um aniversário da república, ela recebia políticos defensores de reformas constitucionais, tentando dissuadi-los de tal empreitada²⁹. Diante de um quadro de luto e dor, a mulher-república e um menino representando a Marinha lamentavam o acidente ocorrido com a belonave brasileira Aquidabã, do qual resultaram inúmeras vítimas³⁰.

²⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 4, n. 123, 21 jan. 1905.

²⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 4, n. 136, 22 abr. 1905.

²⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 4, n. 147, 8 jul. 1905.

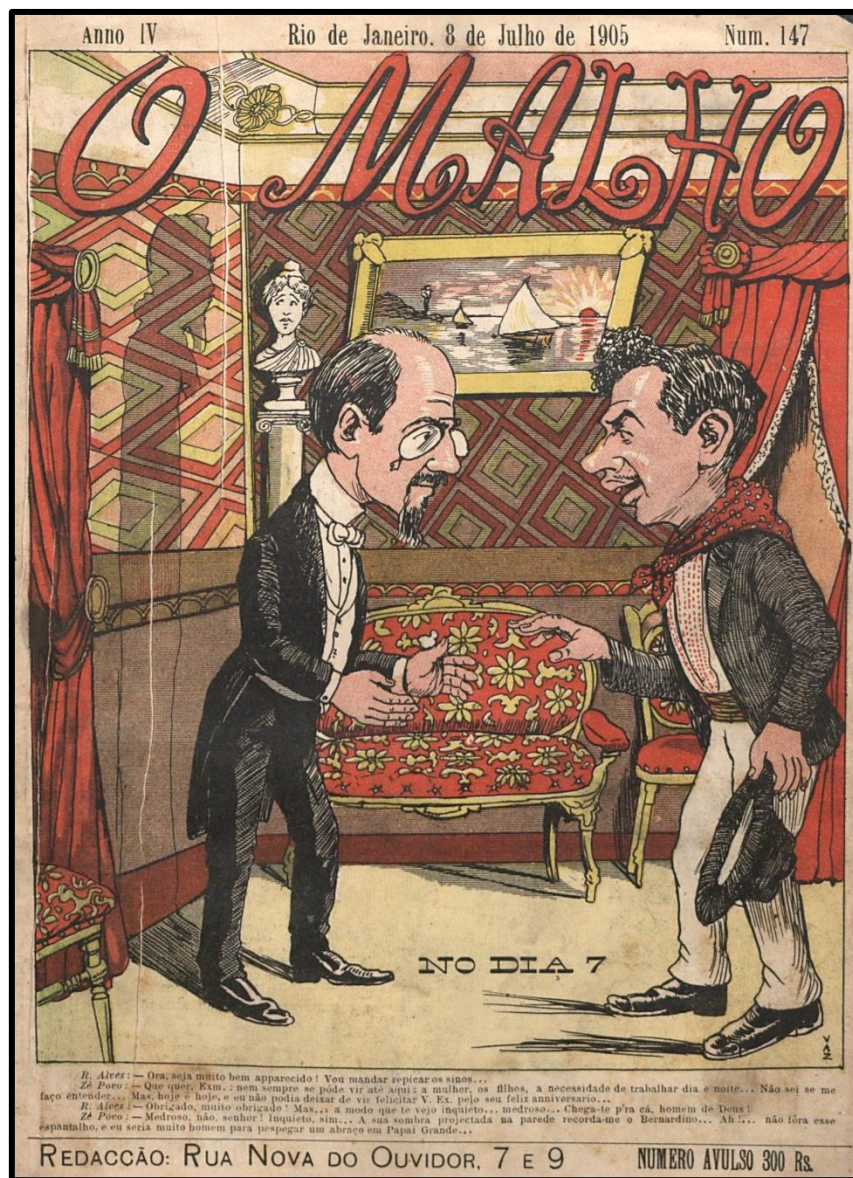
²⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 4, n. 166, 18 nov. 1905.

³⁰ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 5, n. 176, 27 jan. 1906.

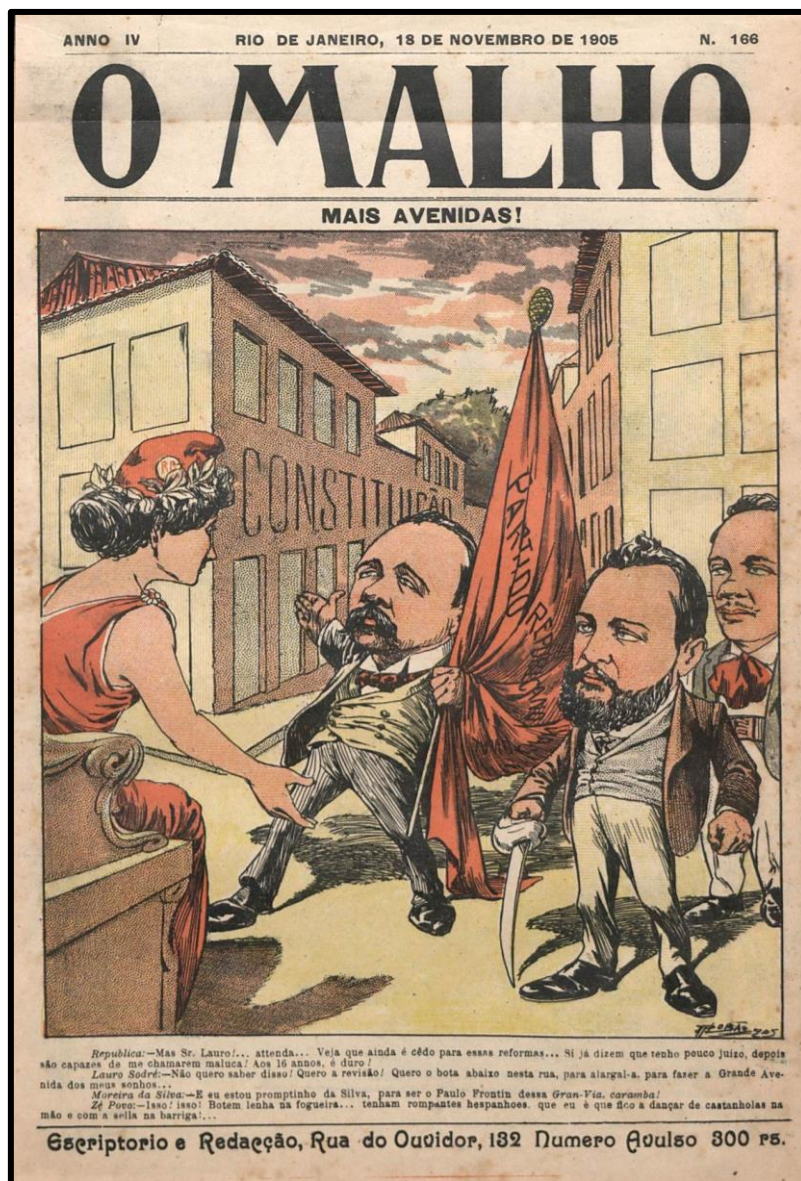


PRESENCAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





O busto da república chegou a aparecer em um tinteiro, junto de outro adorno com a imagem presidencial que se desintegrava, surgindo também o próprio detentor do cargo fortemente indignado, diante de um pouco verossímil decreto que traria amplos benefícios para o povo e restrições para os homens públicos³¹. Enquanto a dama do barrete frígido recebia um novo adepto ao regime, os monarquistas, do lado de fora, observavam a diminuição das chances de um projeto restaurador³². Sob a égide da “fraternidade americana”, em referência a uma aproximação entre Brasil e Estados Unidos, o Tio Sam, símbolo estadunidense, era bem recebido no Brasil, inclusive pela república que, para equiparar-se ao visitante, trocara o seu barrete por uma cartola³³. Na mesma linha, aparecia uma manifestação de cordialidade brasileiro-argentina, expressa abertamente pela dama republicana³⁴. Perante a cena da malhação do Judas, em um Sábado de Aleluia, a república conversava com o Zé Povo, perguntando se ele não participaria dos festejos, recebendo uma resposta negativa, pois, caso contrário, teria de queimar todos os políticos do Brasil, podendo sobrar até algum rescaldo para ela³⁵.

³¹ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 4, n. 123, 21 jan. 1905.

³² O MALHO. Rio de Janeiro, a. 5, n. 202, 28 jul. 1906.

³³ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 5, n. 203, 4 ago. 1906.

³⁴ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 6, n. 235, 16 mar. 1907.

³⁵ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 6, n. 237, 30 mar. 1907.



PRESENCAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





PRESENCAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





O aceite do Rei de Portugal para promover visita ao Brasil por ocasião do centenário da Abertura dos Portos às Nações Amigas foi saudado pela revista com a presença dos representantes diplomáticos e o encontro de Portugal, representado pelo velho cavaleiro, com o Brasil, simbolizado pela dama do barrete encarnado³⁶. Tal viagem do soberano luso acabaria por não se confirmar, tendo em vista o atentado regicida que tirou a vida do monarca e de seu filho, sendo representado pelo periódico o funeral de ambos, mais uma vez com a presença do velho cavaleiro, entristecido e sem o seu elmo, e pela mulher-república, prostrada diante do ocorrido³⁷. Promovendo sua autovalorização, o periódico mostrava a república estimulando o próprio malhador para que prosseguisse em sua jornada de crítica, mormente em relação aos homens do poder³⁸. No sentido de prestar homenagem ao Ministro das Relações Exteriores, o Barão do Rio Branco, a folha ilustrada trouxe a figura feminina que simbolizava a república para solenizar o ato, ao guindar o homenageado com uma coroa de louros³⁹. Em outra cena, ao navegar na “nau do Estado”, a imagem alegórica dizia sentir-se tranquila por confiar na tripulação, a qual designava o Presidente e seu Ministério⁴⁰.

³⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 6, n. 243, 11 maio 1907.

³⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 7, n. 282, 8 fev. 1908.

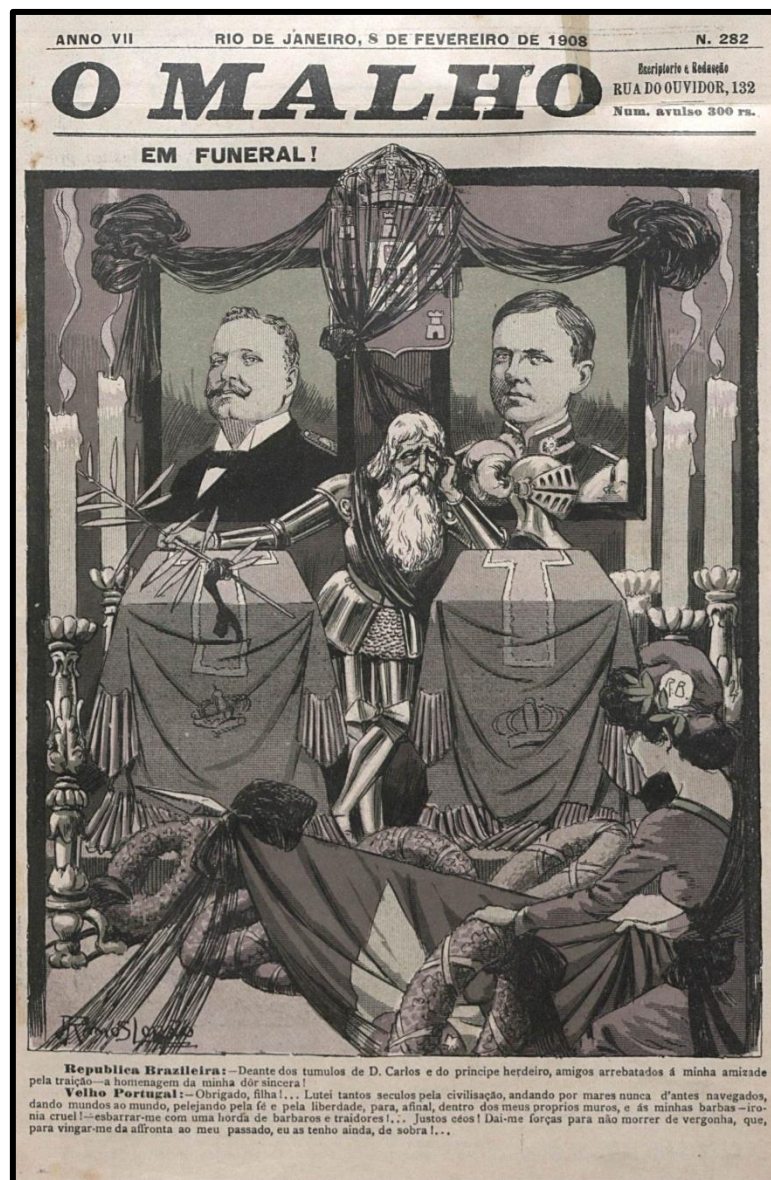
³⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 7, n. 320, 31 out. 1908.

³⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 8, n. 345, 24 abr. 1909.

⁴⁰ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 8, n. 354, 26 jun. 1909.



PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





PRESENCAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





Ao serem retratados atos de “selvageria” ocorridos no Rio de Janeiro, a república se mostrava arrasada com a morte de dois jovens, sendo consolada pelo Presidente e pelo Zé Povo⁴¹. A dama republicana, com o barrete transformado em um chapéu, mais condizente com a moda de então, encontrava-se ao lado do Presidente, transformando-se em alvo de pedradas de outros políticos, vindo a queixar-se por estar sofrendo aquele tipo de agressão aos vinte anos de idade. Ainda em seu aniversário, a mulher-república chegou a ser chamada de rameira por parte de alguns políticos, ao que se antepôs o Zé Povo, dizendo que ela só era denominada dessa maneira tendo em vista as próprias atitudes dos homens públicos⁴². Na concepção do periódico, a aclamação popular seria ainda mais reforçada, ao mostrar a república e o Presidente sendo ovacionados pelo povo⁴³. O chanceler brasileiro apresentava a dama do barrete frígio ao Tio Sam e ela agradecia ao estrangeiro pelas honras destinadas ao diplomata Joaquim Nabuco, que servia no Estados Unidos, por ocasião de sua morte e, na mesma cena, o Zé Povo lembrava o nome de Rui Barbosa para ocupar o cargo que ficara vago⁴⁴. Sob o sol da “paz sul-americana”, a amizade brasileiro-argentina era simbolizada pelas duas damas republicanas apertando as mãos, sob a égide do barrete que as identifica, enquanto os diplomatas de ambos os países se despediam entre si⁴⁵.

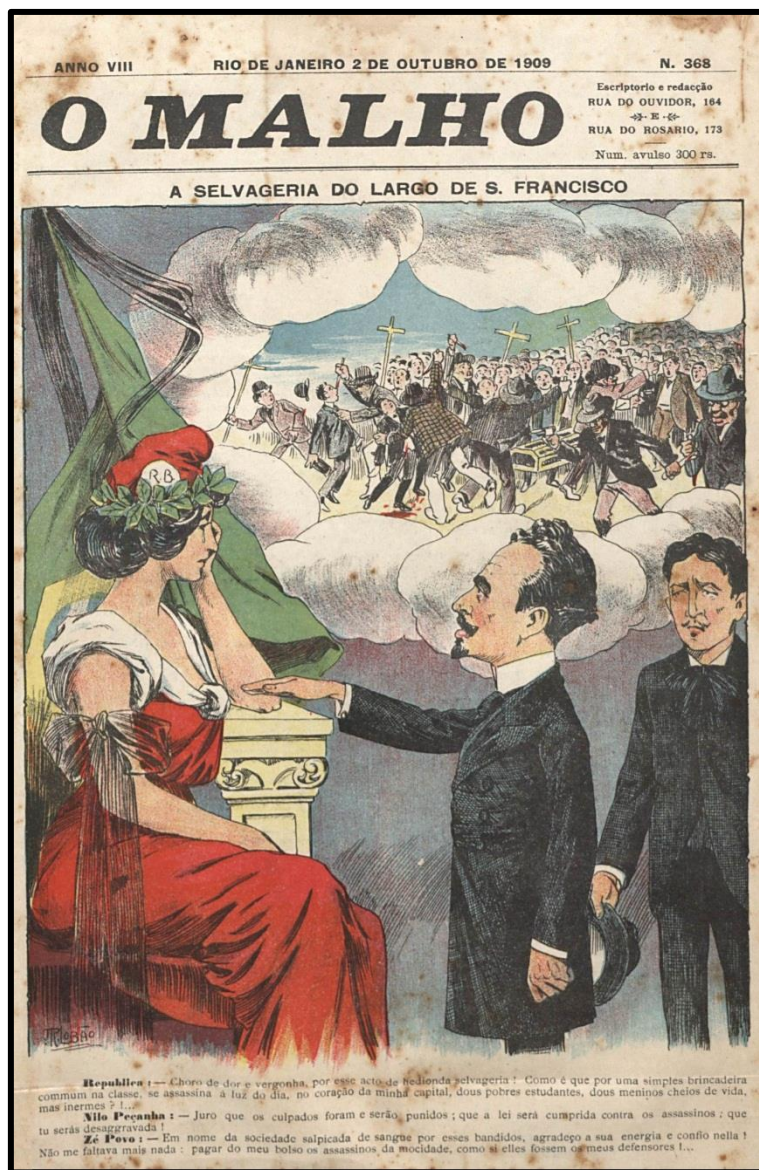
⁴¹ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 8, n. 368, 2 out. 1909.

⁴² O MALHO. Rio de Janeiro, a. 8, n. 374, 13 nov. 1909.

⁴³ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 8, n. 375, 20 nov. 1909.

⁴⁴ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 9, n. 385, 29 jan. 1910.

⁴⁵ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 9, n. 415, 27 ago. 1910.



PRESENCAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





PRESENCAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





PRESENCAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS



O Estado Nacional Brasileiro era representado por um automóvel, que deveria ser dirigido pelo novo Presidente da República, Hermes da Fonseca, o qual observava algumas dificuldades na execução de sua tarefa, vindo a ser aconselhado pela dama republicana que sentava no banco de trás do veículo, recomendando a necessidade de ajustes no manuseio do pneu, que representava o Congresso Nacional, além de cuidado com uma pedra – a politicagem – que constituía obstáculo no meio do caminho⁴⁶. Supostos desmandos administrativos que teriam contado com o favorecimento do Poder Judiciário eram vistos com indignação pelo Zé Povo e surpresa por parte da república, notadamente pelo excesso de poder do juiz, simbolizado pela espada desproporcional de que lançava mão⁴⁷. Em mais um aniversário da proclamação da república, o periódico mostrava a figura feminina que a representava, a qual estava sorridente diante da constatação de que os festejos do 15 de Novembro tinham obtido maior projeção que o 7 de Setembro, chegando a tecer comentário que contradizia um dos pressupostos básicos do positivismo⁴⁸. A morte do personagem que ocupara a pasta das Relações Exteriores nos últimos dez anos, o Barão do Rio Branco, foi lastimada pela folha, com a imagem da mulher-república coberta de crepe negro, agarrada à bandeira nacional e chorando sobre a urna funerária⁴⁹.

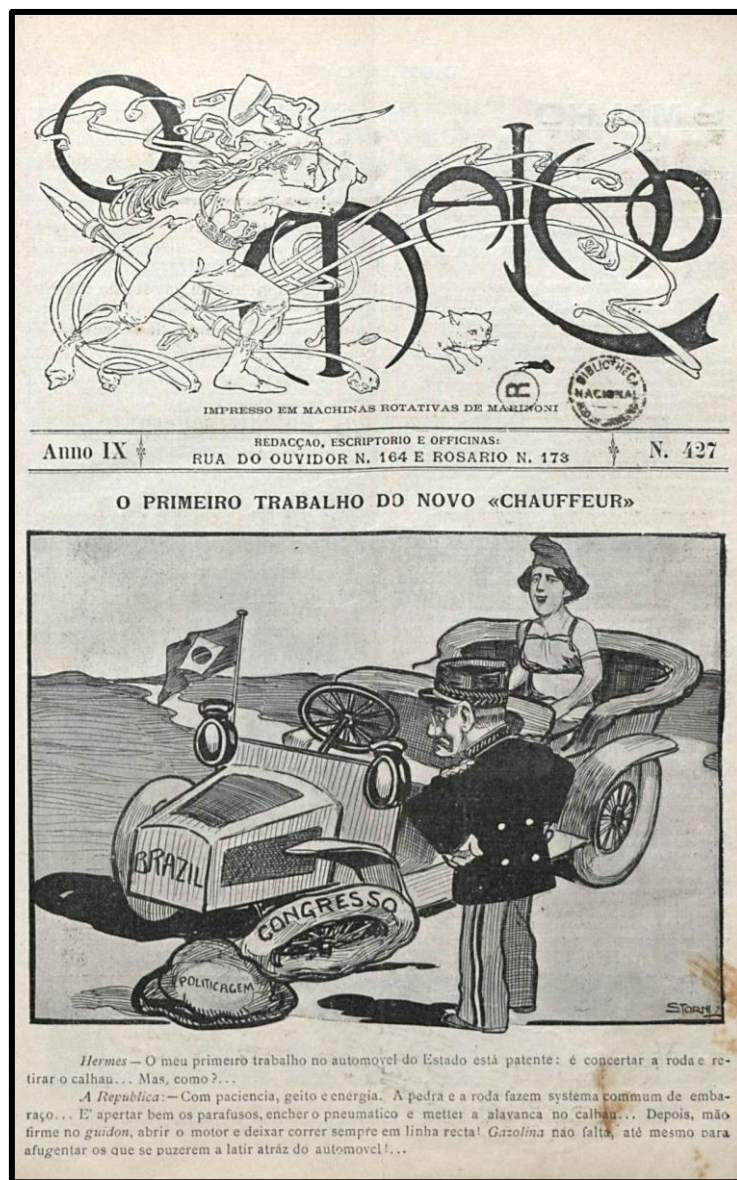
⁴⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 9, n. 427, 19 nov. 1910.

⁴⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 10, n. 438, 4 fev. 1911.

⁴⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 10, n. 479, 18 nov. 1911.

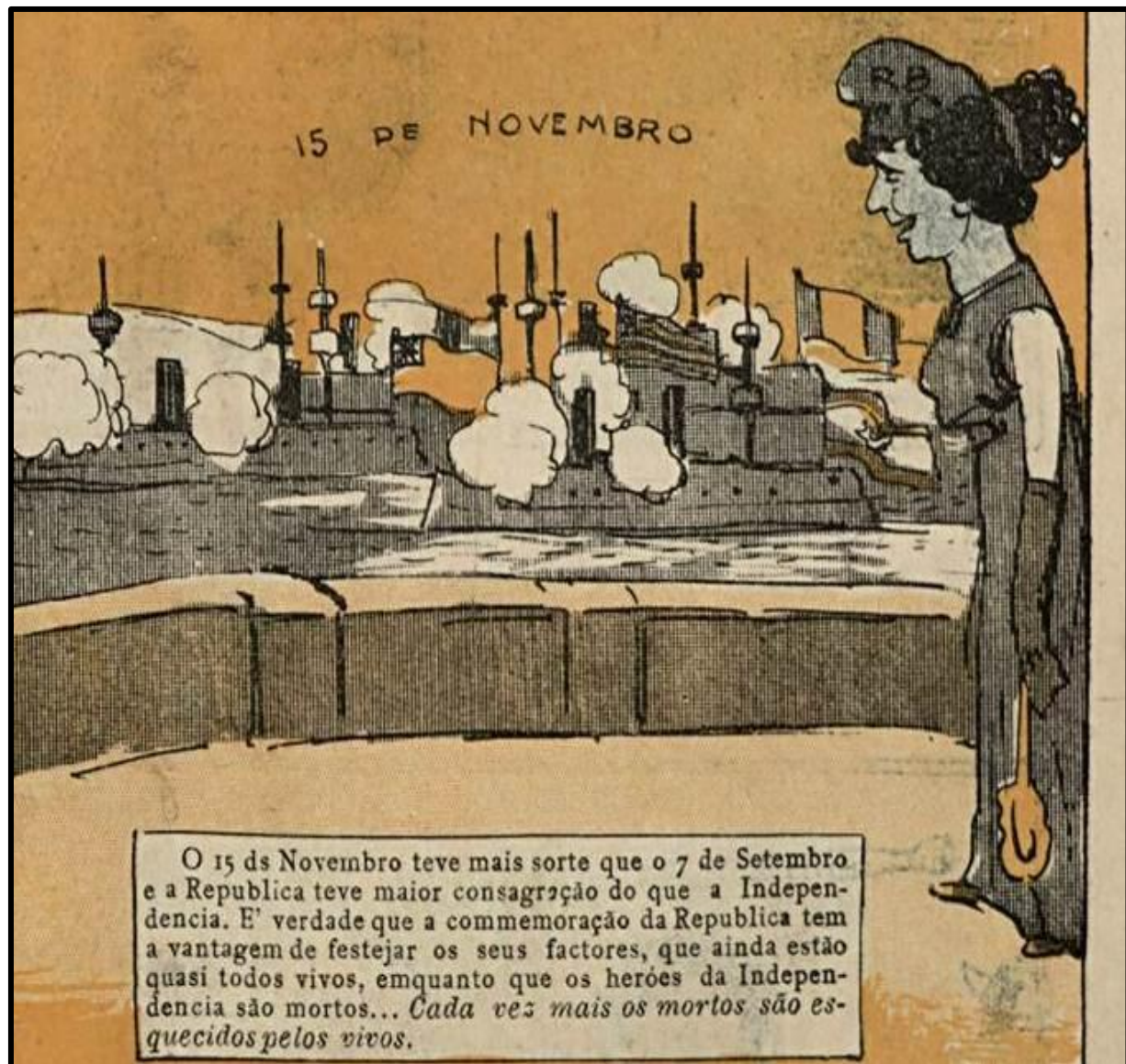
⁴⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 11, n. 492, 17 fev. 1912.

PRESENCAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





O Presidente da República assistia ao aperto de mãos entre os representantes diplomáticos de Brasil e Argentina, como uma demonstração de paz e harmonia entre os países, sendo o quadro iconográfico completo pela presença das duas mulheres-repúblicas, cada qual portando a respectiva bandeira de suas nações⁵⁰. O Zé Povo conversava com o político gaúcho Pinheiro Machado sobre projeto decretando o divórcio, mas, sob o prisma crítico, deslocava o foco do tema, apontando para o real “divórcio” que estaria ocorrendo entre os interesses do Congresso Nacional e os do país, representado por uma dama republicana decrépita, com suas vestes eivadas de remendos⁵¹. O tom crítico permanecia em outra passagem da efeméride do 15 de Novembro, em cena na qual o Zé Povo preparava-se para homenagear a república, a qual, entretanto, se encontrava mais ocupada em tratar dos “pulgões” e carrapatos políticos” que a afligiam, em alusão aos homens públicos sempre prontos a “sugar” as riquezas nacionais⁵². Em outra representação imagética, ao fundo, a mulher-república ideava o dia em que o povo viesse a conseguir livrar-se da pesada carga de impostos que o afligia, pensamento que despertava a ojeriza dos governantes⁵³. O Zé Povo elogiava o ex-Presidente Rodrigues Alves pela postura política do Estado de São Paulo, compondo também o cenário o busto da república, o qual parecia acompanhar a louvação⁵⁴.

⁵⁰ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 11, n. 511, 29 jun. 1912.

⁵¹ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 11, n. 517, 10 ago. 1912.

⁵² O MALHO. Rio de Janeiro, a. 11, n. 531, 16 nov. 1912.

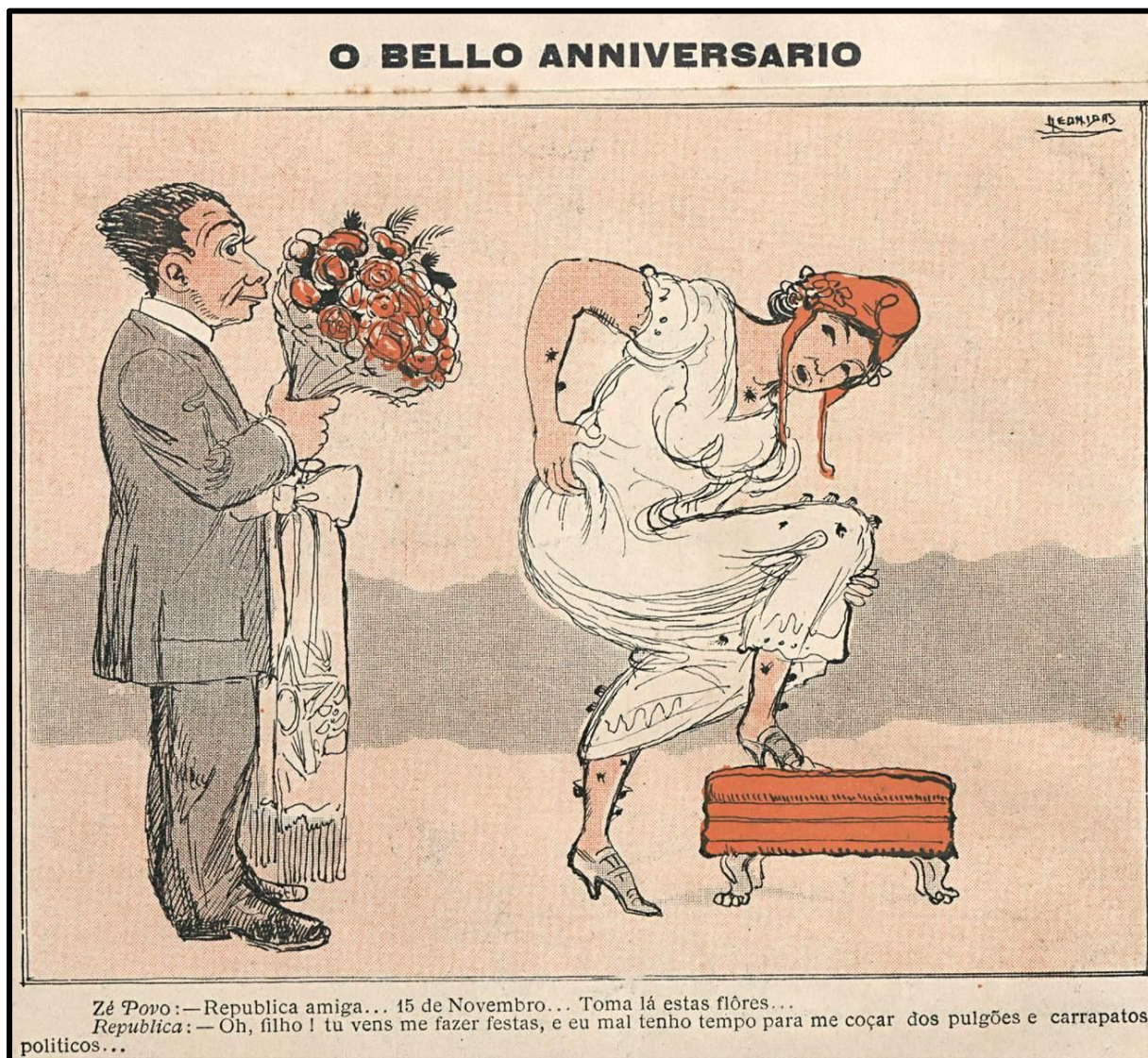
⁵³ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 12, n. 549, 22 mar. 1913.

⁵⁴ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 12, n. 552, 12 abr. 1913.



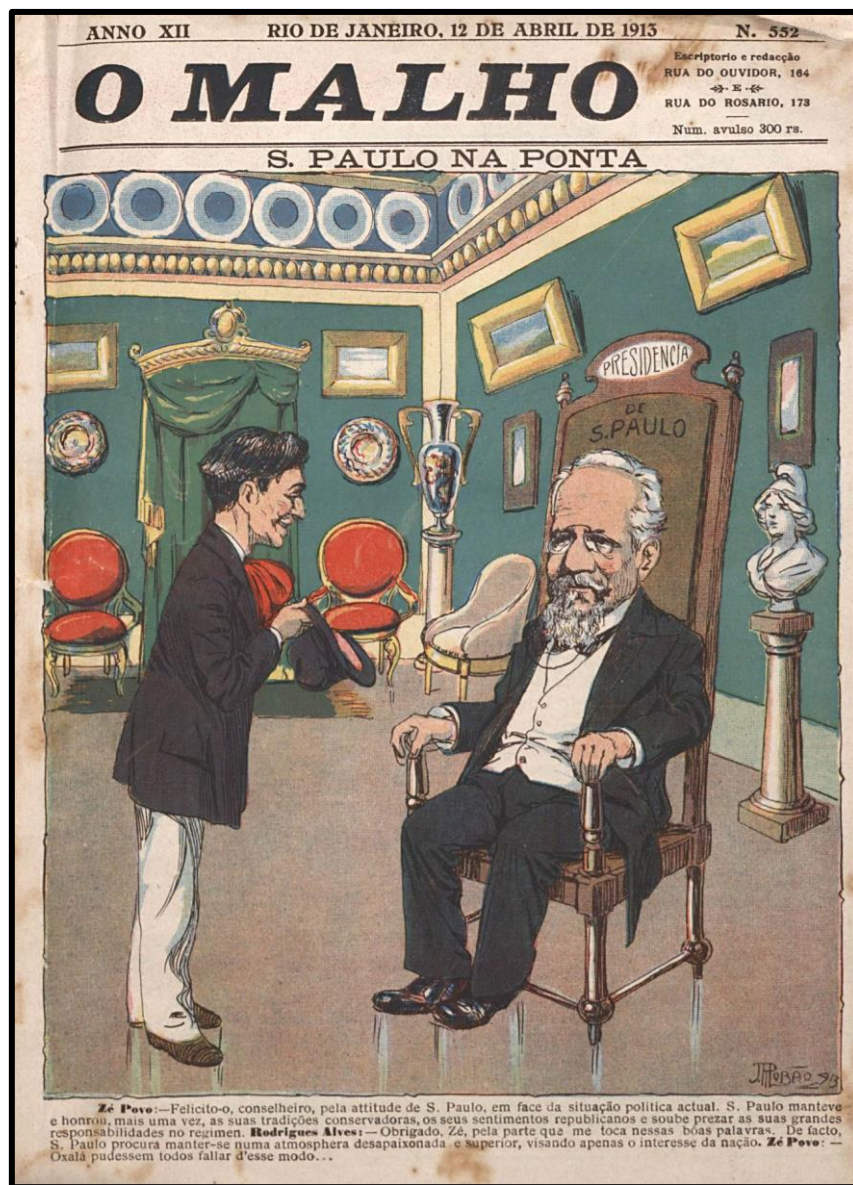
PRESENCAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





PRESENCAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





Levando em conta um suposto descuido na Câmara dos Deputados, com o pedido da publicação no *Diário Oficial* de uma manifestação de cunho monárquico, o Zé Povo pedia desculpas pelo ocorrido, ao passo que, em primeiro plano, a dama do barrete encarnado lia tal conteúdo colérica e indignada⁵⁵. Mais uma vez sob os olhares do Zé, o periódico trazia uma cena que bem traduzia os desregramentos que dominavam a vida pública brasileira, surgindo ao fundo mais uma vez o busto da república, cujas feições seguiam a linha do agastamento⁵⁶. Perante mais um “aniversário dela”, o Zé Povo preocupava-se com a situação da dama do barrete frágil, chorosa e em desespero tendo em vista a quantidade de contas que precisavam ser pagas, advindas dos gastos excessivos⁵⁷. A mulher-república foi mais uma vez apresentada cheia de indignação diante da falta de bons homens públicos, os quais praticamente só poderiam ser arrançados por meio de magia, no caso simbolizada pela intervenção de uma fada⁵⁸. Em período de folguedo carnavalesco se dava o aniversário da constituição brasileira, encontrando-se a dama republicana em plena folia com os políticos, enquanto o Zé Povo, tal qual um burro de carga, continuava a arcar com os prejuízos da nação⁵⁹.

⁵⁵ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 12, n. 573, 6 set. 1913.

⁵⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 12, n. 578, 11 out. 1913.

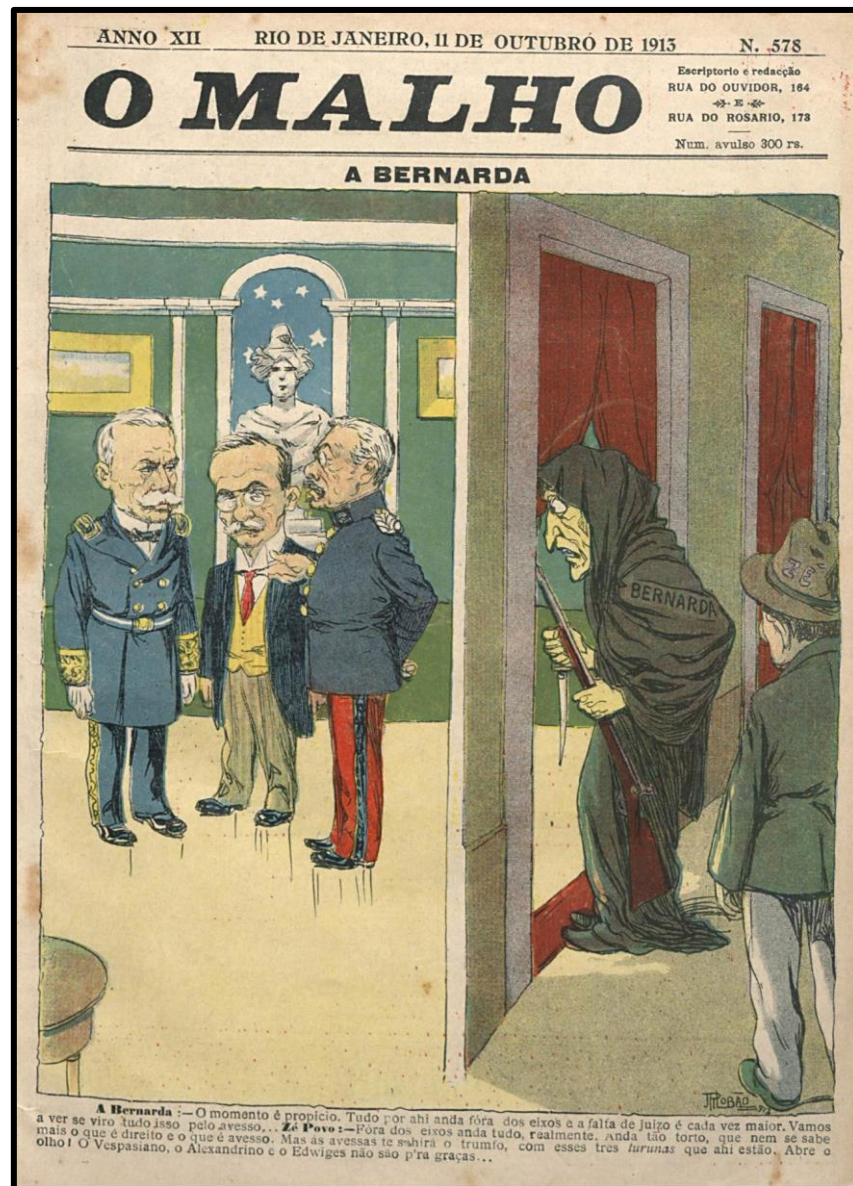
⁵⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 12, n. 583, 15 nov. 1913.

⁵⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 12, n. 585, 29 nov. 1913.

⁵⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 13, n. 597, 21 fev. 1914.

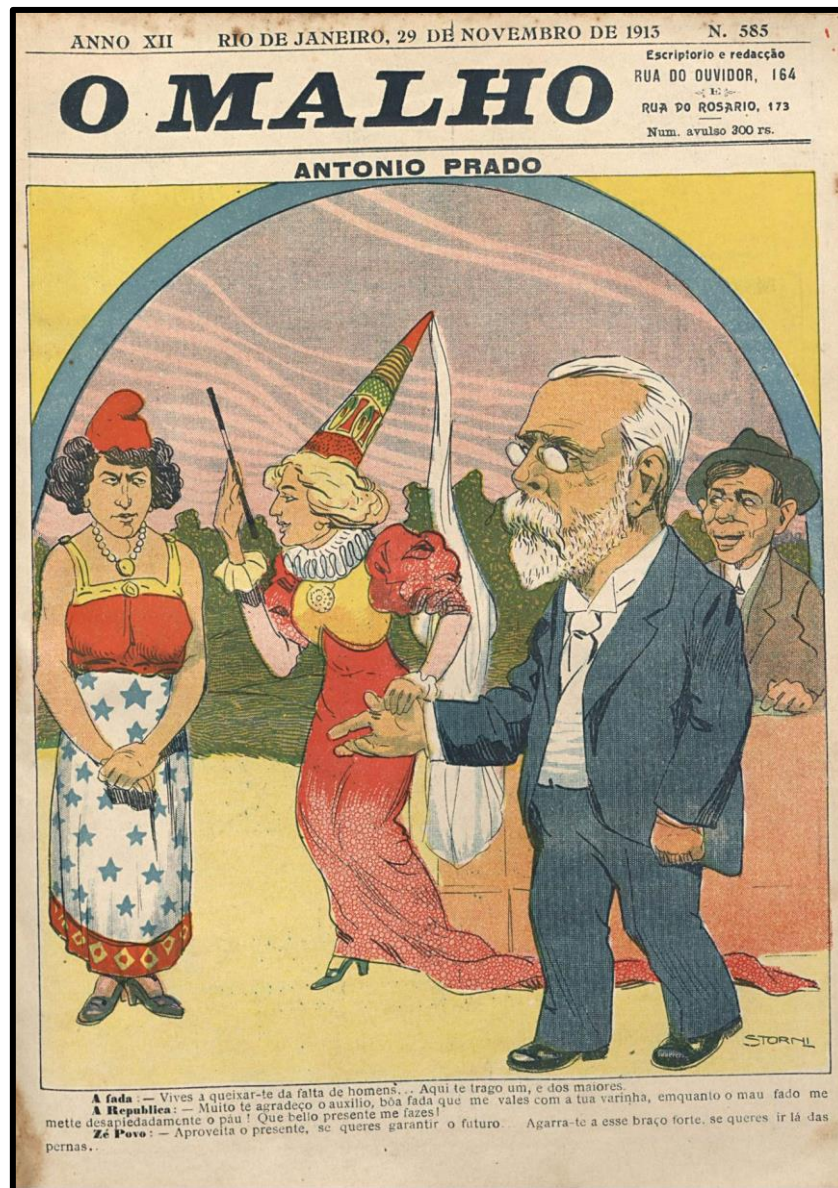


PRESENCAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





Enquanto a revolta e a morte sacudiam o Ceará, com veemência, a república lançava a culpa por tal “hecatombe” à política governamental⁶⁰. Uma mulher-república doente e acamada, com aparência extremamente alquebrada, era tratada por vários políticos que pareciam não se entender quanto ao diagnóstico e ao tratamento, o qual deveria se reduzir à busca de um empréstimo⁶¹. Acerca de um projeto de desarmamento e consolidação de aliança entre Brasil, Argentina e Chile, a revista trazia o diálogo entre o a representação do povo e o proponente, surgindo ao fundo as três damas republicanas que simbolizavam os países sul-americanos⁶². A situação econômica nacional era representada por uma grave doença, ao passo que a república, como uma enfermeira, o Presidente e o Zé Povo debatiam a terapêutica a ser seguida⁶³. Em cena que demonstrava a presença de um novo Presidente à direção do veículo que representava o governo, cujas ações estariam carregadas de “esperanças e boas impressões”, no banco de trás, a dama republicana e o “Povo” conversavam sobre “a viagem com o novo chofer”⁶⁴. Retratando um “Natal político”, o periódico apresentava um presépio no qual o Presidente era o menino Jesus e os líderes partidários, os reis magos, havendo ainda a presença do índio-Brasil e de uma desolada mulher-república, tal qual Maria, a olhar para a criança⁶⁵.

⁶⁰ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 13, n. 599, 7 mar. 1914.

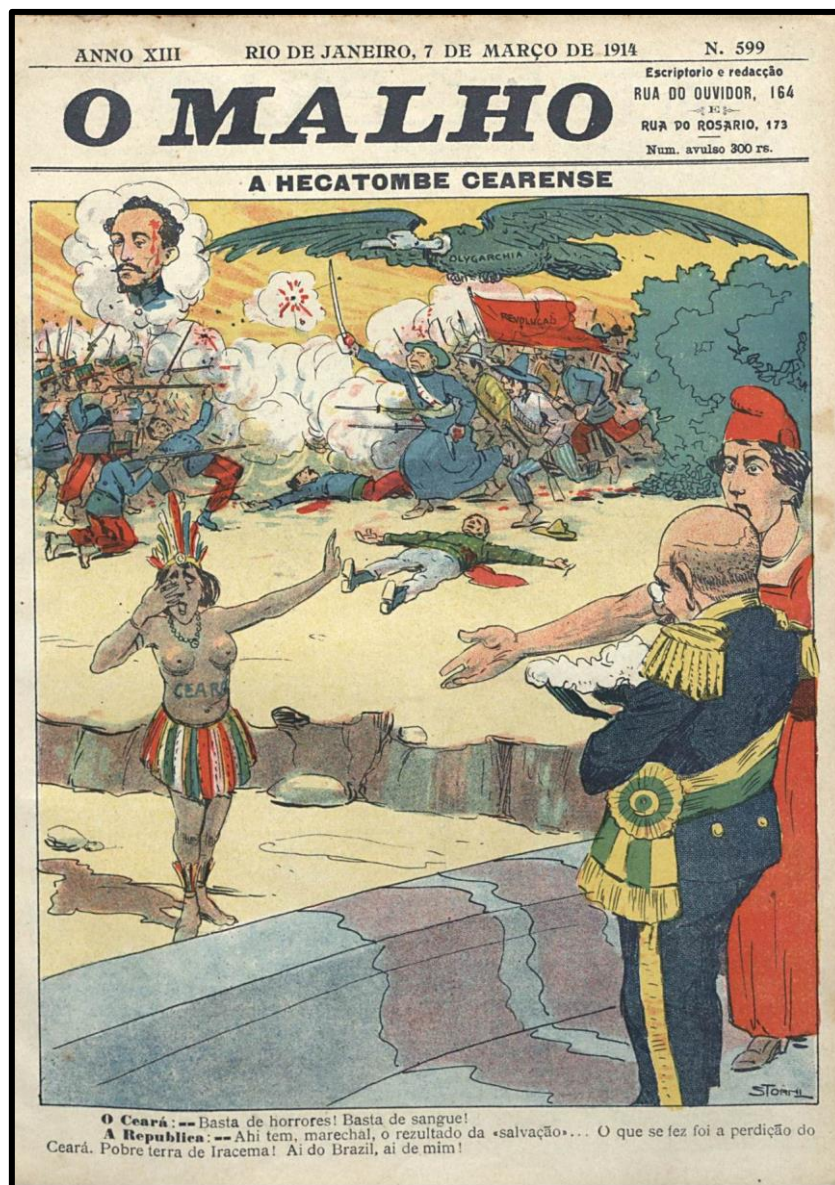
⁶¹ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 13, n. 612, 6 jun. 1914.

⁶² O MALHO. Rio de Janeiro, a. 13, n. 619, 25 jul. 1914.

⁶³ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 13, n. 635, 14 nov. 1914.

⁶⁴ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 13, n. 640, 19 dez. 1914.

⁶⁵ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 13, n. 641, 26 dez. 1914.



PRESENCAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





PRESENCAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS



Um áspero diálogo entre a dama republicana e o Zé Povo tratava do voto de cabresto, típico da época da República Velha, cada qual culpando o outro pelos vícios eleitorais que campeavam no país⁶⁶. Misturando pássaros extintos com episódios da antiguidade, no caso a nomeação pelo Imperador Calígula do cavalo *Incitatus* para o Senado Romano, a revista realizava crítica política ao corpo parlamentar brasileiro, com a figura equina atropelando o Zé Povo, diante do olhar estupefato da república e do Presidente⁶⁷. As “26 primaveras” da forma republicana traziam a figura feminina vergada e em péssimas condições físicas, tendo de sustentar-se em uma muleta e nos braços do Presidente da República, enquanto, ao fundo, o “Povo” lamentava a situação da “coitadinha”, a qual seria advinda das “sovas monumentais” que vinha apanhando, mas também do tratamento que os governantes a ela tinham dedicado⁶⁸. Na mesma linha, a república sofria de um mal terrível em sua papada, que se encontrava em inchaço descomunal, por causa do déficit que afligia a economia brasileira, diante do que o Zé Povo e o Ministro da Fazenda, Pandiá Calógeras, discutiam acerca de possíveis soluções para a debilidade em pauta⁶⁹. Perante a estátua em miniatura da dama republicana, foi apresentada outra discussão sobre os rumos da economia nacional dessa vez entre o Presidente, o Zé Povo e o deputado Félix Pacheco⁷⁰.

⁶⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 14, n. 646, 30 jan. 1915.

⁶⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 14, n. 678, 11 set. 1915.

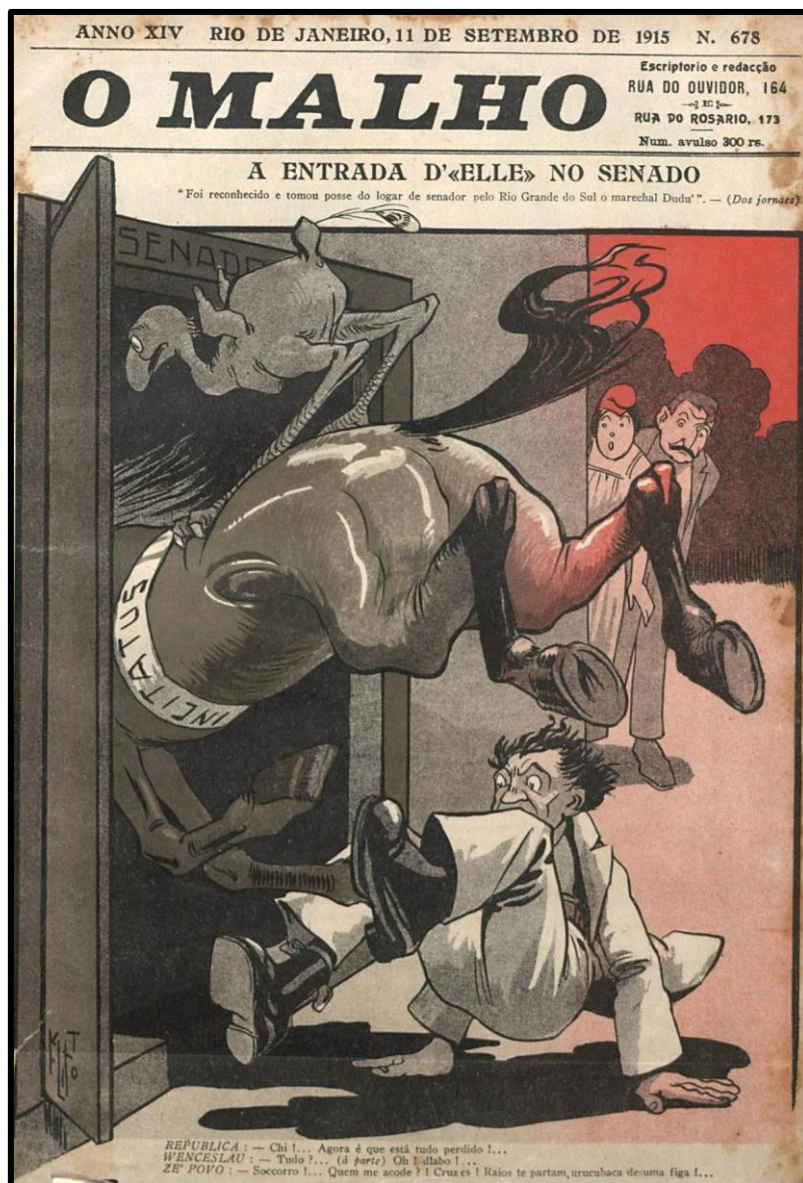
⁶⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 14, n. 687, 13 nov. 1915.

⁶⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 14, n. 690, 4 dez. 1915.

⁷⁰ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 15, n. 704, 11 mar. 1916.

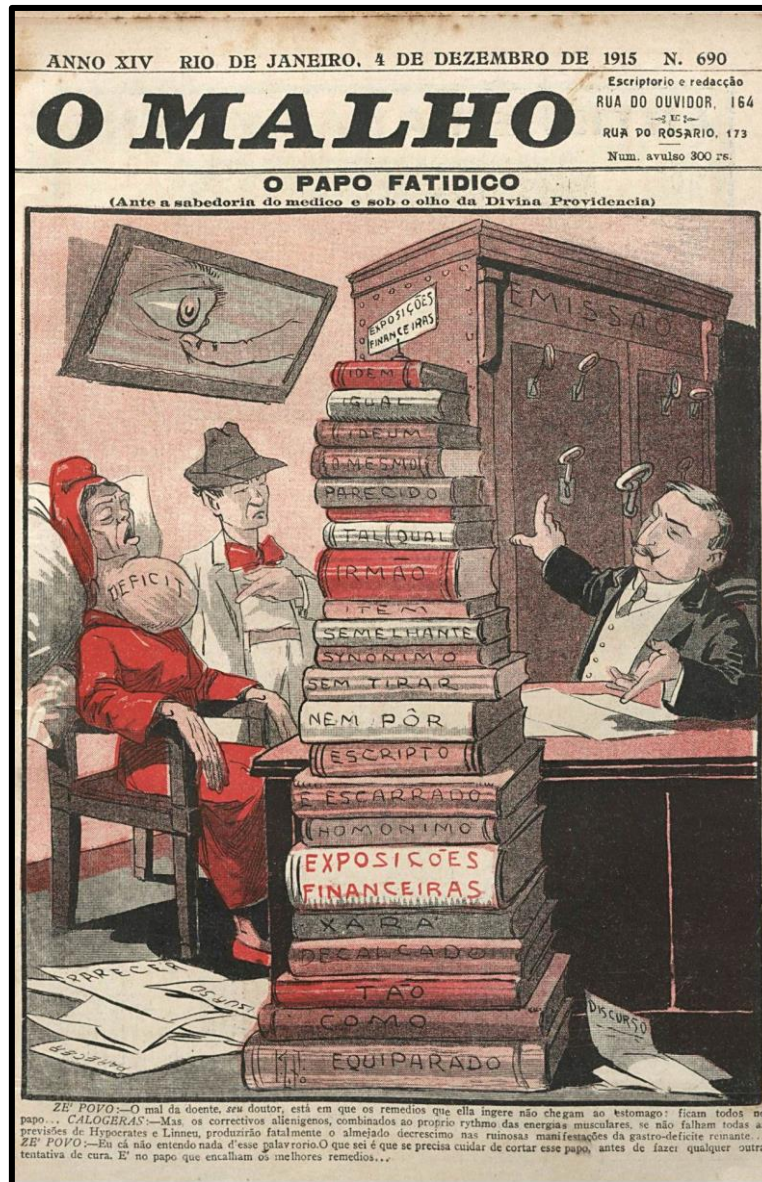
PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





PRESENCAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS



Presidente e ex-Presidente se encontravam diante de um monumento que trazia a figura feminina republicana, contando com certo entusiasmo do Zé Povo, por observar a ação de “homens capazes de amparar a República”⁷¹. O próprio aniversário de *O Malho* proporcionou o encontro entre o personagem que representava o periódico, o “Povo” e o ex-Presidente Rodrigues Alves, havendo ainda a presença de uma dama republicana em condições precárias, lamentando-se o Zé pelas procrastinações na tomada de providências para melhorar o estado da mesma⁷². As datas alusivas à república e à bandeira nacional traziam um esforço do Presidente e a vontade do Zé Povo para manter a representação feminina o mais erguida possível. Tal carga de certo otimismo inspirava a presença de uma dama republicana mais ativa e esperançosa, marchando entre a juventude militar, a qual não estaria a participar “do desânimo geral” latente no país⁷³. O apelo de Rui Barbosa para a participação no enfrentamento bélico que tomava conta do contexto internacional foi representado pela folha carioca, com o político à frente de diversas mulheres-repúblicas, que simbolizavam países sul-americanos, dentre eles o Brasil⁷⁴. O tom ufanista e patriótico se repetia com a dama do barrete frígio, em seu dia, de braços dados com militares, a conclamar todos a entoarem o hino nacional⁷⁵.

⁷¹ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 15, n. 728, 26 ago. 1916.

⁷² O MALHO. Rio de Janeiro, a. 15, n. 732, 23 set. 1916.

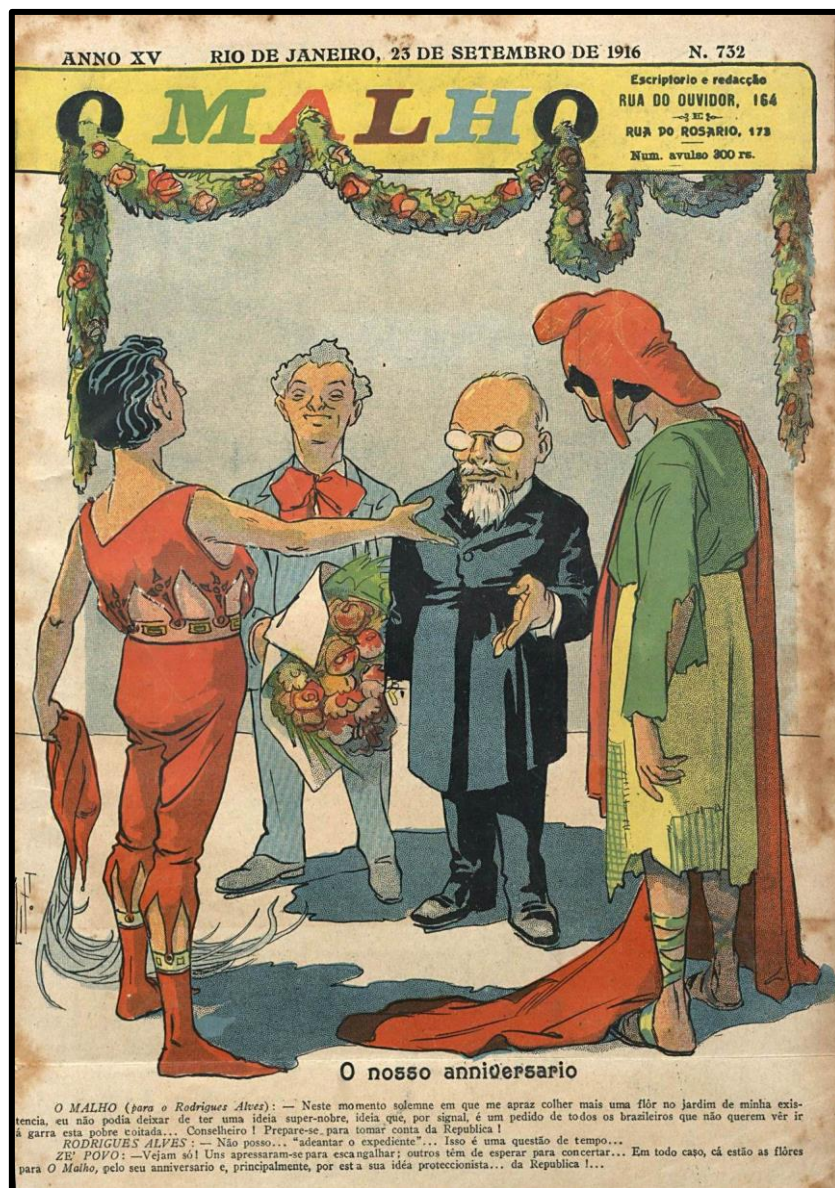
⁷³ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 15, n. 740, 18 nov. 1916.

⁷⁴ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 16, n. 762, 21 abr. 1917.

⁷⁵ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 16, n. 792, 17 nov. 1917.

PRESENCAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





PRESENCAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





A inspiração patriótica voltava a se manifestar por ocasião da participação do Brasil na I Guerra Mundial, de modo que a república descia de seu pedestal para abençoar um militar da Marinha que partia para o cenário bélico, dedicando-lhe a espada que lembrava ações nacionais na Guerra do Paraguai, sendo a missão aceita solenemente pelo combatente⁷⁶. Apesar do fervor nacionalista, a revista não esquecia seu espírito crítico, mostrando a face desfigurada de uma dama republicana pela presença de terríveis furúnculos dos quais afloravam políticos⁷⁷. A amizade brasileiro-uruguaia foi representada pela ponte a ser erguida entre os dois países, simbolicamente sustentada pelos representantes diplomáticos dos dois países, ao passo que, sobre ela, se irmanavam as duas mulheres-repúblicas que designavam ambas as nações⁷⁸. No vigésimo-nono aniversário da república, o periódico limitou-se a estampar a sua representação clássica, junto da bandeira nacional e de espada à mão, tendo em vista o estado de deflagração bélica do momento⁷⁹. Uma república decepcionada e com olhar entristecido foi apresentada, tendo em vista a escolha de Epitácio Pessoa e não de Rui Barbosa para a presidência do país⁸⁰.

⁷⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 17, n. 815, 27 abr. 1918.

⁷⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 17, n. 816, 4 maio 1918.

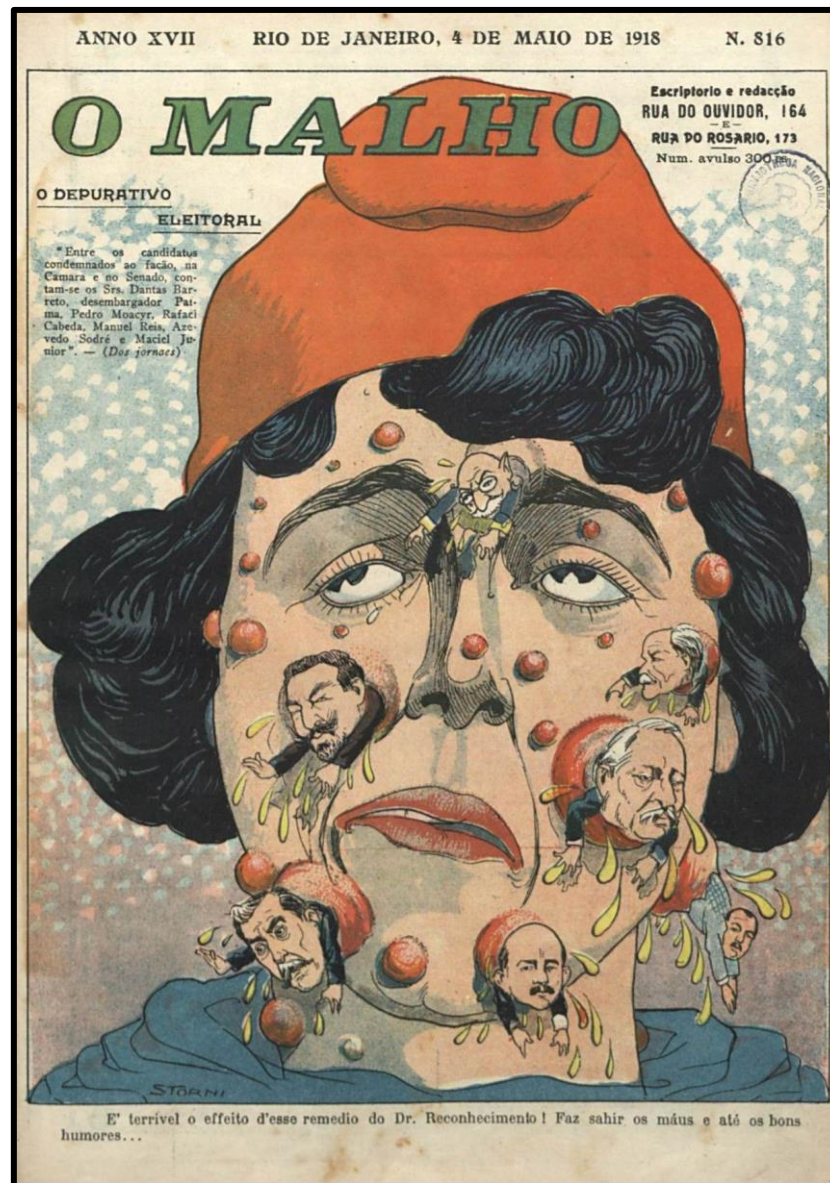
⁷⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 17, n. 828, 27 jul. 1918.

⁷⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 17, n. 844, 16 nov. 1918.

⁸⁰ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 18, n. 866, 19 abr. 1919.

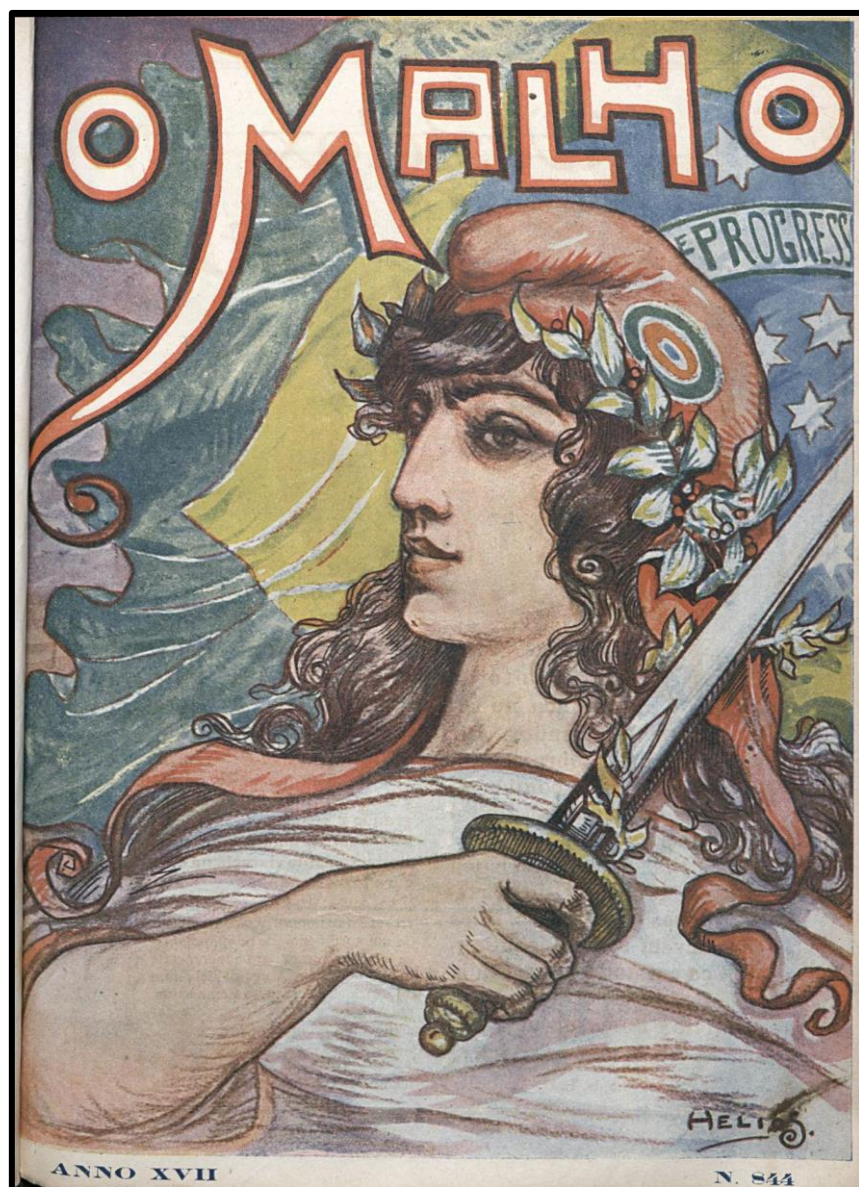


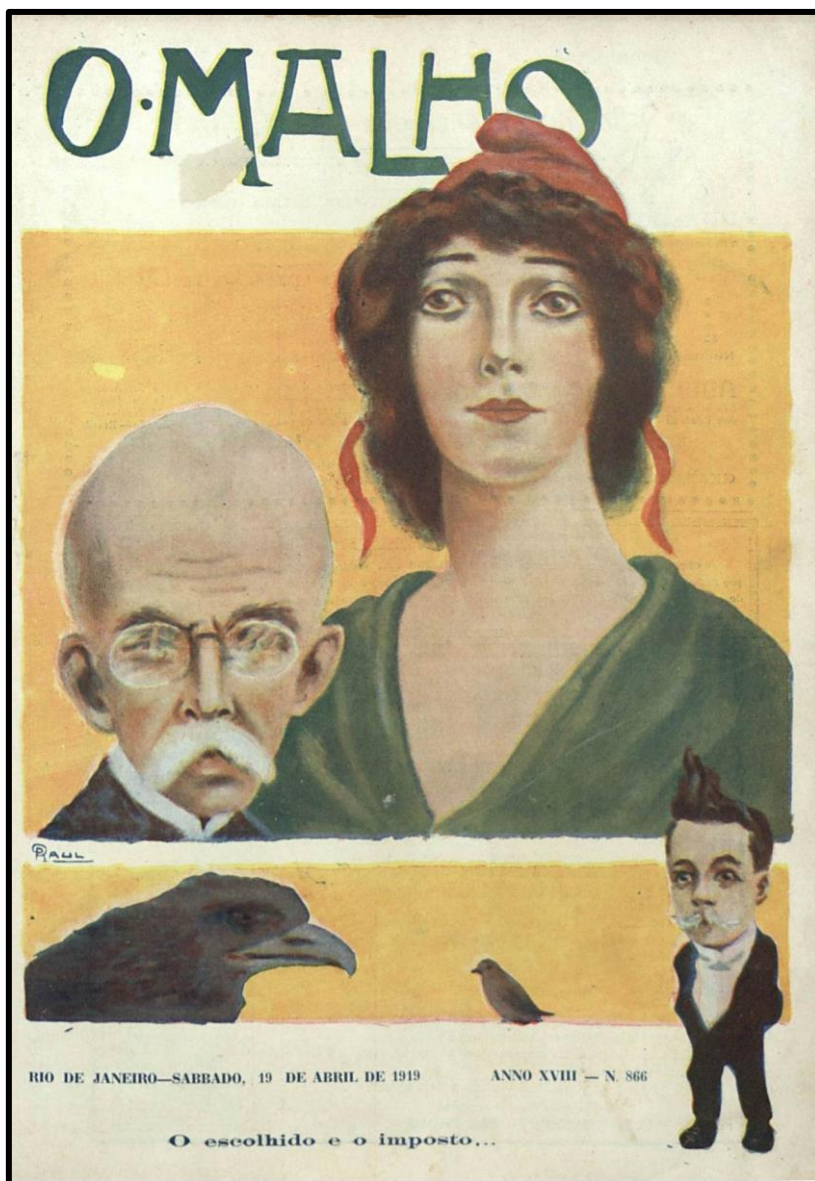
PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





A passagem dos trinta anos do 15 de Novembro foi comemorada pela folha ilustrada carioca, com a efígie da dama republicana portando uma coroa de louros pela efeméride, além de contar com uma parada militar, ainda assim, a publicação não deixava de lado sua óptica mais crítica, lembrando “todos os defeitos próprios da gente nova”, que teriam prejudicado a forma de governo até então, vindo a manifestar a esperança de que a “idade em que começa o outono” traria melhores tempos para o regime⁸¹. Mais tarde, a dama republicana apelava ao “Povo” para agir contra a anarquia política do país, mesmo que para tanto tivesse de vir a empunhar a espada⁸². Por ocasião da “Festa da Bandeira”, a república incitava os militares a cumprirem o seu “dever” na defesa da pátria⁸³. Levando em conta a agitação interna que afetou o Brasil no ano de 1922, mormente a partir do espocar do movimento tenentista, a revista trazia a dama do barrete frígido, com ar assustado, levantando a mão em sinal de alerta e de basta, lembrando seus “filhos” de que “o progresso é uma consequência da ordem”⁸⁴. Acerca da agitada campanha eleitoral para a Presidência da República que envolveu a disputa entre a candidatura situacionista de Artur Bernardes e a oposicionista de Nilo Peçanha, com a denominada Reação Republicana, o periódico humorístico mostrou uma estátua da república que parecia satisfeita com o resultado do enfrentamento⁸⁵.

⁸¹ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 19, n. 896, 15 nov. 1919.

⁸² O MALHO. Rio de Janeiro, a. 20, n. 956, 8 jan. 1921.

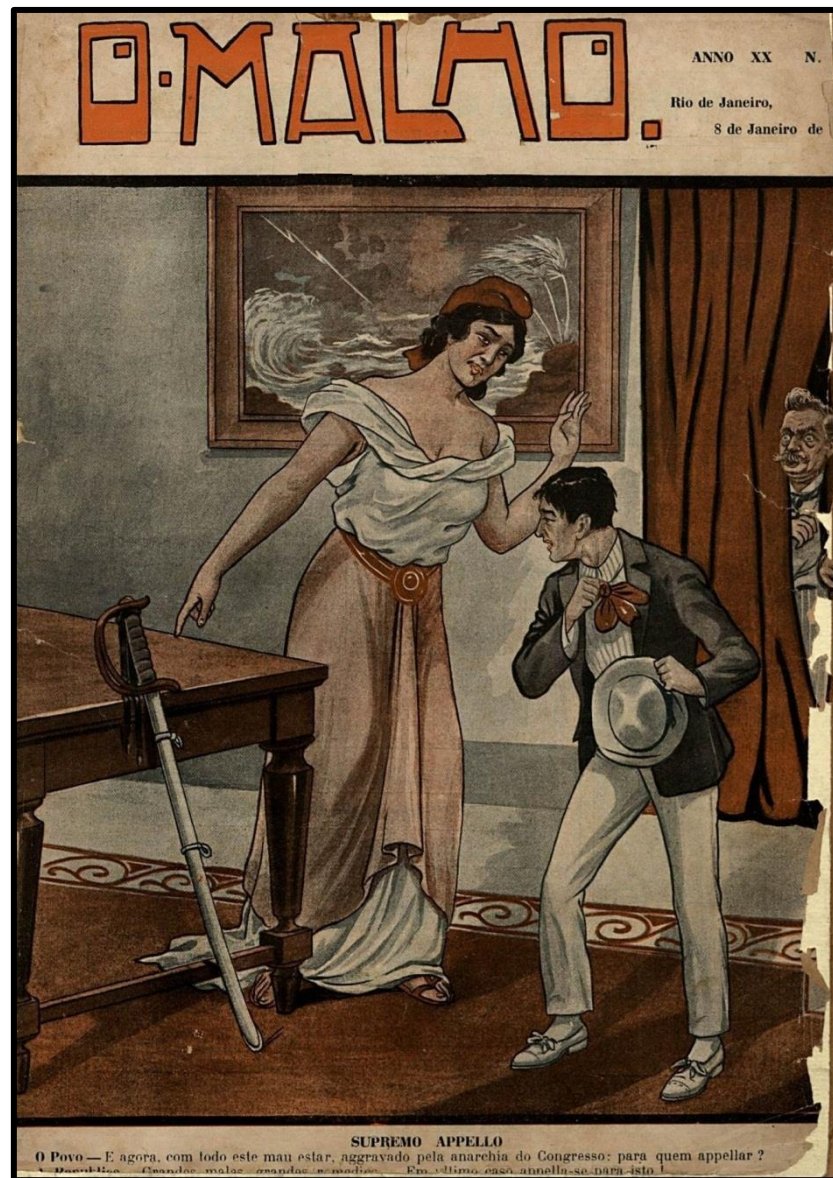
⁸³ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 20, n. 1001, 19 nov. 1921.

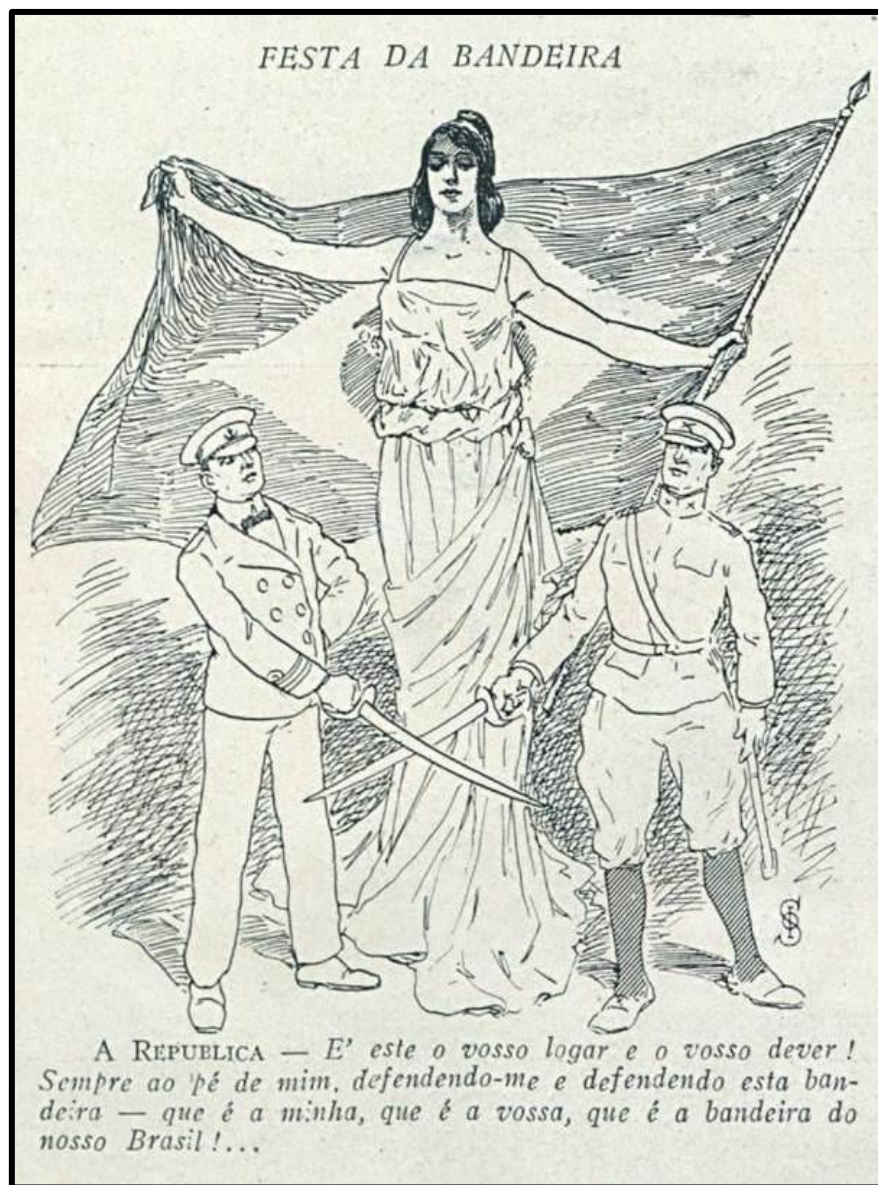
⁸⁴ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 21, n. 1036, 22 jul. 1922.

⁸⁵ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 21, n. 1052, 11 nov. 1922.



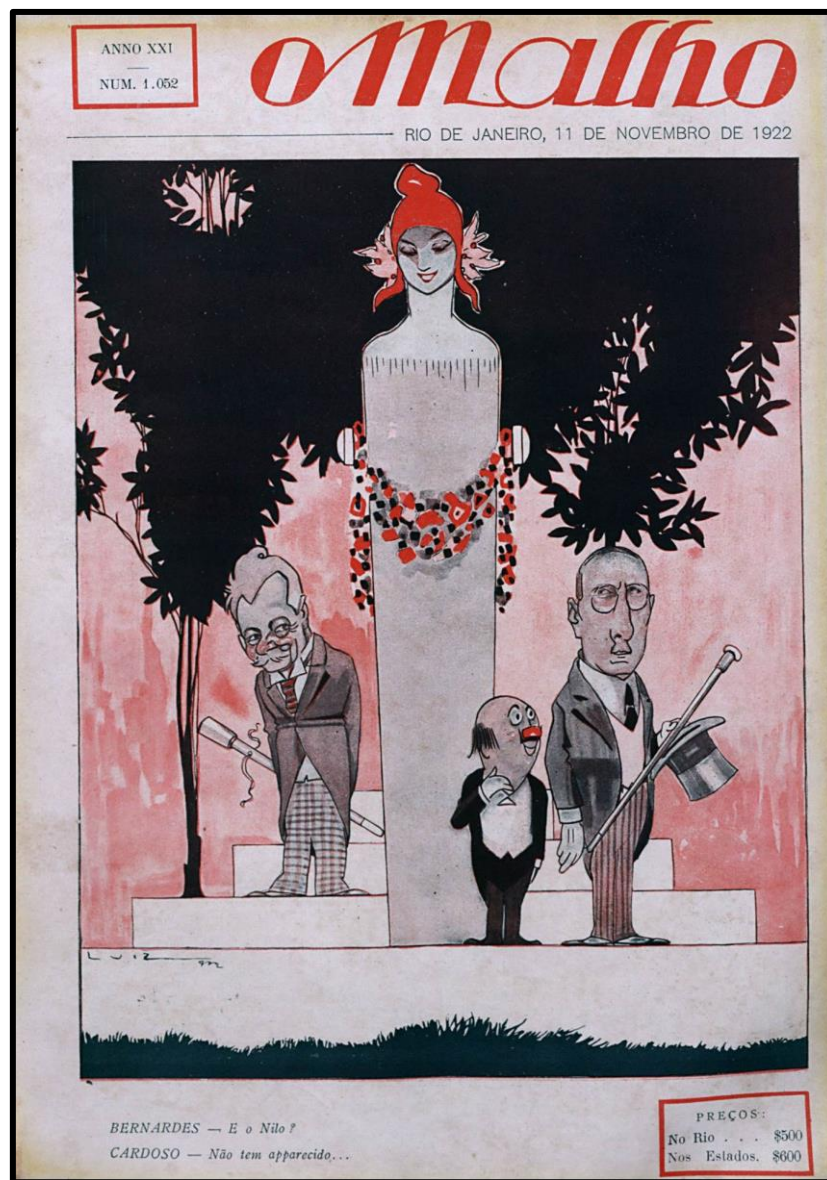
PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





Já por ocasião da chegada ao poder do último Presidente da República Velha, o periódico mostrava o mesmo apresentando o seu programa de governo à mulher-república, a qual apreciava a candidatura, expressando isso por meio de um jogo de palavras⁸⁶. Já ao final dos anos vinte, aparecia a ilustração de mais um imagético monumento em homenagem à república, na época de seu aniversário, o qual portava uma espada desproporcional em relação ao conjunto da estátua, ao passo que o morador do Rio de Janeiro, entre a admiração e a matreirice, tecia um comentário⁸⁷. Já ao final de seu mandato, Washington Luís conversava com o Zé Povo sobre os caminhos de sua administração, em cena que contava com a presença de um busto da dama do barrete encarnado, com o desenho da escultura trazendo certa satisfação para com o governante⁸⁸. A respeito da campanha eleitoral que envolveu a candidatura governista e a oposição da Aliança Liberal, a publicação mostrou a figura feminina ao lado de Washington Luís, que se preparava para defender seu candidato, diante da aproximação dos oposicionistas, identificados jocosamente como “os três reis ‘magros’”⁸⁹. Desse modo, para sustentar suas práticas críticas e seu caráter eminentemente popular *O Malho* utilizou-se largamente da imagem da mulher-república, muitas vezes estampada junto do Zé Povo, caracterizando o fulcro editorial da folha carioca.

⁸⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 24, n. 1210, 21 nov. 1925.

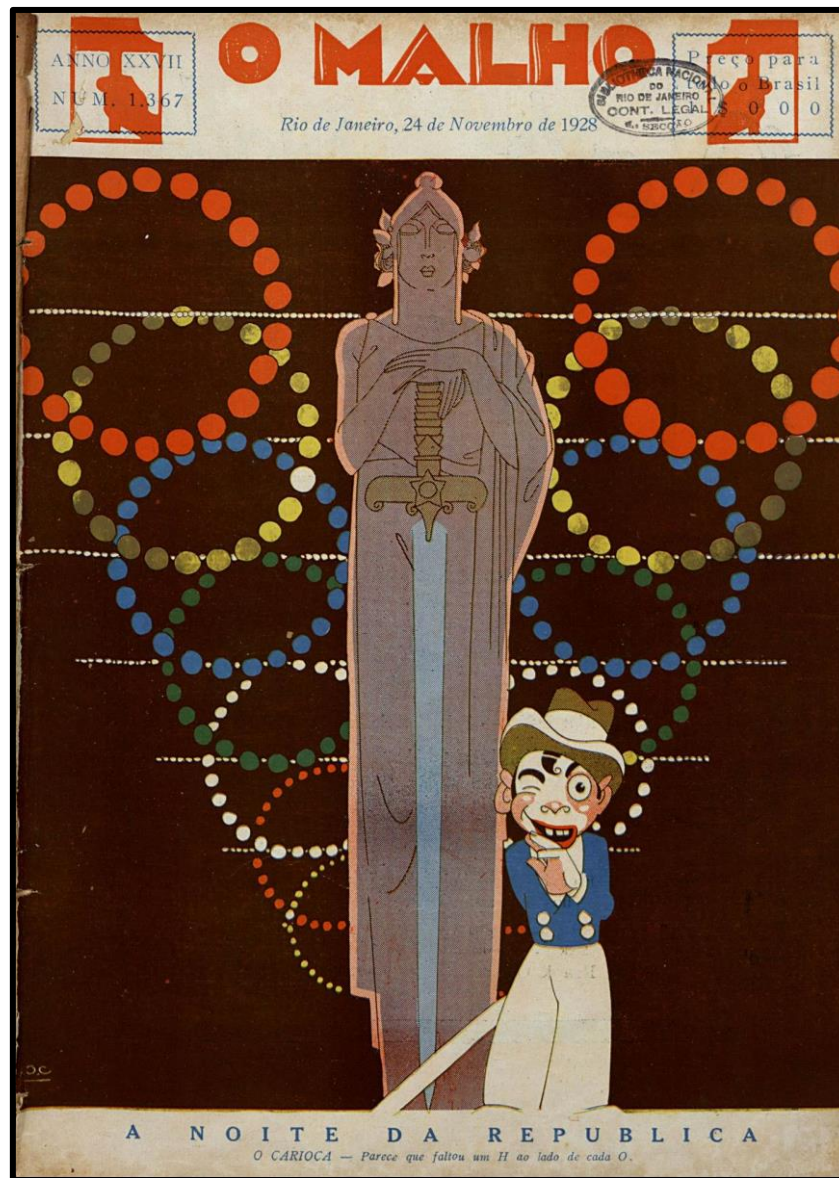
⁸⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 27, n. 1367, 24 nov. 1928.

⁸⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 28, n. 1403, 3 ago. 1929.

⁸⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, a. 29, n. 1425, 4 jan. 1930.



PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS



FON-FON

Outra revista que circulou no Rio de Janeiro, chegando a atingir diversas localidades em sua distribuição foi a *Fon-Fon*, publicada de 1907 até o final dos anos 1950. Conquistando significativo sucesso, ela esteve à altura de suas congêneres em meio as preferências do público da época⁹⁰. Em seus tempos iniciais teve uma ligação bastante íntima com humor, chegando a definir-se como um “semanário alegre, político, crítico e esfuziante”, além de apresentar-se como um periódico “ágil e leve”, que pretendia “fazer rir, alegrar a boa alma carinhosa” do “amado povo brasileiro, com a pilhéria fina e a troça educada, com a glosa inofensiva e gaiata dos velhos hábitos e dos velhos costumes, com o comentário leve às coisas da atualidade”. O título da revista era referência a uma sirene, que seria apertada diante do debate dos diferenciados temas⁹¹. Além disso, ao seguir os caminhos da jocosidade, a publicação se enquadrava como “uma necessidade para desopilação dos fígados inflamados pelo excesso de política”⁹². Pretendia manter uma “feição leve e simples”⁹³ e, ao ultrapassar a existência de duas décadas, historiava a sua atuação, apontando que tivera uma “adolescência que lhe correu célere e alegre, brejeira e feliz”, vindo a transformar-se em “um jovem mundano e faceiro, que se habituou às boas rodas”, vendo-se “disputado pelos que cultivam o espírito, amam a arte, apreciam o bom tom e rendem homenagem às mulheres”. Na mesma linha,

⁹⁰ SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 301.

⁹¹ FON-FON. Rio de Janeiro, a. 1, n. 1, 13 abr. 1907.

⁹² FON-FON. Rio de Janeiro, a. 3, n. 15, 10 abr. 1909.

⁹³ FON-FON. Rio de Janeiro, a. 7, n. 15, 12 abr. 1913.

dizia que longe ia o tempo em que tal magazine “caricaturou os políticos e criticou os administradores, fez graçolas e traquinadas”, tendo em vista que, “com os anos se fixou no que atualmente é, e, sendo agora maior, embora nada perca do seu chiste e da sua alegria”, ao ser “mais linda”, passava a ter “melhor juízo”⁹⁴.

A presença da dama do barrete encarnado teve bem menor recorrência nas páginas da *Fon-Fon* do que o ocorrido em suas colegas de gênero abordadas neste livro. Tendo em vista, a própria mudança na orientação editorial da publicação, as imagens da mulher-república que chegaram a ser embasadas na pilhéria caricatural, foram cada vez mais servindo para enaltecer um espírito cívico, tanto que tais presenças se deram em maior escala nas comemorações dos aniversários republicanos, em datas próximas ao 15 de Novembro. Em seu primeiro aparecimento na revista, a dama republicana, por ocasião de colher “mais uma primavera no jardim de sua preciosa existência”, tinha as vestes mais condizentes com a contemporaneidade e, seguindo outra das preferências do periódico, estaria entre as “elegantes”, seguindo os padrões preceituados pela moda. Ainda em relação à data alusiva, uma caricatura mostrava uma menina república que era cumprimentada por estar a fazer anos, ao passo que ela, entretanto, se apresentava amuada, queixando-se de não ter “crescido muito” naquele período, em alusão aos obstáculos econômicos que ainda se antepunham ao regime⁹⁵.

⁹⁴ FON-FON. Rio de Janeiro, a. 22, n. 15, 14 abr. 1928.

⁹⁵ FON-FON. Rio de Janeiro, a. 2, n. 32, 14 nov. 1908.



PRESENCAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS



Sem deixar de lado os ditames da moda, com um barrete frígio estilizado para adaptar-se ao conceitos coetâneos, a jovem república permanecia sisuda ao encontrar-se, com uma velha senhora, a monarquia, a qual lhe confessava que, sem querer “falar mal” e, “com franqueza”, estava a esperar “outra coisa”, diante do que, sem retorquir, a república simplesmente concordava, em uma clara referência às insatisfações quanto aos caminhos adotados pelo regime e pela concepção de que aquela não era a forma de governo sonhada originalmente⁹⁶. Mais adiante, a presença da figura feminina ficou demarcada pelo espírito celebrativo, patriótico e cívico, com a dama do barrete frígio recuperando suas vestes originais, inspiradas na antiguidade clássica, surgindo de braços abertos a sustentar o pavilhão nacional, com a inscrição de duas estrofes no hino à bandeira ao pé da gravura⁹⁷. Anos mais tarde, já em uma fase de estabilização da forma de governo, a república surgia plenamente estilizada, pairando no ar e anunciando o 15 de Novembro como o nascimento de uma “nova era”, de maneira que, por meio de uma cornucópia, espalhava riquezas para o país⁹⁸. A mobilização para o enfrentamento bélico mundial se fez presente com a invocação alegórica da república que, junto da bandeira brasileira, se abraçava a dois representantes das forças armadas⁹⁹.

⁹⁶ FON-FON. Rio de Janeiro, a. 3, n. 46, 13 nov. 1909.

⁹⁷ FON-FON. Rio de Janeiro, a. 4, n. 46, 12 nov. 1910.

⁹⁸ FON-FON. Rio de Janeiro, a. 8, n. 46, 15 nov. 1914.

⁹⁹ FON-FON. Rio de Janeiro, a. 11, n. 26, 30 jun. 1917.

PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS

O tom de mobilização e de receio da população em geral, com a simbologia de manter a fé na ordem republicana, diante da guerra que ganhava alcance internacional, era o predominante mais uma vez em outra representação do aniversário da dama do barrete encarnado, cuja efígie ocupava o centro da gravura, servindo como uma espécie de mobilização para o conjunto da sociedade brasileira¹⁰⁰. A motivação bélica continuou sendo a pauta, quando a revista trouxe a própria república de espada em punho pronta para enfrentar o inimigo, aparecendo ao fundo, quase imperceptível, a destruição trazida pela guerra¹⁰¹. A paz, considerada pela publicação como a “vitória do ideal”, com o término da I Guerra Mundial, coincidiu com mais um aniversário do 15 de Novembro, de maneira que a dama republicana aparecia mais tranquila, mas atenta, sem abandonar a espada, embora mantendo-a abaixada¹⁰².

¹⁰⁰ FON-FON. Rio de Janeiro, a. 11, n. 46, 17 nov. 1917.

¹⁰¹ FON-FON. Rio de Janeiro, a. 12, n. 43, 26 out. 1918.

¹⁰² FON-FON. Rio de Janeiro, a. 12, n. 46, 16 nov. 1918.



PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS



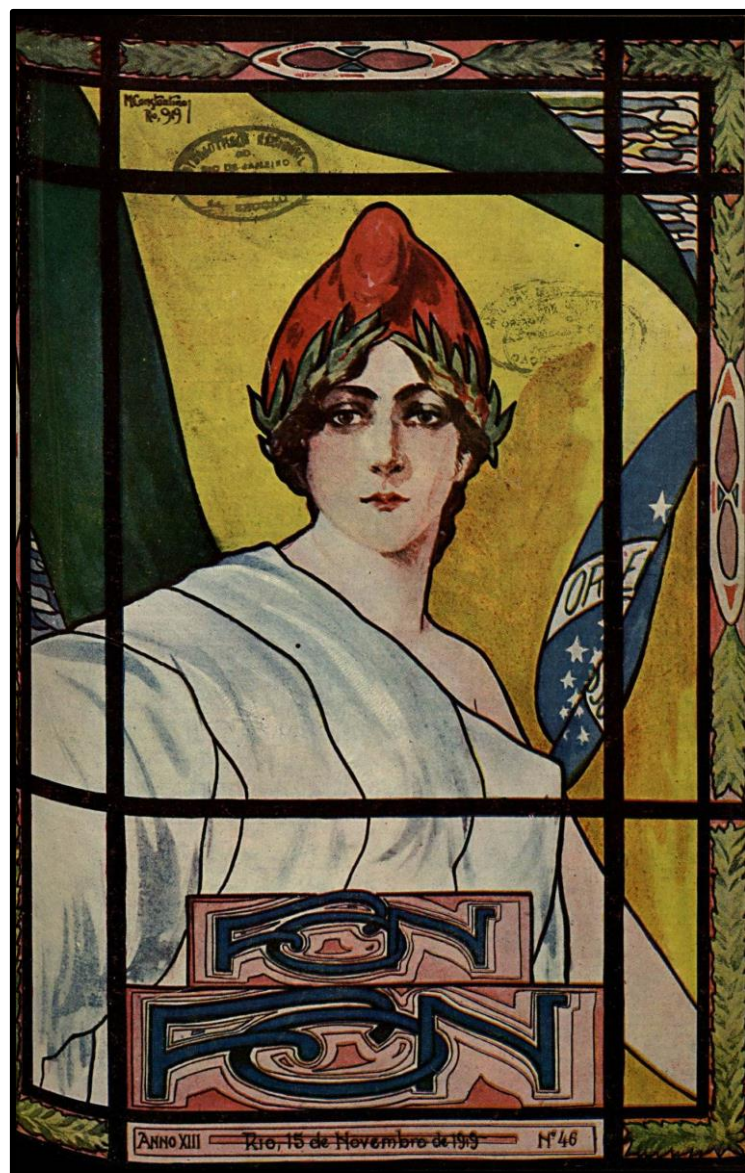


A partir de então, a incidência da mulher-república tornou-se cada vez mais diminuta nas edições da publicação, que, em tais representações, privilegiou outras manifestações artísticas em detrimento da caricatural, em consonância com a opção por valorizar a reprodução de paisagens e mormente colocar em pauta detalhes da moda. Foi o caso em que a dama do barrete frígio surgia magnânima em sua data natalícia na composição de um vitrô¹⁰³. Outra presença, na mesma oportunidade em termos de data cívica, ocorreu com a figura feminina sobre uma montanha, com o pavilhão nacional à mão e observando uma paisagem da capital federal, bem como estendendo o dedo em determinada direção, como a indicar o caminho a seguir¹⁰⁴. Passados alguns anos, a república trazia o barrete frígio e por vestes a bandeira brasileira, homenageando um dos considerados “pais da pátria” nos Estados Unidos, bem à época das comemorações da independência de tal país, com a colocação de uma coroa de louros em homenagem a George Washington, apontado como o “fundador do modelo republicano”¹⁰⁵. Desse modo, a *Fon-Fon* também teve na figura feminina uma estratégia imagética para representar a forma republicana, atendendo os pressupostos de seus padrões editoriais, ou seja, primeiramente utilizando-se da representação caricatural, para depois firmar uma perspectiva mais associada ao civismo e ao patriotismo.

¹⁰³ FON-FON. Rio de Janeiro, a. 13, n. 46, 15 nov. 1919.

¹⁰⁴ FON-FON. Rio de Janeiro, a. 14, n. 46, 13 nov. 1920.

¹⁰⁵ FON-FON. Rio de Janeiro, a. 18, n. 27, 5 jul. 1924.



PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





CARETA

Uma das mais longevas e marcantes revistas publicadas no Rio de Janeiro foi a *Careta*, editada desde 1908 até os anos 1960. Atingiu ampla popularidade entre o público leitor e foi distribuída não só na capital federal, mas também nas mais importantes localidades brasileiras. A partir de uma proposta inovadora, realizou verdadeira análise e tipificação da sociedade, além de dedicar-se à crítica política e à de costumes¹⁰⁶. Atuou como uma magazine de variedades, com ênfase no humor, alcançando grande circulação e destacando-se na imprensa ilustrada da época¹⁰⁷. Seu norte editorial embasou-se na abordagem jocosa, mas também informativa, propondo no editorial um programa vasto e sedutor para o público apreciador das sessões galantes do jornalismo *smart*¹⁰⁸. Na sua gênese, intentava constituir uma revista popular e atingir um grande número de leitores, buscando uma audiência de âmbito nacional¹⁰⁹. A *Careta*, com humor, expressava algumas de suas propostas, invocando, jocosamente, as razões de seu próprio título, demarcando que até então trouxera ao público uma “série de *caretas*” que teriam formado “um

¹⁰⁶ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 302.

¹⁰⁷ COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA Tania Regina de (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 116.

¹⁰⁸ MAUAD, Ana Maria. O olho da História: fotojornalismo e a invenção do Brasil contemporâneo. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco & FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A; Faperj, 2006. p. 374.

¹⁰⁹ CORRÊA, Felipe Botelho. The readership of caricatures in the Brazilian Belle Époque: the case of the illustrated magazine *Careta* (1908-1922). In: *Patrimônio e memória*. São Paulo, Unesp, v. 8, n.1, p. 81, janeiro-junho, 2012.

alentado álbum”, com todas elas “consagradas à sadia tarefa de provocar o riso”, levando aos leitores “tantas caretas graciosas”¹¹⁰. Ela transformou-se na mais deliciosa criação gráfica, literária e artística, pelo bom gosto inalterável da sua arte sempre atual, surgindo daí o imenso prestígio que sempre desfrutou, não somente nas classes intelectuais do país, como no seio do povo¹¹¹.

Ao longo de sua duradoura circulação, a figura feminina como símbolo da república foi uma presença constante nas páginas da *Careta*, como no caso do período que se desenvolveu desde a sua criação até 1930. Em uma delas, a mulher-república apanhava uma flor para demarcar mais um ano de sua existência, ficando evidenciado que o próximo período não traria expectativas das mais favoráveis¹¹². No campo da imaginação, a revista trazia a criação de uma maquete que homenagearia o político gaúcho Pinheiro Machado – que exerceu o papel de uma espécie de eminência parda junto às forças governativas brasileiras –, em monumento composto por personagens da vida nacional e alegorias, entre elas a república¹¹³. Diante das dificuldades vividas pelo país, a magazine reconstruiu uma arena romana, com o público formado por representantes de vários países assistindo a cena de um leão carregando a dama republicana brasileira¹¹⁴.

¹¹⁰ CARETA. Rio de Janeiro, a. 2, n. 53, 5 jun. 1909.

¹¹¹ LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 1, p. 149-150.

¹¹² CARETA. Rio de Janeiro, a. 2, n. 76, 13 nov. 1909.

¹¹³ CARETA. Rio de Janeiro, a. 3, n. 110, 14 maio 1910.

¹¹⁴ CARETA. Rio de Janeiro, a. 5, n. 193, 10 fev. 1912.

(R)

Careta

REDACÇÃO E OFFICINAS: RUA DA ASSEMBLÉA, 70 — RIO DE JANEIRO

ASSIGNATURAS NÚMERO AVULSO
ANNO 1\$000 | SEMESTRE 2\$000 || CAPITAL 300 Rs. | ESTADOS. 400 Rs.

EDIÇÃO DE "KÓSMOS"

N. 76 | RIO DE JANEIRO — Sabbado — 13 — Novembro — 1909 | ANNO II



COLHENDO MAIS UMA FLOR
A Republica. — O que!?... Em 1910 a colheita é de papoulas bravas?...

PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





Mantendo a inspiração romana, a folha apresentava a figura de um imperador que se incomodava com o resultado que adviria da gravidez da mulher-república¹¹⁵. Pinheiro Machado voltava a figurar, manifestando dúvidas quanto a continuar em seu papel de influenciar o Presidente, estando perante o busco da república cujas feições expressavam certo pasmo¹¹⁶. As preocupações do político sul-rio-grandense permaneciam, mas a revista avisava que o “Seu Pinheiro” deveria dar o fora, pois “um valor mais alto” passava a preponderar, em referência ao carnaval, com uma cena na qual a república, com as suas vestes alteradas em função da época de folia, se divertia sobre os ombros de um palhaço, em meio ao consumo de bebida e a uma chuva de confetes e serpentinas¹¹⁷. Acerca do ambiente mundial conflagrado por conflito bélico, cada uma em seu continente, a dama do barrete encarnado brasileiro explicava jocosamente à francesa as razões da não participação do Brasil na guerra¹¹⁸. Por ocasião das festas natalinas, uma menina república sonhava com os presentes que poderia ganhar, enquanto se encontrava cercada por figuras da vida política nacional¹¹⁹. Em seu aniversário, a simbologia feminina da república chegava a surgir realizando uma preleção de cunho filosófico acerca de humanidade, brio, civismo e vaidade¹²⁰.

¹¹⁵ CARETA. Rio de Janeiro, a. 6, n. 248, 1º mar. 1913.

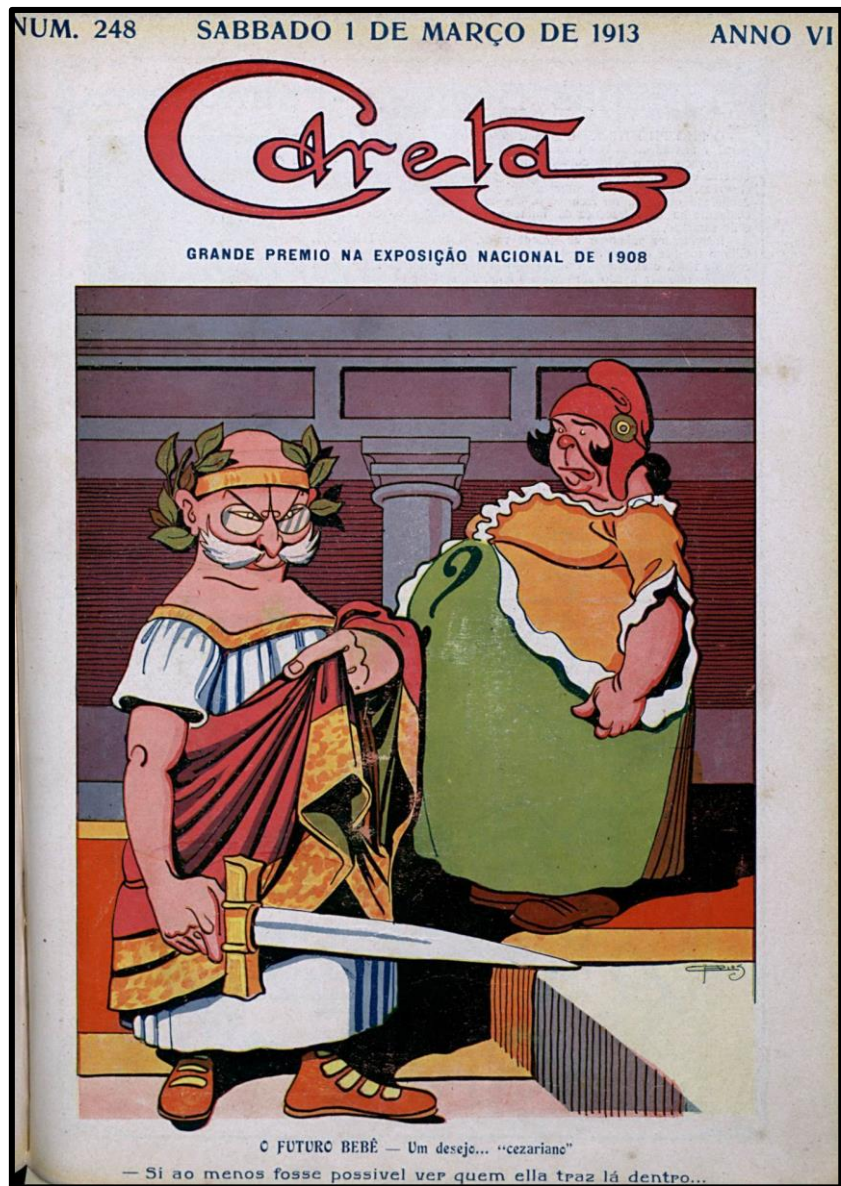
¹¹⁶ CARETA. Rio de Janeiro, a. 6, n. 253, 5 abr. 1913.

¹¹⁷ CARETA. Rio de Janeiro, a. 8, n. 347, 13 fev. 1915.

¹¹⁸ CARETA. Rio de Janeiro, a. 9, n. 424, 5 ago. 1916.

¹¹⁹ CARETA. Rio de Janeiro, a. 9, n. 445, 30 dez. 1916.

¹²⁰ CARETA. Rio de Janeiro, a. 10, n. 491, 17 nov. 1917.



PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





PRESENCAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS



Figurada mais uma vez como uma escultura, a face da república trazia consigo um certo desdém para com as incertezas dos homens públicos¹²¹. O jogo de cartas marcadas em relação às eleições presidenciais era evidenciado pela revista ao mostrar a “convenção” como uma velha senhora que escolheria, à revelia da vontade popular, o candidato vencedor, com o qual a dama republicana seria obrigada a “casar”¹²². Na passagem de um outro de seus aniversários, como dizia a tradição popular, a república recolhia mais uma flor, diante do que, uma representação do povo reclamava que ela só colhia, mas não semeava, sintetizando uma crítica à ação governamental que mais gastava do que gerava riquezas¹²³. As dificuldades econômico-financeiras de uma jovem república, demarcadas pela expressão popular de “tempo das vacas magras”, foram resumidas pela necessidade da mesma se submeter a estender a mão ao Presidente no sentido de pedir-lhe dinheiro para conseguir ir ao cinema¹²⁴. Por ocasião da visita do Rei belga ao Brasil, o mestre de cerimônias explicava o protocolo e constrangia a mulher-república ao dizer-lhe que ela precisaria “dar um viva à monarquia”¹²⁵.

¹²¹ CARETA. Rio de Janeiro, a. 12, n. 551, 11 jan. 1919.

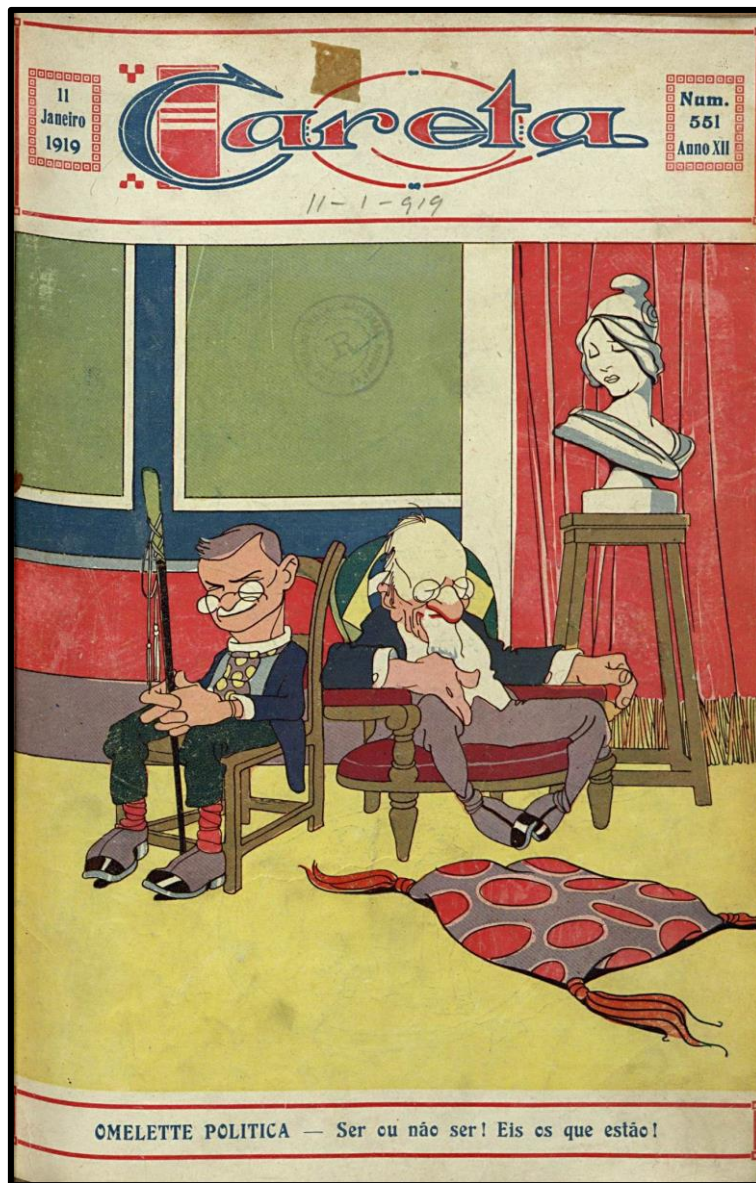
¹²² CARETA. Rio de Janeiro, a. 12, n. 565, 19 abr. 1919.

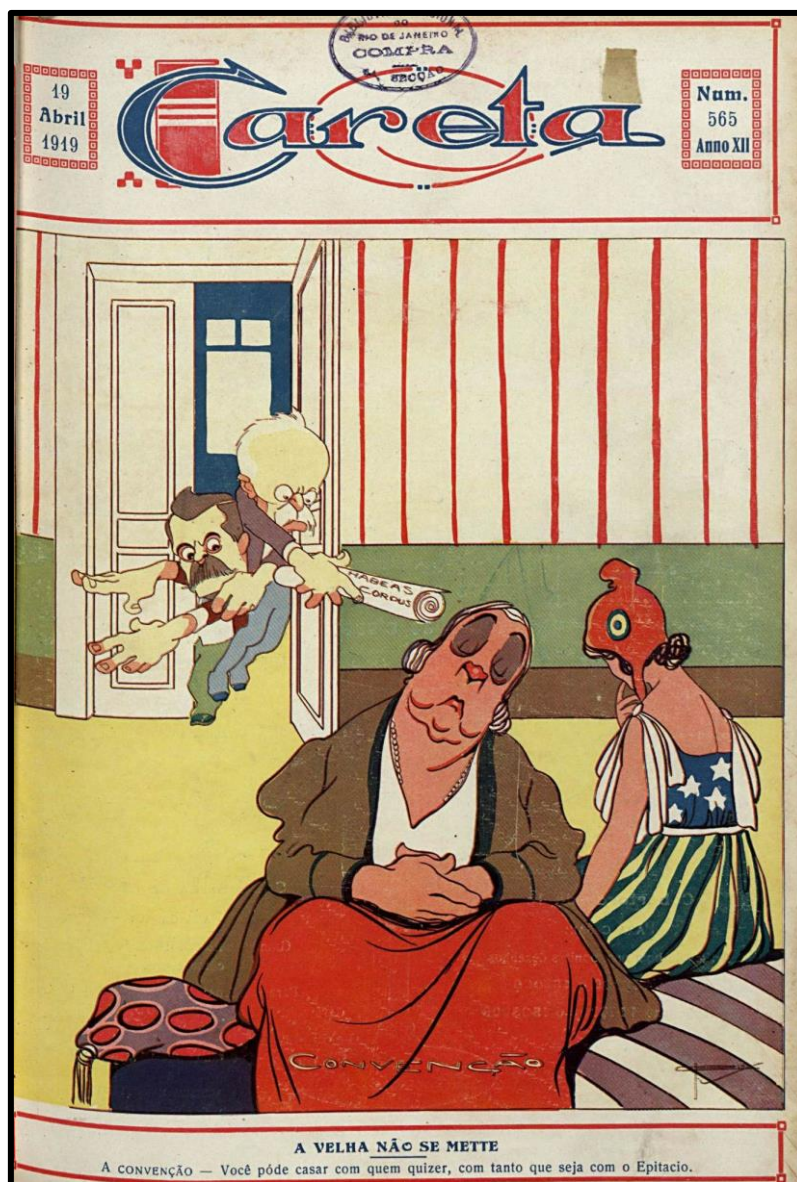
¹²³ CARETA. Rio de Janeiro, a. 12, n. 595, 15 nov. 1919.

¹²⁴ CARETA. Rio de Janeiro, a. 13, n. 631, 24 jul. 1920.

¹²⁵ CARETA. Rio de Janeiro, a. 13, n. 641, 2 out. 1920.

PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS



Em mais um 15 de Novembro, outra representação do povo brasileiro, o Jeca, levava um buquê de flores para a república, avisando-a que ela iria se surpreender, pois ele não iria pedir-lhe coisa alguma, em contraposição aos políticos brasileiros, sempre sequiosos em satisfazer seus interesses¹²⁶. Mais uma vez mudando suas indumentárias por ocasião dos festejos carnavalescos a mulher-república, acompanhada por uma velha senhora de feições rabugentas, identificada com a política, era interpelada pelo Jeca, sugerindo-lhe que ela deveria andar sozinha, pois a outra comprometia os seus “encantos” de “garota ingênua”¹²⁷. Representando uma coincidência entre um processo eleitoral e as festas de Momo, em plena Quarta-Feira de Cinzas, a dama republicana encontrava-se inebriada e adormecida em meio aos demais foliões, tendo chegado a trocar até mesmo o seu barrete encarnado por outro de cor diferente¹²⁸. Levando em conta os grandes eventos alusivos ao centenário da independência, o periódico não deixou de lado a figura simbólica da república, como ao mostrá-la questionando o povo, personalizado pelo Jeca, se haviam sido tomadas todas as providências para receber o expressivo contingente de visitantes mundiais esperados para as solenidades¹²⁹. Na mesma ocasião, a república e o Jeca se abraçavam para recepcionar as nações estrangeiras que se fariam presentes no país aniversariante¹³⁰.

¹²⁶ CARETA. Rio de Janeiro, a. 14, n. 699, 12 nov. 1921.

¹²⁷ CARETA. Rio de Janeiro, a. 15, n. 710, 28 jan. 1922.

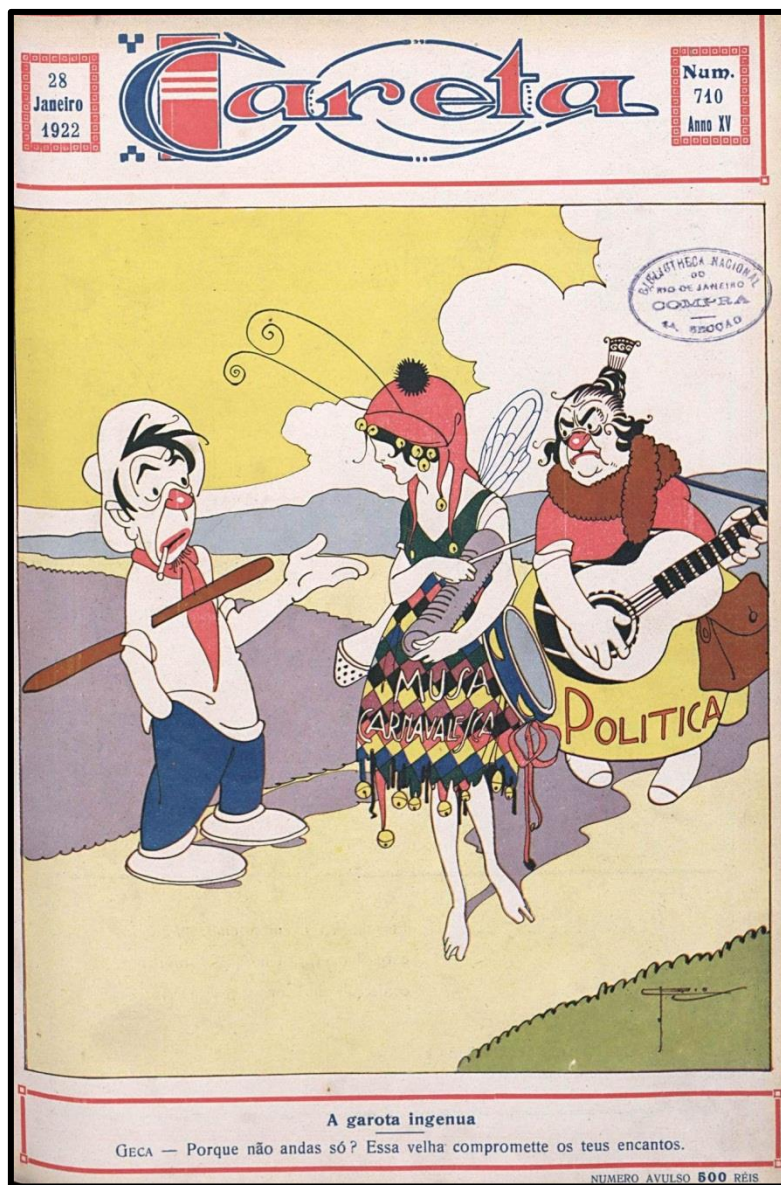
¹²⁸ CARETA. Rio de Janeiro, a. 15, n. 715, 4 mar. 1922.

¹²⁹ CARETA. Rio de Janeiro, a. 15, n. 736, 29 jul. 1922.

¹³⁰ CARETA. Rio de Janeiro, a. 15, n. 741, 2 set. 1922.

PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS



Em seu trigésimo-terceiro aniversário, em tom melancólico e acompanhada pelo “Povo”, a República tocava violão e cantarolava uma música sobre despedidas¹³¹. Um projeto de touradas que teria composto as comemorações do centenário da independência proporcionou a inspiração para criar tal cenário que trazia na plateia o espanto do público e a vergonha da mulher-república¹³². No calor do verão tropical, a revista fazia graça com a elevação não só da temperatura, mas também dos preços dos produtos, além dos problemas cambiais representados pela areia na qual o “Povo” encontrava-se enterrado, dizendo ser sempre o responsável pelo pagamento das contas, enquanto a república apenas observava, parecendo fazer-se de desentendida¹³³. Na data alusiva a um dos personagens que, no período republicano, foi elevado à categoria de “herói nacional”, o Tiradentes, carregado nos céus, reclamava de ter sido enforcado por uma causa perdida como a brasileira, enquanto, em terra, uma mulher-república decrépita, com os trajes e o barrete esfarrapados, encontrava-se agrilhoada às dívidas, amarrada a uma árvore, sentada sobre a constituição, na qual aparecia a espada da justiça quebrada e em frente a um prédio em ruínas identificado com as finanças do país, ao passo que em suas mãos a liberdade diminuía de tamanho e parecia apenas uma palavra perdida em um papel¹³⁴.

¹³¹ CARETA. Rio de Janeiro, a. 15, n. 751, 11 nov. 1922.

¹³² CARETA. Rio de Janeiro, a. 15, n. 753, 25 nov. 1922.

¹³³ CARETA. Rio de Janeiro, a. 16, n. 767, 3 mar. 1923.

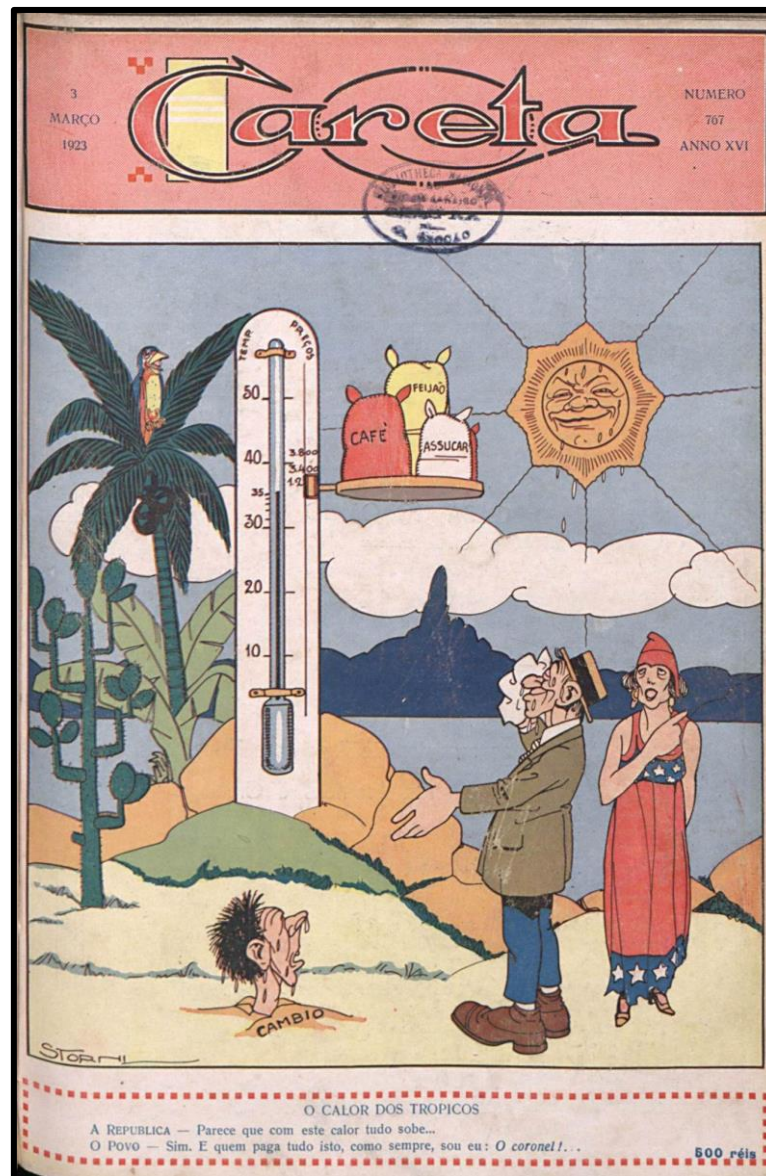
¹³⁴ CARETA. Rio de Janeiro, a. 16, n. 774, 21 abr. 1923.

PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





PRESENCAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





O Brasil foi comparado pela *Careta* a um “grande circo”, aproximando-se os homens públicos para tomarem seus lugares, enquanto uma mulher que trazia em si o significado da população brasileira se referia aos custos daqueles “espetáculos”, trazendo à mão um papagaio, designando a falação que tomava conta dos atos parlamentares, e estando próxima a um saco de milho, no sentido das verbas públicas pelas quais os políticos encontravam-se ávidos e, em tal quadro, a república, identificada também com a soberania, se limitava a carregar o conteúdo programático governamental¹³⁵. Uma apavorada mulher-república montava um elefante, simbolizando a dívida flutuante do país, com as opções pelo pagamento à vista ou em prestações, embora ambas fossem representadas pelos riscos do abismo; com ironia, o comentário dizia que a república estava salva, ao passo que o Zé Povo, com jocosidade, argumentava que não deveria haver receio de queda no precipício, tendo em vista a presença de uma cerca de arame farpado, como se isso fosse o suficiente para deter a montaria da figura feminina¹³⁶. A situação de penúria nacional foi também apresentada como uma banda a tocar um tango denominado “vida apertada”, enquanto o “Povo” permanecia lânguido e apático e a dama do barrete frígido limitava-se a dançar com um personagem masculino identificado com o país¹³⁷.

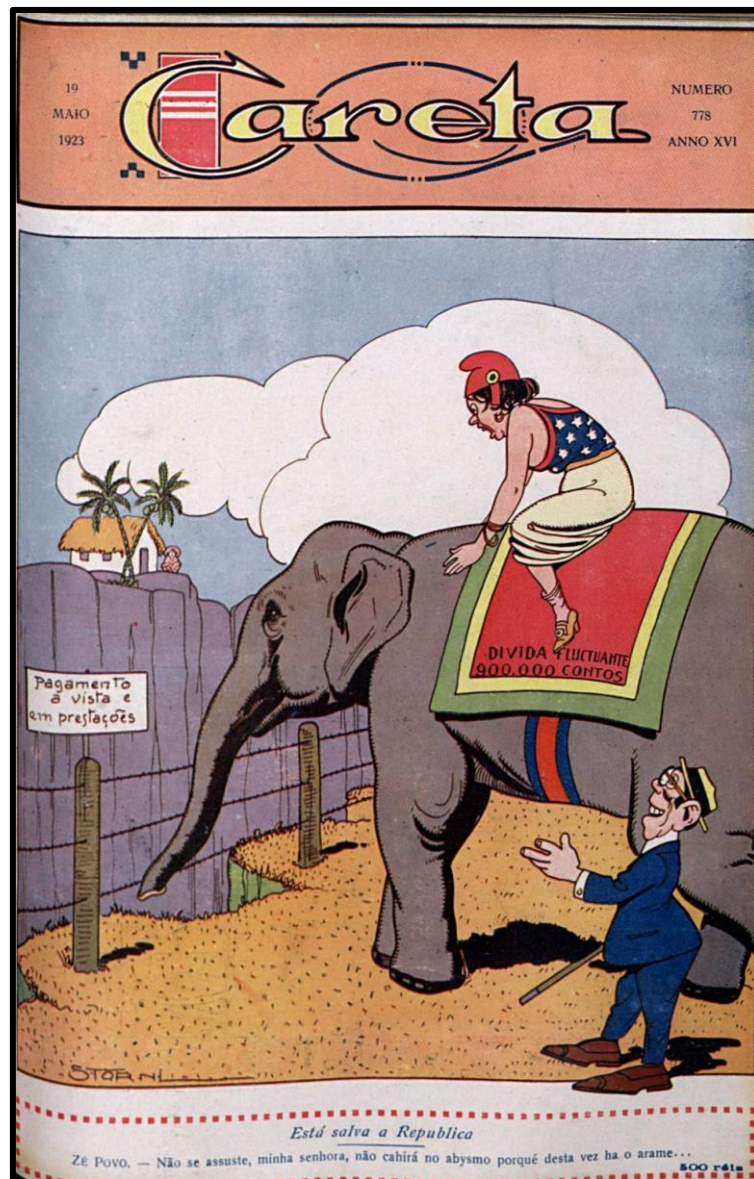
¹³⁵ CARETA. Rio de Janeiro, a. 16, n. 775, 28 abr. 1923.

¹³⁶ CARETA. Rio de Janeiro, a. 16, n. 778, 19 maio 1923.

¹³⁷ CARETA. Rio de Janeiro, a. 16, n. 779, 26 maio 1923.



PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS



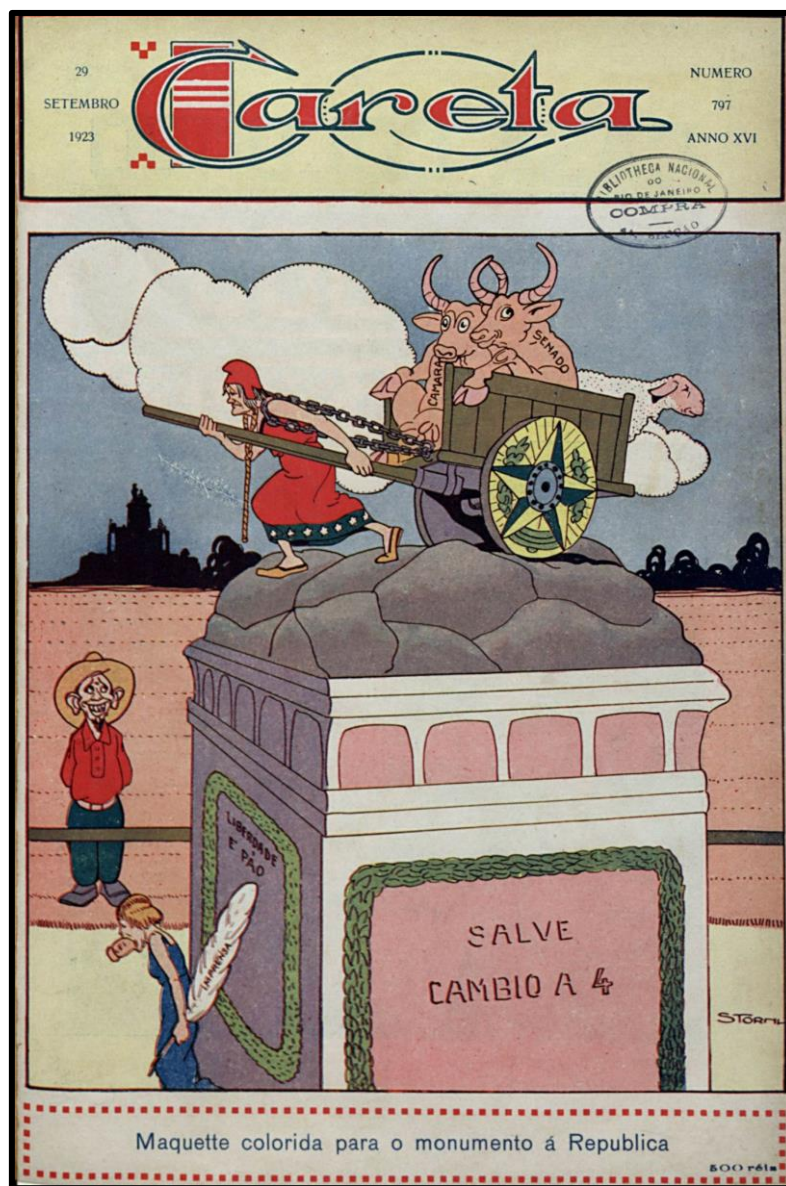


À crise econômica denunciada pelo periódico, associava-se à crise política, o que veio a inspirar o semanário a apresentar a maquete de um monumento à república, na qual as inscrições lembravam as dificuldades cambiais do país e a carência de liberdade e alimentos, enquanto no solo, o Jeca limitava-se a sorrir da estátua, enquanto a figura feminina que designava a imprensa encontrava-se arrolhada, em alusão às restrições à liberdade de expressão que à época vigoravam; já no alto da idealizada arte estatutária a mulher-república era a força motriz que puxava uma pesadíssima carroça, carregada com dois touros, simbolizando as duas casas parlamentares brasileiras e uma ovelha em referência à passividade da população¹³⁸. A “vida brasileira” eivada de dificuldades foi demonstrada ainda pela representação do país pedindo paciência ao cobrador diante da promissória e das contas a pagar, uma vez que prometera “endireitar-se” para a esposa, a qual era a própria dama republicana, em vestimenta mais contemporânea, até mesmo sem o barrete, talvez também perdido por razão do endividamento, motivo que poderia ser idêntico ao sumiço da esfera azul da bandeira que aparecia nas cortinas¹³⁹. O regime repressivo foi igualmente denunciado por um Congresso cercado de militares e no qual a dama do barrete encarnado, também identificada com a democracia, acompanhada da opinião livre e da independência, eram impedidas de entrar, sob o argumento de que ali era lugar só de deputados e senadores¹⁴⁰.

¹³⁸ CARETA. Rio de Janeiro, a. 16, n. 797, 29 set. 1923.

¹³⁹ CARETA. Rio de Janeiro, a. 16, n. 803, 10 nov. 1923.

¹⁴⁰ CARETA. Rio de Janeiro, a. 17, n. 828, 3 maio 1924.



PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





Em um cenário no qual todos eram tomados por sono profundo, tanto o Congresso Nacional, quanto os militares, o Jeca e um esquálido cão identificado com a carestia, a república também permanecia como uma “bela adormecida”, enquanto, do lado de fora, dois indivíduos comentavam o que viam, concluindo que ela estaria a esperar por um “príncipe encantado” ou um ditador de plantão¹⁴¹. O carro do Estado levava uma sorridente dama republicana em direção ao abismo, por mais que o Jeca insistisse em mostrar uma bandeira vermelha, parecendo que ela e o motorista preferiam acreditar na inscrição que dizia que poderiam passar, afinal “Deus é brasileiro”¹⁴². Enquanto o Jeca reclamava da atuação de representante da imprensa francesa e de um banqueiro com ar de esperto, ao fundo as duas mulheres-repúblicas, França e Brasil trocavam um harmonioso abraço¹⁴³. Mais uma vez presente, o símbolo do povo brasileiro, o Jeca, sofria com os efeitos do câmbio que, além de desvalorizarem a moeda nacional, elevavam o preço dos alimentos, ao passo que a república carregava um peso no intento de reequilibrar a balança¹⁴⁴. Em outro de seus aniversários, a dama do barrete frígido era considerada “acabada e velha” aos trinta e cinco anos, ao contrário daqueles que se diziam republicanos¹⁴⁵.

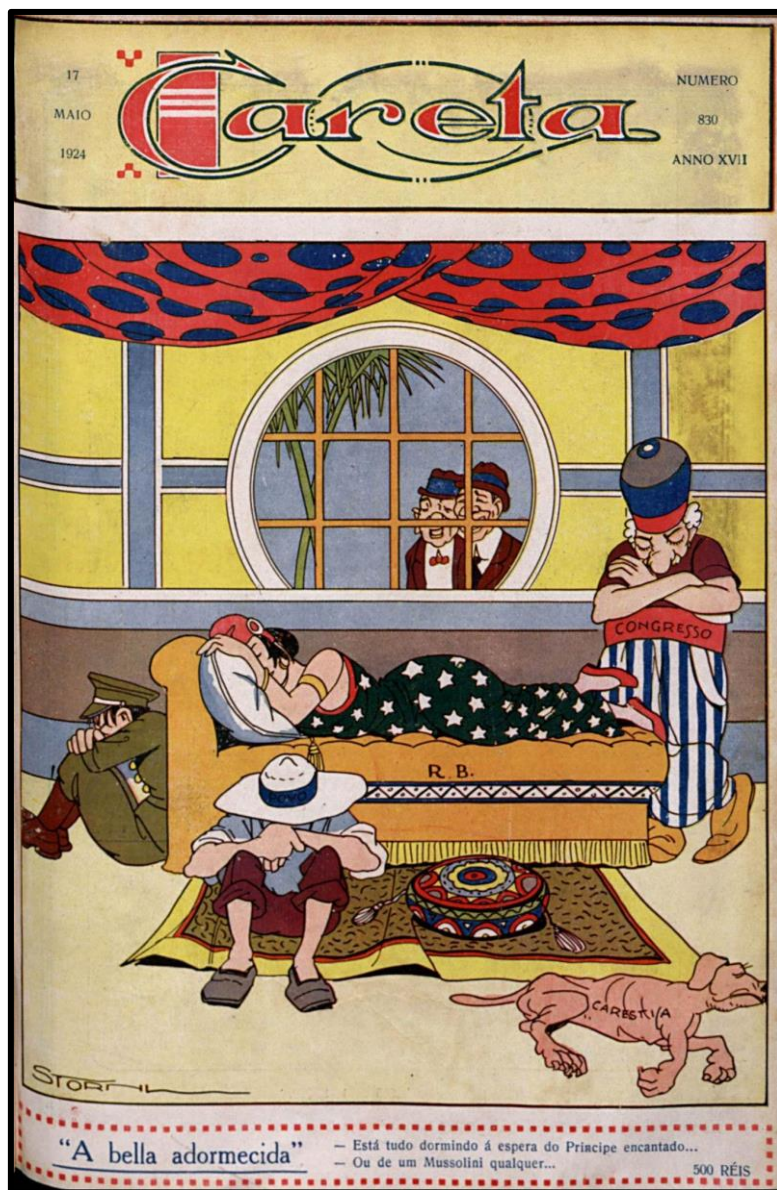
¹⁴¹ CARETA. Rio de Janeiro, a. 17, n. 830, 17 maio 1924.

¹⁴² CARETA. Rio de Janeiro, a. 17, n. 844, 23 ago. 1924.

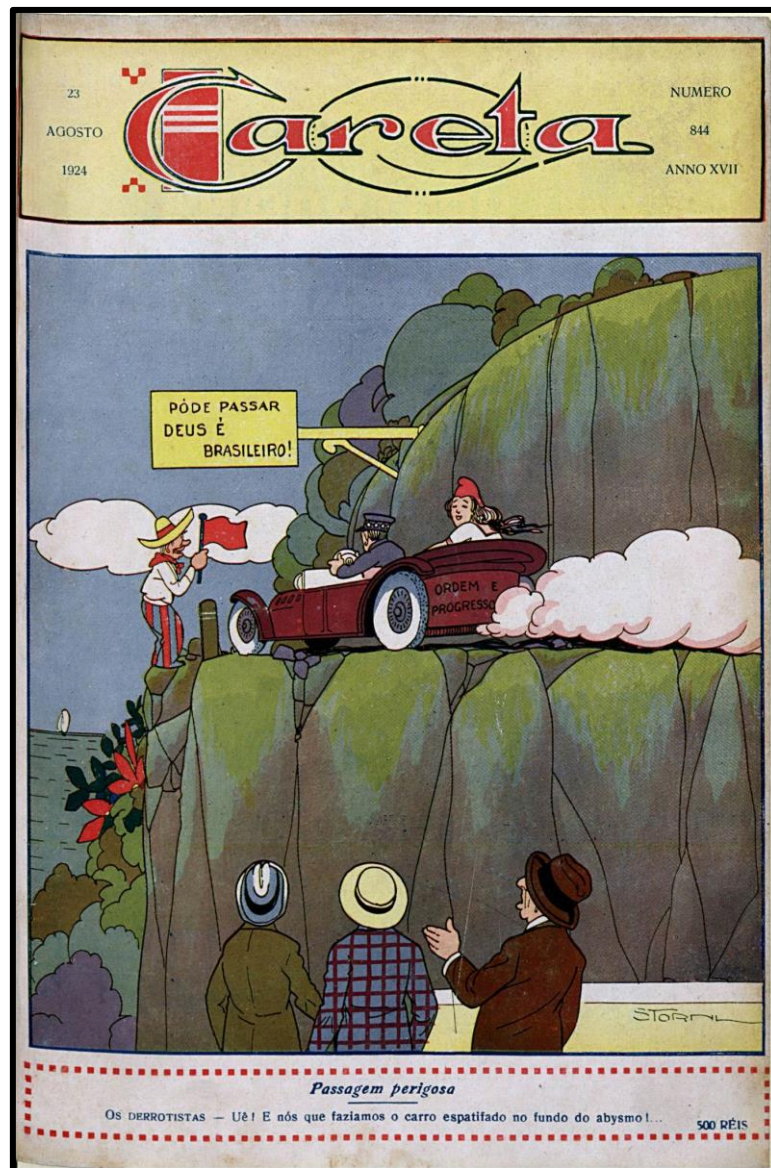
¹⁴³ CARETA. Rio de Janeiro, a. 17, n. 850, 4 out. 1924.

¹⁴⁴ CARETA. Rio de Janeiro, a. 17, n. 853, 25 out. 1924.

¹⁴⁵ CARETA. Rio de Janeiro, a. 17, n. 856, 15 nov. 1924.



PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





A farsa eleitoral que marcava o regime oligárquico brasileiro era mais uma vez denunciada pela folha carioca, ao mostrar, diante de uma sucessão presidencial, o eleitor, com o título ao bolso e denominado ironicamente de “povo soberano”, alegando que não fora consultado e dizendo-se no direito de emitir opinião, ao que o político vociferava contra aquele “desaforo”, não devendo o outro ousar ter opinião, vindo a expulsar-lhe; o quadro era completo pelo retrato de uma mulher-república, com ar depravado e debochado, gargalhando diante da cena que se desenrolava¹⁴⁶. Uma república adoentada procurava um farmacêutico, cujos remédios eram todos identificados com políticos atuantes no cenário nacional, diante do que ela dizia ter “uma perturbação intestinal”, ao que o boticário indicava um tratamento mais “drástico”, respondendo a figura feminina que teria a preferência por “um calmante”, em alusão à certa passividade que ainda campeava largamente no país¹⁴⁷. Um postulante a cargo eletivo conversava com um escultor que terminara um monumento “ao paisano desconhecido”, no qual a república levava uma palma honorífica, mas pisava na constituição, ao passo que a opinião era representada por uma rolha, em referência às limitações à liberdade de expressão¹⁴⁸.

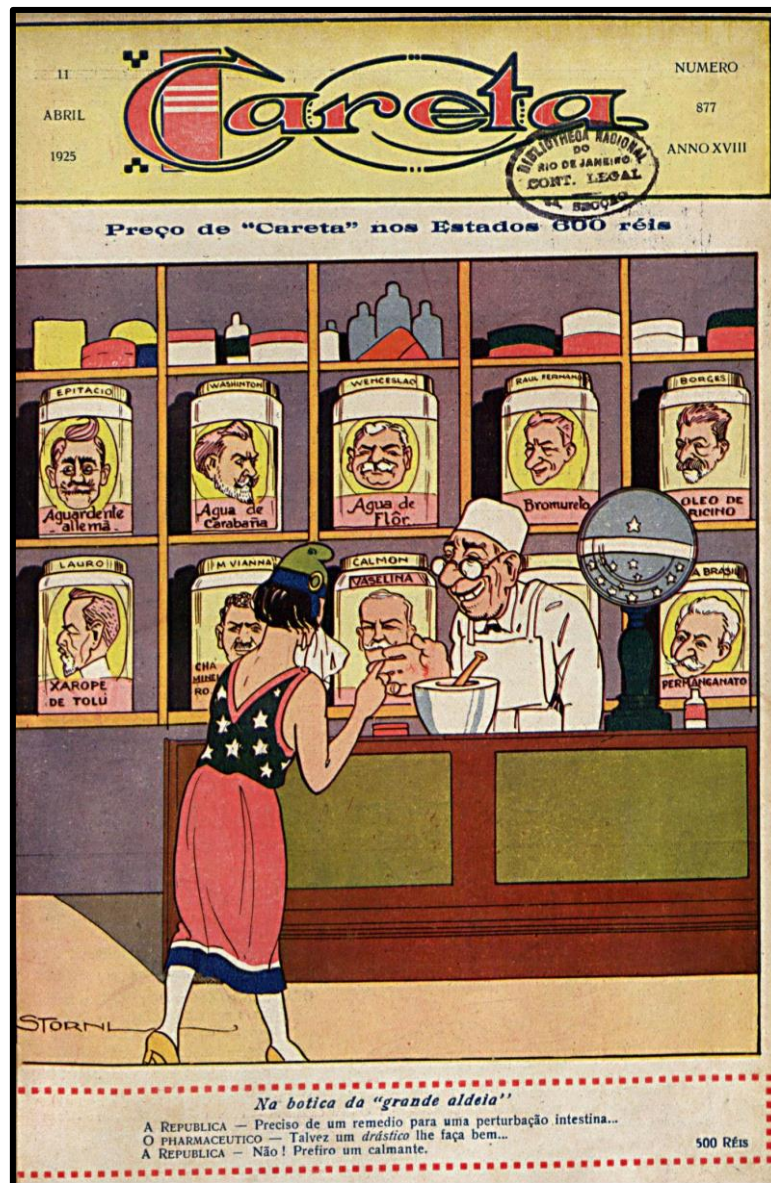
¹⁴⁶ CARETA. Rio de Janeiro, a. 18, n. 875, 28 mar. 1925.

¹⁴⁷ CARETA. Rio de Janeiro, a. 18, n. 877, 11 abr. 1925.

¹⁴⁸ CARETA. Rio de Janeiro, a. 18, n. 884, 30 maio 1925.



PRESENCAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





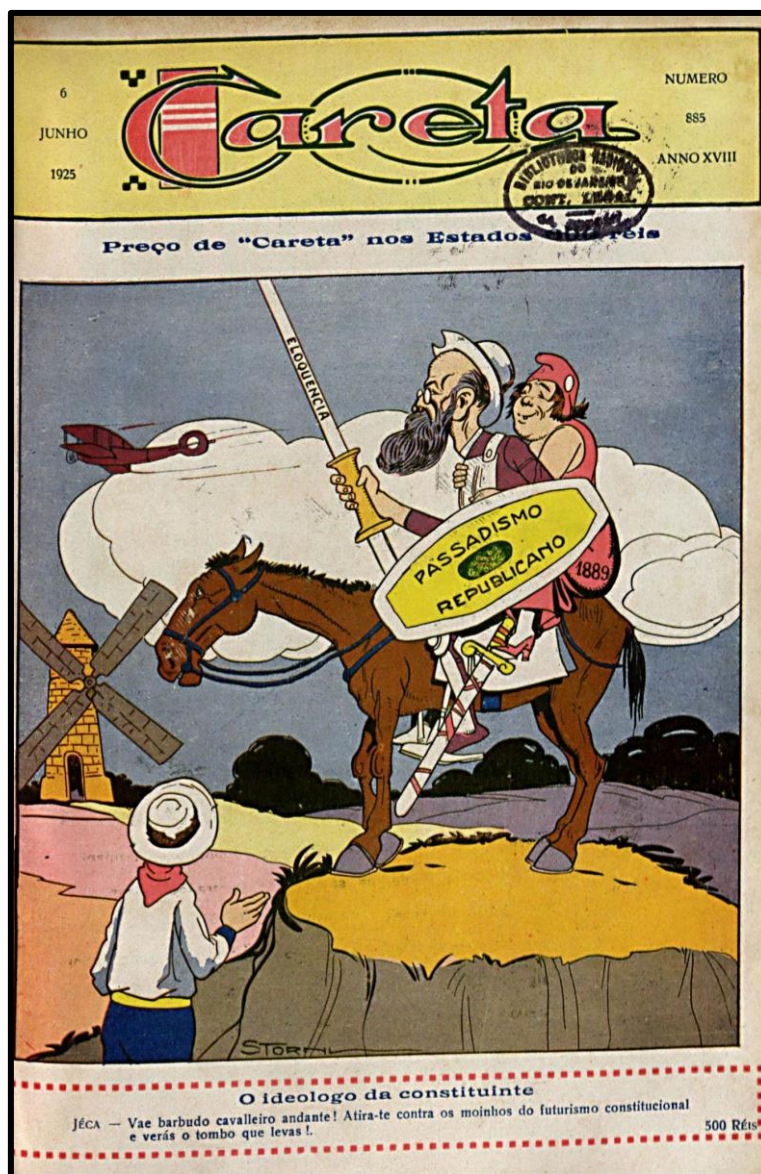
Um Dom Quixote foi apresentado em sua montaria pela folha ilustrada, levando em uma das mãos a lança da “eloquência” e, na outra, o escudo do “passadismo republicano”. Bem de acordo com tal caráter saudosista, o personagem trazia à garupa a “República de 1889”, enquanto o Jeca, acreditando no insucesso do mesmo, o estimulava a ir de encontro aos moinhos de vento, os quais eram categorizados pelo futurismo, perspectiva complementada pela presença do avião que cruzava os ares¹⁴⁹. A respeito da falsidade nas disputas políticas nacionais, a dama republicana observava estupefata que os políticos se enfrentavam e, no sentido figurado, lavavam a roupa suja, ou seja, estendiam o debate até limites pouco decorosos, para, terminado o enfrentamento, voltarem ao contato normal, continuando como bons “camaradas”¹⁵⁰. Em relação a um conjunto de montanhas conhecido como Gigante Adormecido, localizada no Rio de Janeiro, o periódico caçoava, por meio de um indivíduo que dizia à mulher-república que tal figura de pedra despertara, perante um horizonte colorido que aparecia no céu, para em seguida desmentir tal acontecimento, o qual não teria passado de um sonho¹⁵¹. Com a chegada de um outro 15 de Novembro, a república, com trajes e adereços mais modernizados, estranhava as roupas do “Povo”, que lembravam a tradição greco-romano, ao que ele respondia estar “seguindo a moda” da época dos “próceres” do regime¹⁵².

¹⁴⁹ CARETA. Rio de Janeiro, a. 18, n. 885, 6 jun. 1925.

¹⁵⁰ CARETA. Rio de Janeiro, a. 18, n. 890, 11 jul. 1925.

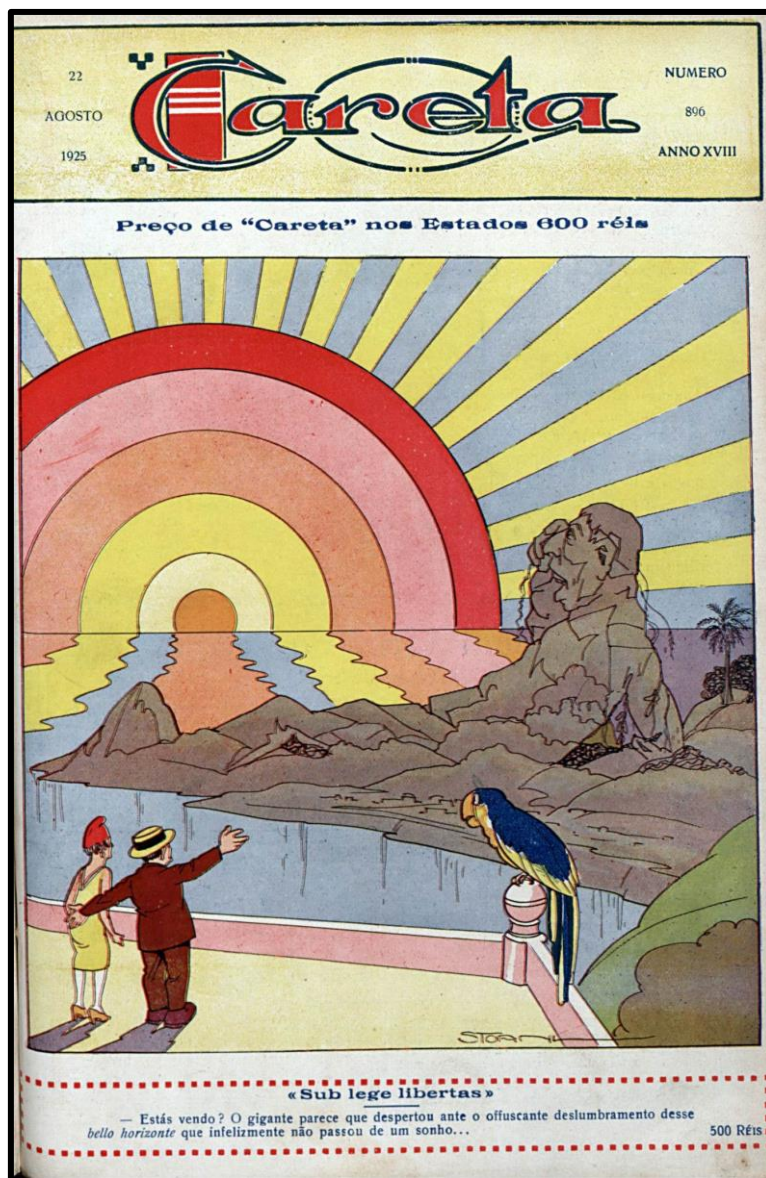
¹⁵¹ CARETA. Rio de Janeiro, a. 18, n. 896, 22 ago. 1925.

¹⁵² CARETA. Rio de Janeiro, a. 18, n. 908, 14 nov. 1925.



PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS



Na fronteira extremo-sul brasileira, o gaúcho, utilizando-se de bombachas nas cores verde e amarela, em sinal do respeito à nacionalidade, conversava com a república, identificada também com o conjunto da união brasileira, enquanto do outro lado das cercas de arame farpado, apareciam os *gauchos* uruguaio e argentino, aquele laçando, e este com olhar cobiçoso para o território brasileiro; em quadro pelo qual o tema era o separatismo, de maneira que ela, apesar de não acreditar em tais tendências, apelava ao “velho gaúcho” para que, quando fosse discutir esse tipo de temática, o fizesse “mais discretamente”, uma vez que “os vizinhos estão ouvindo”¹⁵³. Na ausência de outros candidatos, a revista apresentava Washington Luís, em porte atlético e quase como um galã do cinema, a fazer pose sobre a urna que demarcava as “eleições presidenciais”; como “campeão único”, estando o postulante cercado pela população, com destaque para a dama republicana, que também sintetizava em si a ideia de soberania nacional e parecia igualmente apoiar o candidato, apontando efusivamente na sua direção¹⁵⁴. Enquanto o Presidente eleito passeava pelas ruas, o “Povo”, travestido de guarda, indicava a ele que mudasse de direção, ao passo que ele, acompanhado de duas figuras femininas, a “política” e a “república”, comentava que ainda não havia escolhido o lado para o qual iria¹⁵⁵.

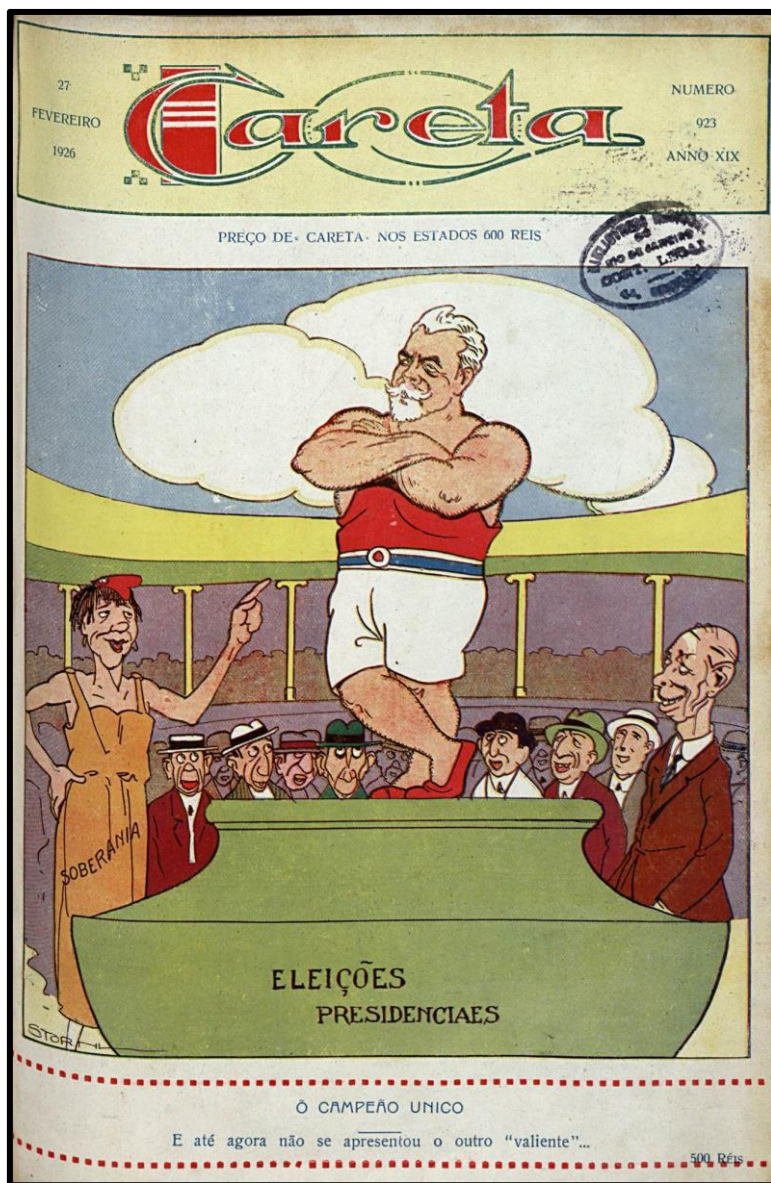
¹⁵³ CARETA. Rio de Janeiro, a. 19, n. 919, 30 jan. 1926.

¹⁵⁴ CARETA. Rio de Janeiro, a. 19, n. 923, 27 fev. 1926.

¹⁵⁵ CARETA. Rio de Janeiro, a. 19, n. 932, 1º maio. 1926.

PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





PRESENCAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS



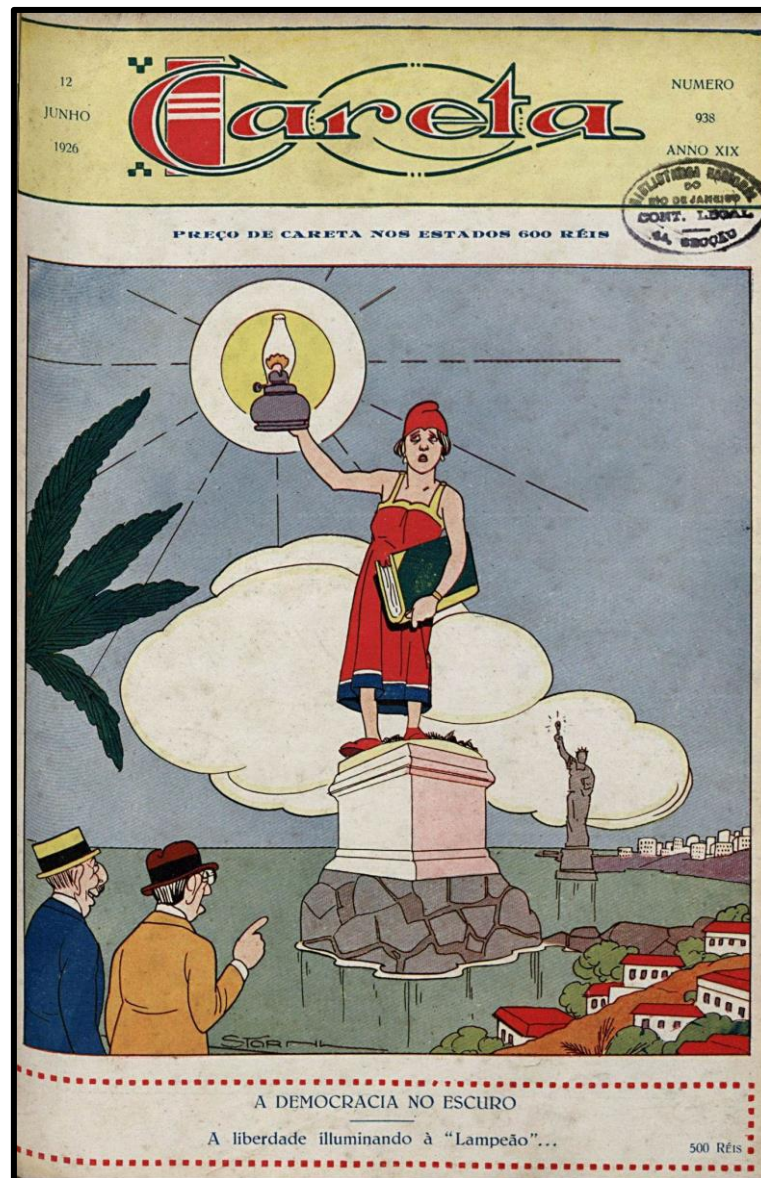
Considerando que a “democracia” brasileira estava no “escuro”, o periódico colocava a imagem da dama republicana como se fosse um monumento, em contraponto com a norte-americana Estátua da Liberdade, que aparecia ao fundo, de modo que considerava as garantias individuais no Brasil mais recalcitrantes, pois a figura feminina estaria a garantir a liberdade com o uso de um lampião, cujo raio de iluminação era bastante limitado, além de fazer referência ao homônimo fora da lei cangaceiro que assustava o Nordeste do país¹⁵⁶. Sobre a possibilidade de atingir as aspirações nacionais, a revista reproduzia gravura que expressava as poucas expectativas em relação a isso, pois o Jeca apontava para uma edificação distante, no alto de uma montanha, identificada com a “democracia”, afirmando que os brasileiros encontravam-se cada vez mais afastados daquele “castelo” com o qual sonhavam, ao passo que, em referência às vivências políticas nacionais, a república argumentava que o povo brasileiro era conduzido “por maus caminhos”¹⁵⁷. A nação republicana morando em uma choupana e alimentando-se de pão puro, recebia a visita do Presidente eleito, que levava presentes e víveres, enquanto o Jeca dizia que aquele era um “estado” não visitado pelo homem público, quer seja, “o ‘estado’ deplorável da nação”¹⁵⁸.

¹⁵⁶ CARETA. Rio de Janeiro, a. 19, n. 938, 12 jun. 1926.

¹⁵⁷ CARETA. Rio de Janeiro, a. 19, n. 952, 18 set. 1926.

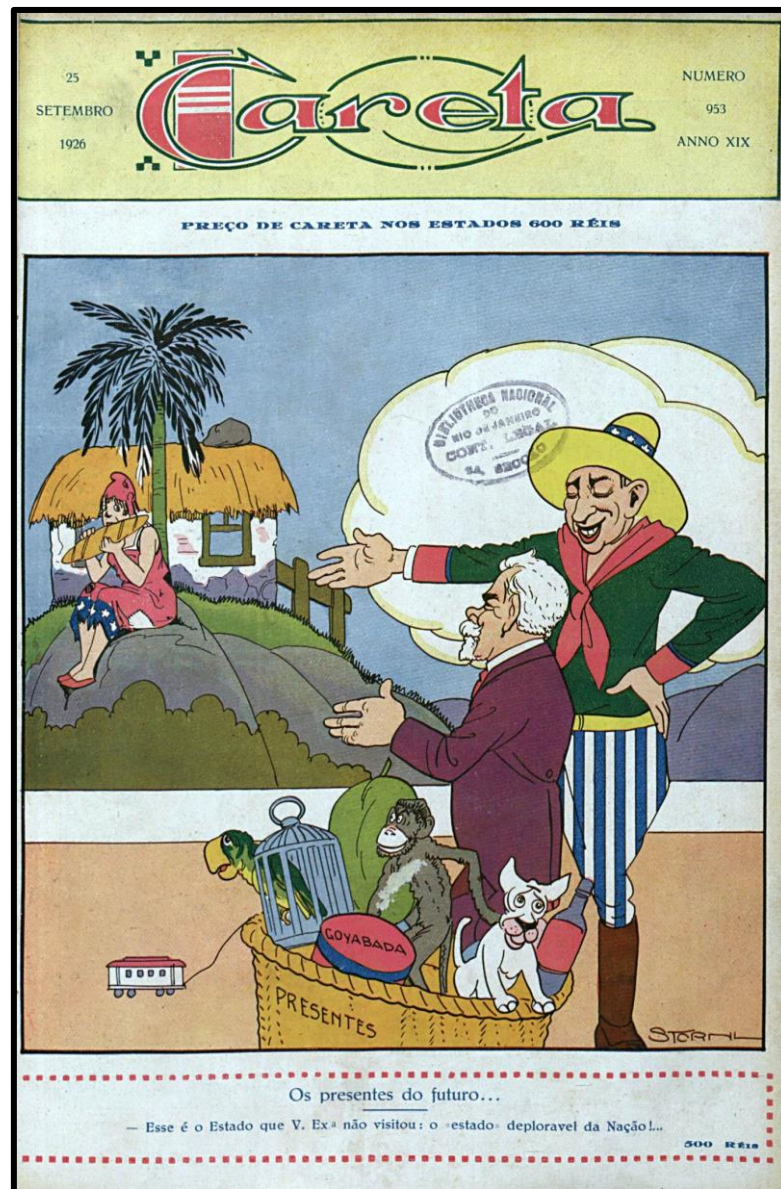
¹⁵⁸ CARETA. Rio de Janeiro, a. 19, n. 953, 25 set. 1926.

PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





PRESENCAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS



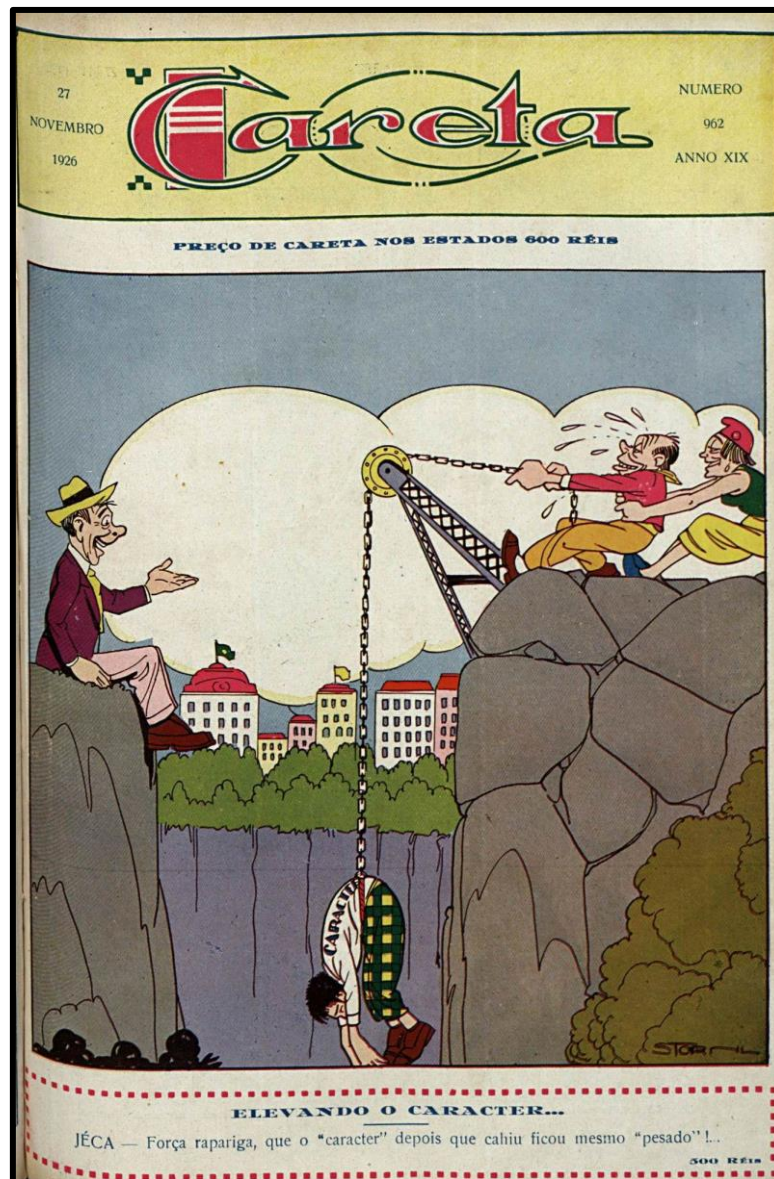
Levando em conta certas índoles e estereótipos atribuídos aos brasileiros, a magazine ilustrada apresentava a república e outro indivíduo em um enorme esforço para, por meio de um sistema de roldana e corrente, elevar o “caráter” nacional, representado por outro personagem que, pendurado, parecia desacordado, ao passo que outro participante da construção iconográfica, avisava que seria necessário bem mais esforço, uma vez que “o ‘caráter’ depois que caiu, ficou mesmo ‘pesado’”¹⁵⁹. Ao traduzir os caminhos nacionais como o transcorrer de um trem nos trilhos, o periódico trazia uma composição em que viajavam a república, a imprensa e o Jeca, o qual reclamava ao “bandeira” – o próprio Presidente – de que mal haviam passado de um túnel e já iriam entrar em outro, ao que este argumentava que pelo menos o próximo seria curto, em referência aos períodos de restrições às liberdades individuais pelos quais o país vinha passando naqueles últimos anos¹⁶⁰. Sob o olhar da mulher-república em trajes de praia, o Presidente acabara de sair de um “banho democrático”, vindo ao encontro de um indivíduo que lhe esperava, elogiando-o por estar banhando-se “de democracia” e oferecendo-lhe “a toalha branca da pacificação”, levando em conta os focos de agitação que resistiam pelo país¹⁶¹.

¹⁵⁹ CARETA. Rio de Janeiro, a. 19, n. 962, 27 nov. 1926.

¹⁶⁰ CARETA. Rio de Janeiro, a. 19, n. 963, 4 dez. 1926.

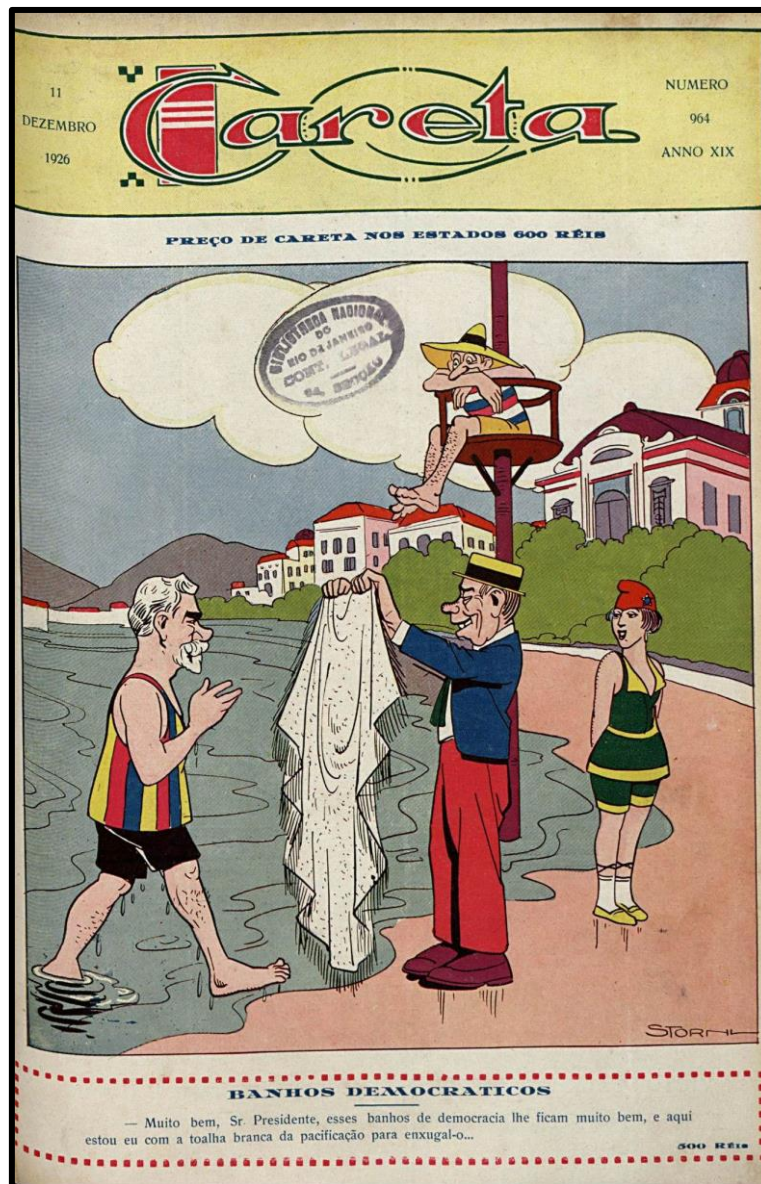
¹⁶¹ CARETA. Rio de Janeiro, a. 19, n. 964, 11 dez. 1926.

PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





PRESENCAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS



O Jeca olhava de longe um automóvel carregado de parlamentares junto da república, todos ébrios e festejando o aumento do subsídio que havia sido recebido no Congresso Nacional, em oposição a um deles que optara pela “pobreza franciscana”, enquanto os demais usufruíam da “estupenda farra” proporcionada pela “queda moral da democracia”¹⁶². Em outro contexto festivo, dessa vez o carnavalesco, em meio a blocos opositores que desfilavam, o carro do governo trazia o Presidente e, sentada sobre o capô, uma mulher-república fantasiada, desnuda, com postura depravada e promíscua, como a combinar com os desmandos que tomavam conta da vida nacional¹⁶³. A respeito de uma reforma constitucional, o Presidente Washington Luís se propunha a realizá-la, tentando colocar os braços na república/constituição, de forma precária, utilizando-se apenas de tachas; sobre tal trabalho, o “Povo” alertava que era necessário cuidado para que os membros amputados a ser recolocados não fossem feitos de cera, em alusão às fraquezas institucionais pelos quais passava o país¹⁶⁴. A respeito da violência e dos malfeitos na conjuntura político-social brasileira, a revista mostrava um político como representação do mal, enquanto o Jeca e a república conversavam sobre a “ação moralizadora e eficaz da justiça”¹⁶⁵.

¹⁶² CARETA. Rio de Janeiro, a. 20, n. 969, 15 jan. 1927.

¹⁶³ CARETA. Rio de Janeiro, a. 20, n. 975, 26 fev. 1927.

¹⁶⁴ CARETA. Rio de Janeiro, a. 20, n. 977, 12 mar. 1927.

¹⁶⁵ CARETA. Rio de Janeiro, a. 20, n. 982, 16 abr. 1927.

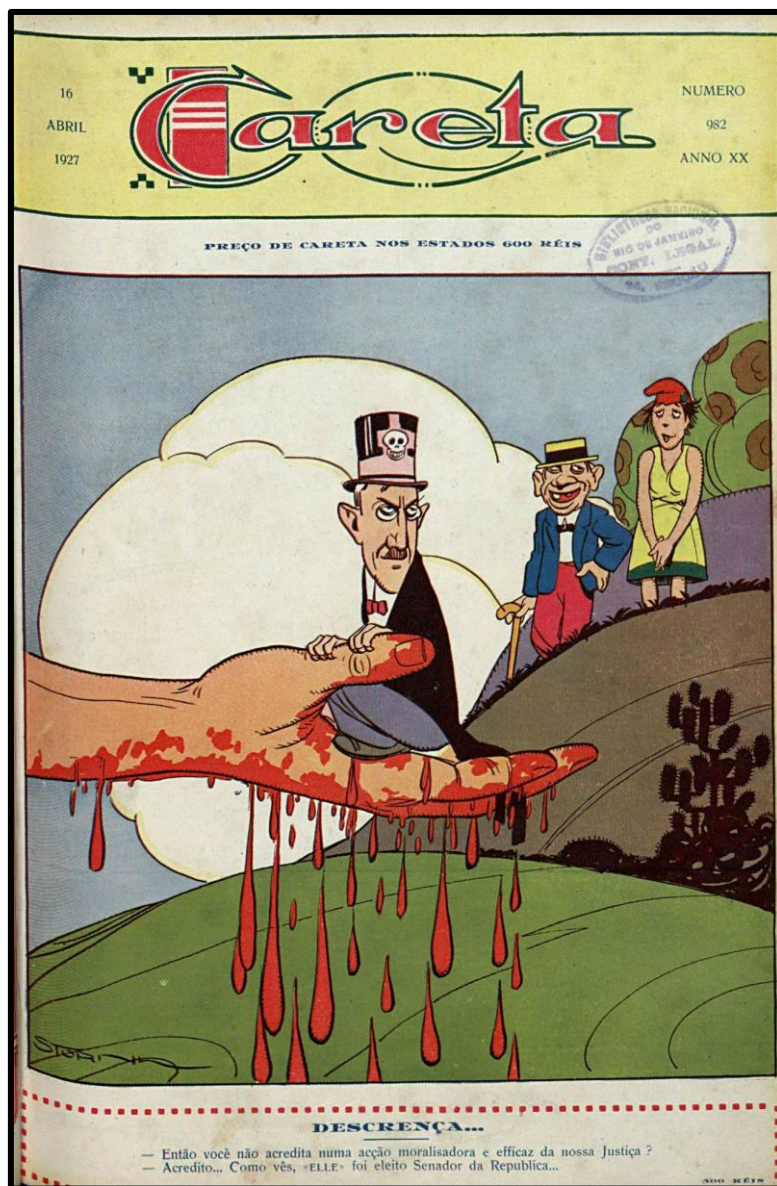
PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





No âmbito das históricas disputas entre Argentina e Brasil pela hegemonia do subcontinente sul-americano, a folha ilustrada mostrava a República Brasileira dirigindo um carro comum, levando o Jeca na carona, ao passo que, do outro lado da fronteira, a Argentina guiava um muito bem armado tanque de guerra, buscando demonstrar o maior empenho do país vizinho na corrida armamentista¹⁶⁶. Ainda quanto à crise das instituições, a dama republicana surgia adoentada “em estado grave”, sendo tratada pelo médico/Presidente Washington Luís, que questionava se ela estaria tomando os medicamentos, enquanto o Jeca, no papel de enfermeiro, explicava que a paciente estava morrendo não por carência de remédios, mas sim “por falta de ‘regime’”¹⁶⁷. Enquanto, na sacada do palácio, o Presidente buscava consolar as tristezas da figura feminina que simbolizava a república, dois transeuntes conversavam na rua, desacreditando naquela boa relação, explicitando que o enlace era “pura fita”, pois, “na realidade”, estariam “divorciados”¹⁶⁸. A partir das atitudes diplomáticas tomadas no seio da Liga das Nações, o periódico trazia o desenho da república, retratada apenas com o seu corpo, braços e pernas, enquanto um político britânico colocava uma “liga” em sua coxa, aparecendo ao fundo o Jeca, desconfiado com tanta intimidade entre o estrangeiro e a mulher que representava o Brasil¹⁶⁹.

¹⁶⁶ CARETA. Rio de Janeiro, a. 20, n. 1015, 3 dez. 1927.

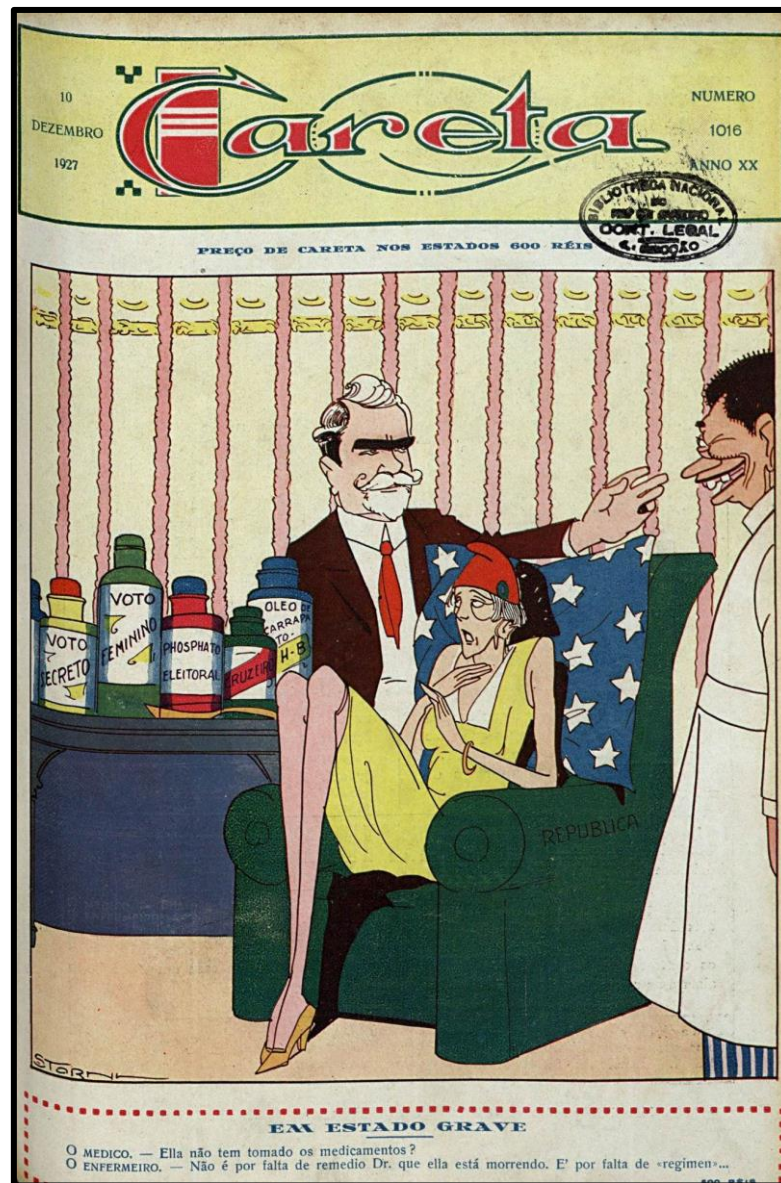
¹⁶⁷ CARETA. Rio de Janeiro, a. 20, n. 1016, 10 dez. 1927.

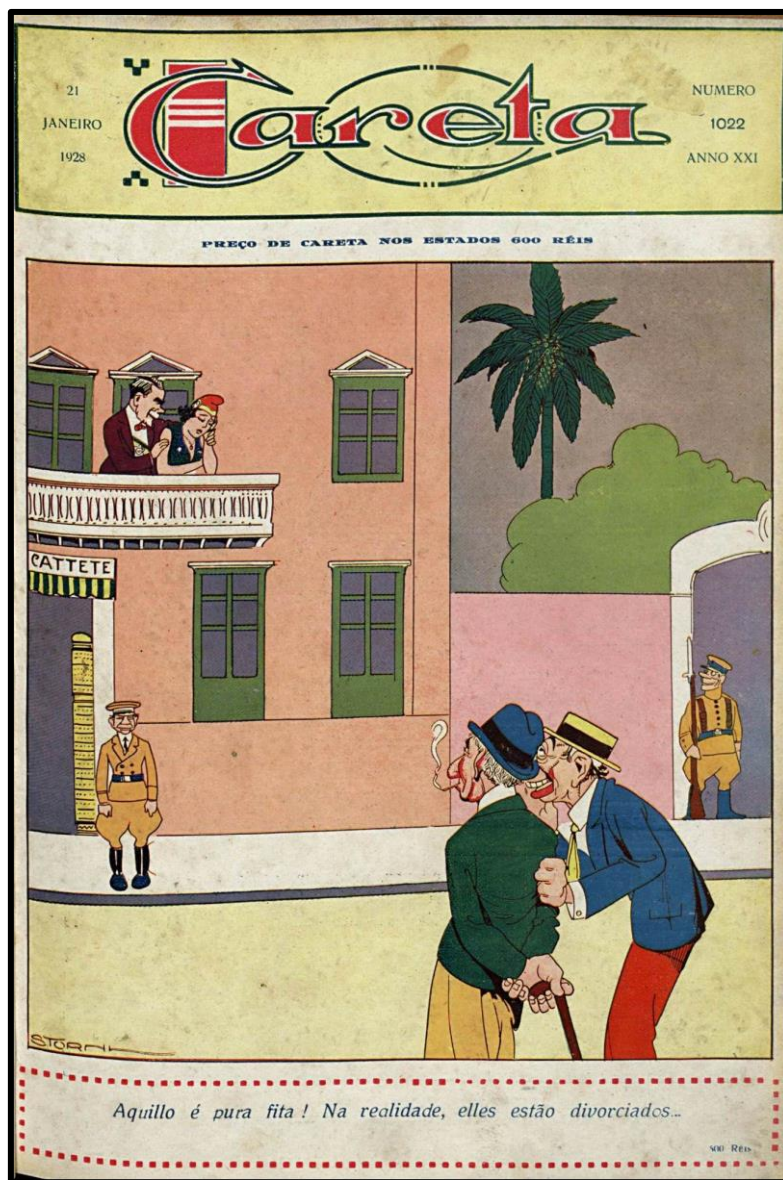
¹⁶⁸ CARETA. Rio de Janeiro, a. 21, n. 1022, 21 jan. 1928.

¹⁶⁹ CARETA. Rio de Janeiro, a. 21, n. 1023, 28 jan. 1928.



PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





PRESENCAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS



Pesando a mão na ironia, a *Careta* mostrou um desfile em homenagem a um “herói e glorioso homem honesto”, o qual era observado pela república, que perguntava o que era aquilo, ao que o morador do Rio de Janeiro respondia que se tratava de uma “estrondosa manifestação” motivada pelo fato de um funcionário público responsável por finanças “não ter dado desfalque algum”, o que era considerado como um “fato extraordinário”, tendo em vista a tradição de desvios de verbas públicas que estaria a caracterizar a vida brasileira, fenômeno simbolizado pela presença na gravura de um gato que se distraía observando a parada, enquanto os ratos, designando os ladrões e autores de malfeitos, escapavam por dutos¹⁷⁰. A dama do barrete frígio protagonizou outra caricatura na qual se encontrava encanecida, alquebrada e com a bolsa – que simbolizava o tesouro nacional – aberta e completamente vazia; ao fundo alguns políticos se deslocavam em camelos em direção oposta à da presença da figura feminina, enquanto, atrás dela, uma ovelha descia por uma declive, em alusão à passividade dos brasileiros; no quadro, sob o argumento de que seria necessário “rejuvenescer a república”, um “fazendeiro” dizia que ela precisaria “de enxerto”, por estar “muito envelhecida pela idade”, obtendo por resposta que aquilo seria impossível, por estar ela “rodeada só de *macacos velhos*”, em referência aos homens públicos brasileiros¹⁷¹.

¹⁷⁰ CARETA. Rio de Janeiro, a. 21, n. 1047, 14 jul. 1928.

¹⁷¹ CARETA. Rio de Janeiro, a. 21, n. 1050, 4 ago. 1928.

PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





A república e o Jeca admiravam-se com as ações do Presidente Washington Luís, que, tal qual um domador de circo, estava se propondo a controlar as dificuldades que cercavam a economia nacional, buscando equilibrar a relação entre receita e despesa, simbolizadas por dois cães que precisariam ser domados, explicitando o autor da tal proeza que teria adotado as providências que se faziam necessárias¹⁷². O otimismo quanto a melhoras no campo econômico, entretanto, parecia não ir muito longe, pois, em mais uma oportunidade em que “fez anos a república”, ela aparecia com um vestido curto e uma sombrinha que lembrava o escudo nacional, enquanto o Presidente explicava ao Jeca que pretendia dar a ela uma vestimenta com mais luxo, mas que isso ficara inviável por ter sido enganado “no saldo da fazenda”¹⁷³. O avanço das forças oposicionistas teria sido visto inicialmente com displicência por parte dos governistas, como mostrava a criação caricatural em que aquelas apareciam em cartaz como protagonistas de um “filme sonoro”, diante do qual os transeuntes se mostravam interessados, ao passo que a imagem da república se limitava a bocejar diante do processo eleitoral¹⁷⁴.

¹⁷² CARETA. Rio de Janeiro, a. 21, n. 1058, 29 set. 1928.

¹⁷³ CARETA. Rio de Janeiro, a. 21, n. 1065, 17 nov. 1928.

¹⁷⁴ CARETA. Rio de Janeiro, a. 22, n. 1108, 14 set. 1929.



PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





A nau do Estado brasileiro se encontrava encalhada, enquanto os “marujos”, divididos entre liberais e conservadores, se digladiavam entre si. Na proa, o “Povo”, debruçado sobre o orçamento, reclamava, constatando que aquele navio só iria “para a frente no dia que se mudar totalmente a tripulação”, enquanto a dama republicana, na costa, assistia a tudo passivamente¹⁷⁵. Em trajes sumários e mais apropriados à época, a república chegou a recorrer a um “profeta”, para descobrir quem seria o futuro Presidente, ao que o suposto adivinho se negou a responder por medo da polícia, em referência à repressão governista que marcava o processo eleitoral brasileiro¹⁷⁶. Tendo em vista o acirramento das disputas eleitorais, o embate entre oposição e governo chegou a ser retratado como uma luta de lanças entre Getúlio Vargas e Júlio Prestes, em quadro pelo qual, enquanto a mulher-república observava à distância, um senador e ex-militar buscava evitar uma “luta fratricida”, lembrando que o Brasil sempre se tratara de um país “de camaradas”¹⁷⁷. Sob a observação da dama do barrete encarnado, e como só a arte poderia fazer, no caso a caricatural, a estátua de Deodoro da Fonseca ganhava vida e, vestido à romana, de espada em punho, concitava um político gaúcho que apoiara a candidatura oposicionista da Aliança Liberal, Batista Luzardo, a ocupar um “lugar histórico e retórico” ao seu lado, “em nome dos princípios republicanos”¹⁷⁸.

¹⁷⁵ CARETA. Rio de Janeiro, a. 22, n. 1109, 21 set. 1929.

¹⁷⁶ CARETA. Rio de Janeiro, a. 22, n. 1114, 26 out. 1929.

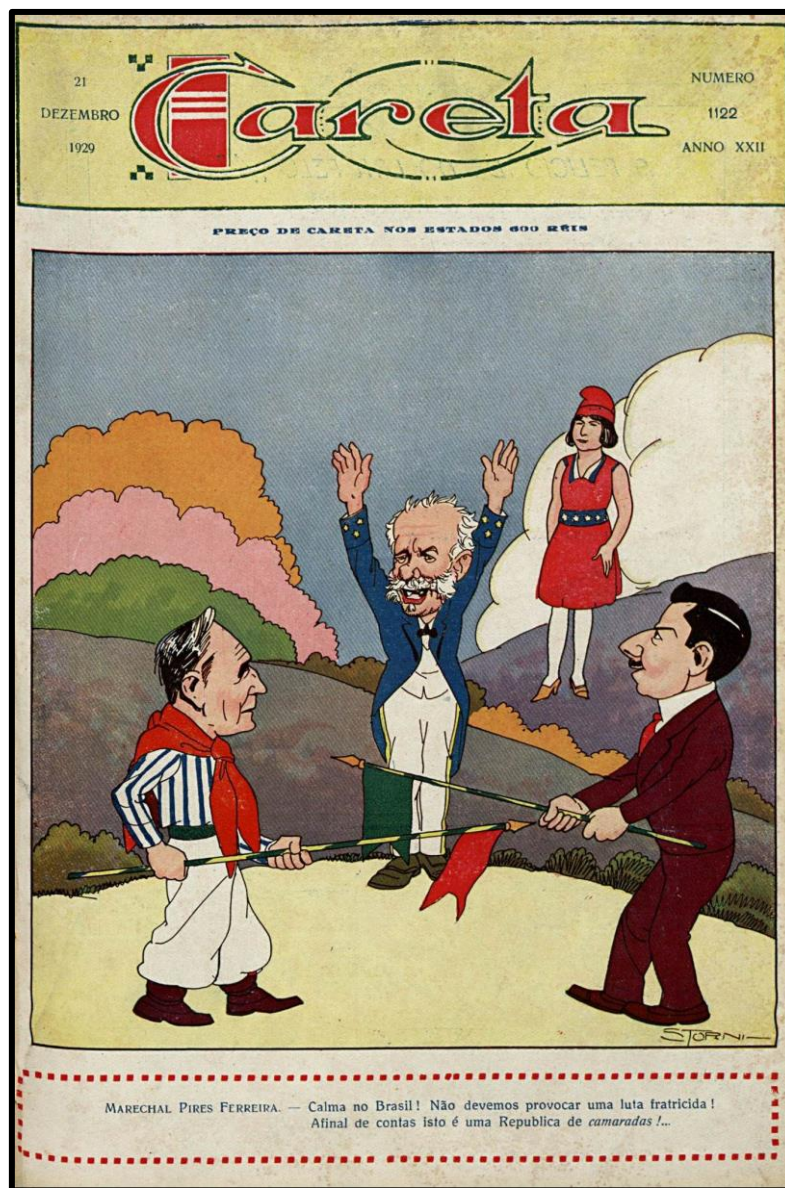
¹⁷⁷ CARETA. Rio de Janeiro, a. 22, n. 1122, 21 dez. 1929.

¹⁷⁸ CARETA. Rio de Janeiro, a. 23, n. 1125, 11 jan. 1930.



PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS



Perante o acirramento dos ânimos políticos e os prenúncios revolucionários, a república se mostrava preocupada com o “profundo abismo entre os brasileiros”, ao que o Zé Povo a tranquilizava, considerando-a ingênua por não perceber que o “espírito da nacionalidade política” brasileira era marcado mais pela adesão e conciliação do que pela ruptura, o que era representado pela ponte no alto do precipício¹⁷⁹. Em uma casa em plena confusão, com a cama quebrada, a constituição rasgada e um quadro simbolizando a mudança na forma de governo de Novembro de 1889 pronto para cair, a dama republicana chorava copiosamente, reclamando que o personagem identificado com o “sufrágio” a havia enganado novamente, ao que o outro respondia malicioso, dizendo que, ao conhecê-lo a tanto tempo, não poderia criar ilusões a seu respeito¹⁸⁰. Ao ver o Jeca afiando uma faca de tamanho desproporcional, a mulher-república perguntava-lhe se estaria pronto para fazer a revolução, obtendo a decepcionante resposta de que aquele instrumento serviria na verdade para dar uma “facada”, ou seja, pedir mais um empréstimo para ingleses e americanos¹⁸¹. Assim a *Careta* utilizou-se largamente do recurso imagético da dama do barrete frígido para encarnar uma simbologia da pátria republicana, sustentando largamente o tom crítico, jocoso e humorado que buscava expressar por meio da arte caricatural. A Revolução de 1930 traria uma “Nova República” e a revista, enquanto pode, manteve a mesma prática.

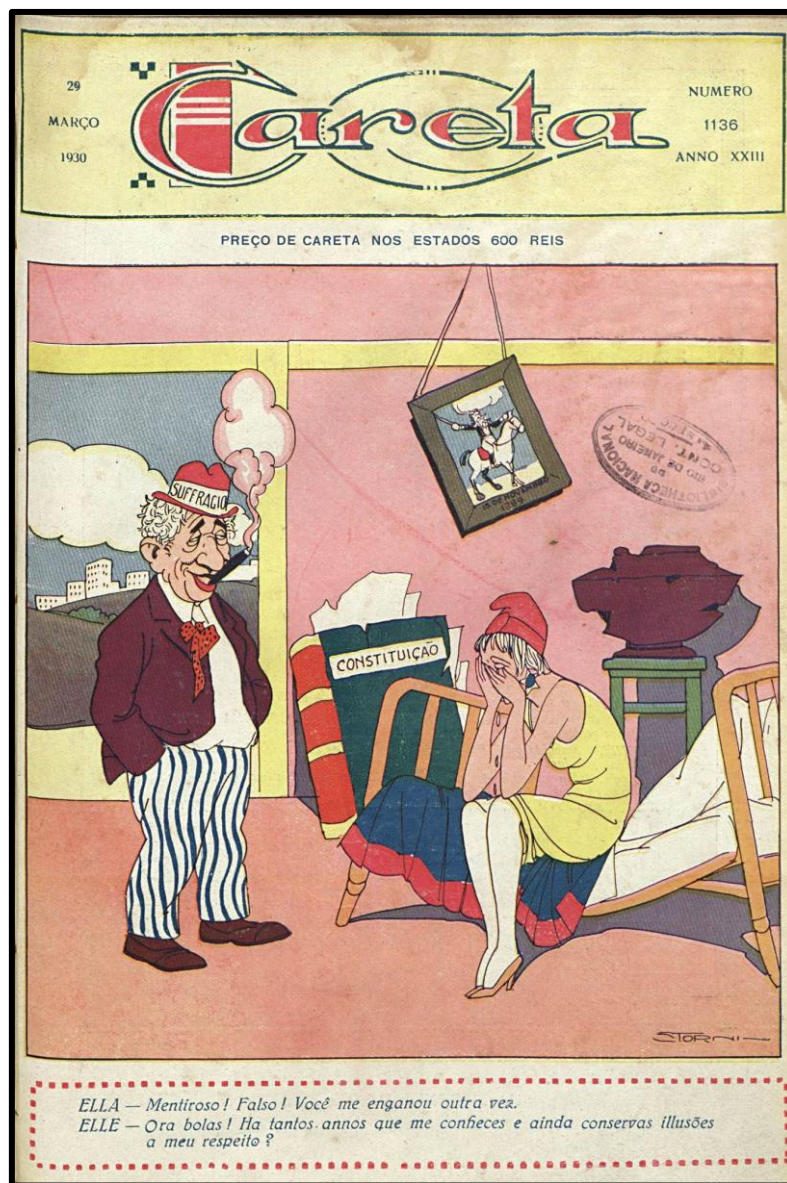
¹⁷⁹ CARETA. Rio de Janeiro, a. 23, n. 1134, 15 mar. 1930.

¹⁸⁰ CARETA. Rio de Janeiro, a. 23, n. 1136, 29 mar. 1930.

¹⁸¹ CARETA. Rio de Janeiro, a. 23, n. 1138, 12 abr. 1930.

PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





PRESENÇAS DA DAMA DO BARRETE ENCARNADO EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS
DURANTE OS DECÊNIOS INICIAIS DOS NOVECENTOS





A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



Coleção Documentos

A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.

